



UNIVERSIDADE DE ÉVORA

ESCOLA DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA

DEPARTAMENTO DE PAISAGEM, AMBIENTE E ORDENAMENTO

**Contributos para a Requalificação Paisagística do
Centro Histórico Medieval de Estremoz**

Volume I

Ricardo Alexandre Gingão Leal

Orientação: Prof. Doutora Rute Sousa Matos

Coorientação: Arquiteto Paisagista António José
Ganhão Serrano

Mestrado em Arquitetura Paisagista

Relatório de Estágio

Évora, Março de 2015

Resumo / Abstract

Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz

Este relatório apresenta os trabalhos realizados durante o estágio na Câmara Municipal de Estremoz. O trabalho desenvolvido responde ao que foi solicitado pela Câmara Municipal e teve como base os princípios adquiridos ao longo da componente académica da licenciatura e mestrado em Arquitetura Paisagista na Universidade de Évora. O presente relatório incide essencialmente na Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz.

Landscape Rehabilitation of the Medieval Historic Center of the City of Estremoz

This report presents the work carried out during the internship at the municipality of Estremoz. The work responds to what was requested by the municipality and was based on the principles acquired during the academic component of undergraduate and master's degree in Landscape Architecture at the University of Évora. This report focuses on the landscape rehabilitation of medieval historic center of the city of Estremoz.

Agradecimentos

Com a realização do presente relatório de estágio encerra-se uma etapa fundamental ao meu crescimento pessoal e profissional – o tempo de Universidade. Foram seis anos marcados pela aprendizagem e convivências, finalizados pela realização deste trabalho.

Agradeço a todas as pessoas que, direta ou indiretamente, contribuíram para a sua concretização bem como para a realização do meu percurso académico, aos meus pais, aos amigos e principalmente à namorada por todo o apoio.

À Câmara Municipal de Estremoz pela oportunidade da realização deste estágio.

À Professora Rute Sousa Matos, minha orientadora de estágio e ao mestre Arquiteto Paisagista António Serrano, meu coorientador, pelo apoio, disponibilidade e conhecimento transmitido, sem a qual o presente relatório não teria sido realizável.

Índice geral

Resumo/ Abstract	2
Agradecimentos	3
1. Introdução	13
1.1. O Estágio	14
1.2. A Metodologia do Estágio	14
1.3. O Relatório	15
2. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Análise	
2.1. Programa e Objetivos	16
2.1.1. Área de Intervenção	17
2.2. Análise à Escala Concelhia	
2.2.1. Atividades Económicas e Desportivas	18
2.2.2. Contextualização Biofísica e Paisagística	19
2.2.2.1. Clima	20
2.2.2.2. Festos e Talwegues	21
2.2.2.3. Bacias Hidrográficas	22
2.2.2.4. Hipsometria	23
2.2.2.5. Declives	24
2.2.2.6. Orientações Dominantes de Encostas	25
2.2.2.7. Geologia e Solos	26
2.2.2.8. Usos do Solo	28
2.2.2.9. A Paisagem	30
- As Unidades de Paisagem	31
- Património Paisagístico	33
2.2.3. Contextualização Histórica do Concelho	35
2.3. Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz	
2.3.1. Análise Social	36
2.3.2. Espaço Edificado	37
2.3.2.1. Evolução Urbana de Estremoz	38
2.3.2.2. Análise Urbana e Arquitetónica	
2.3.2.2.1. Morfologia e Estrutura do Recinto Amuralhado	41
2.3.2.2.2. Espaço Urbano	45
2.3.2.2.3. Arquitetura	48
2.3.2.2.4. Equipamentos	51
2.3.2.2.5. Infraestruturas	52
- Rede Rodoviária	54
• Rede Viária	54
• Fluxos Pedonais	55
• Revestimentos de Superfícies	55
• Iluminação	56
2.3.2.2.6. Plano de Urbanização de Estremoz	57
2.3.3. Património	58
2.3.3.1. Património da Área de Intervenção	62
2.3.3.1.1. Quartéis	64

2.4. Espaço Aberto Público	
2.4.1. Tipologias	66
2.4.1.1. Espaços de Encontro e Circulação	68
2.4.1.2. Espaços de Lazer e de Enquadramento à Muralha	68
2.2.1.3. Espaços de Contemplação – Miradouros	69
2.4.2. Sistema de Vegetação	70
2.4.3. Sistema de Vistas	74
2.4.4. Estrutura Ecológica Urbana	
2.4.4.1. Proposta de EEU	75
2.4.4.2. Espaços Permeáveis vs Impermeáveis	78
2.5. Análise SWOT	79
3. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Diagnose	
3.1. Estratégia	82
3.1.1. Questões Sociais	82
3.1.2. Espaço Edificado	83
3.1.2.1. Infraestruturas - Rede Rodoviária	84
3.1.3. Património	89
3.1.3.1. Antiga Casa da Câmara	90
3.1.3.2. Quartéis	90
3.1.4. Espaço Aberto Público	91
3.1.5. Sistema de Vegetação	92
3.1.6. Sistema de Vistas	93
3.1.7. Estrutura Ecológica Urbana	93
4. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Proposta	
4.1. Objetivos Gerais da Intervenção	95
4.2. Objetivos Específicos	98
A – Interior do Castelo	
4.2.1. Largo de D. Dinis	100
4.2.2. Jardim da Igreja de Sta. Maria	102
4.2.3. Jardim da Rainha Santa Isabel	104
4.2.4. Estacionamento no Interior do Castelo	106
4.2.4.1. Quartel	108
4.2.5. Baluarte das Ferrarias	109
4.2.6. Tapada do Assento e Espaço Adjacente	111
B – Envoltente do Castelo	113
4.2.7. Calçada da Frandina	115
4.2.8. Salto a Cavallo / Bancada	117
4.2.9. Jardim do Arco de Santarém	119
4.2.10. Meio Baluarte de Santo Agostinho	121
C – Bairro de Santiago	123
4.2.11. Baluarte da Nossa Senhora da Saúde	126
4.2.12. Baluarte de Santiago	128
5. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Proposta Final	
5.1. Proposta Geral	
5.1.1. Plano Geral	130

5.1.2. Espaço Edificado	134
5.1.2.1. Vias	134
5.1.2.2. Percursos e Passeios	134
5.1.2.3. Escadas	135
5.1.2.4. Rampas	135
5.1.2.5. Lugares de Estacionamento	135
5.1.2.6. Acessos para utentes com mobilidade reduzida	135
5.1.2.7. Pavimentos	136
5.1.3. Património	
5.1.3.1. Restauro e Conservação na Área de Intervenção	137
5.1.4. Vegetação	
5.1.4.1. Vegetação Arbórea	138
5.1.4.2. Hidrosementeira de Sub-arbustos	143
5.1.4.3. Revestimentos	144
5.1.5. Estrutura Ecológica Urbana	145
5.1.6. Pormenores da Proposta de Requalificação	
5.1.6.1. Demolição do depósito junto à Galeria de Desenho	147
5.1.6.2. Muros e Muretes	147
5.1.6.3. Muros de Suporte	147
5.1.6.4. Mobiliário Urbano e Iluminação	149
5.2. Propostas Pormenorizadas	159
A – Interior do Castelo	
5.2.1. Largo de D. Dinis	155
5.2.2. Jardim da Igreja de Sta. Maria	159
5.2.3. Jardim da Capela Rainha Santa	162
5.2.4. Estacionamento no Interior do Castelo	165
5.2.5. Baluarte das Ferrarias	168
5.2.6. Tapada do Assento e Espaço Adjacente	171
B – Envoltente do Castelo	
5.2.7. Calçada da Frandina	173
5.2.8. Salto a Cavalo / Bancada	176
5.2.9. Jardim do Arco de Santarém	179
5.2.10. Meio Baluarte de Santo Agostinho	181
C – Bairro de Santiago	
5.2.11. Baluarte da Nossa Senhora da Saúde	184
5.2.12. Baluarte de Santiago	187
5.2.12.1. Proposta Alternativa para o Baluarte de Santiago	190
5.2.13. Quartéis de Santiago	192
6. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz – Considerações Finais	
6.1. Considerações Finais	196
Referências Bibliográficas	198

Índice de Figuras

2. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Análise

2.1.1. Área de Intervenção

Figura 01 - Ortofotomapa da cidade de Estremoz com delimitação da área de intervenção

Figura 02 - Ortofotomapa da área de intervenção

2.2.2. Contextualização Biofísica e Paisagística

Figura 03 - Imagem aérea com localização da cidade de Estremoz

Figura 04 - Festos e Talvegues

Figura 05 - Hierarquia das Bacias Hidrográficas do Concelho de Estremoz

Figura 06 - Hipsometria

Figura 07 - Declives

Figura 08 - Orientações Dominantes de Encostas

Figura 09 - Anticlinal de Estremoz de Estremoz

Figura 10 - Usos do Solo

Figura 11 - A Paisagem

2.3.2. Espaço Edificado

Figura 12 - Mapa da cidade de Estremoz no séc. XIV

Figura 13 - Mapa da cidade de Estremoz no séc. XVI

Figura 14 - Mapa da cidade de Estremoz no séc. XVIII

Figura 15 - Sistema de Fortificação de Estremoz

Figura 16 - Cerca Duocentista de Estremoz

Figura 17 - Castelo de Estremoz

Figura 18 - Couraça de Estremoz

Figura 19 - Planta do Castelo de Estremoz e Bairro de Santiago – 1819

Figura 20 - Ortofotomapa do Castelo de Estremoz

Figura 21 - Fotografia representativa da secção das ruas no interior do Castelo

Figura 22 - Ortofotomapa do Bairro de Santiago

Figura 23 - Alçado das fachadas no Interior do Castelo

Figura 24 - Calçada Portuguesa de Estremoz

Figura 25 - Fotografia da Rua da Rainha Santa Isabel

2.3. Património

Figura 26 - Ortofotomapa com a localização dos Quartéis

Figura 27 - Planta e perfis dos Quartéis do Bairro de Santiago

Figura 28 - Quartel no interior do Castelo

2.4. Espaço Aberto Público

2.4.1. Tipologias

Figura 29 - Ortofotomapa com as Tipologias

Figura 30 - Largo de D. Dinis

Figura 31 - Arruamento do Bairro de Santiago

Figura 32 - Calçada da Frandina

Figura 33 - Baluarte de Santiago

2.4.3. Sistema de Vistas

Figura 34 - Fotografia das vistas do topo da Torre de Menagem

2.4.4. Estrutura Ecológica Urbana

Figura 35 - Proposta de Estrutura Ecológica Urbana

2.4.4.2. Espaços Permeáveis vs Impermeáveis

Figura 36 - Ortofotomapa demonstrativo das áreas permeáveis

3. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Diagnose

3.1.2. Espaço Edificado

Figura 37 - Esquema da situação atual e proposta, respetivamente, para a Rua da Frandina

Figura 38 - Ortofotomapa com as orientações de tráfego propostas

Figura 39 - Esquema do Perfil de rua proposto

Figura 40 - Fotografia da Porta do Arco de Santarém

Figura 41 - Fotografia da Porta de Évora

3.1.3. Património

Figura 42 - Antiga Casa da Câmara

Figura 43 - Quartéis do Bairro de Santiago

3.1.4. Espaço Aberto Público

Figura 44 - Esquema representativo de espaços abertos públicos proposto

4. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Proposta

4.2. Objetivos Específicos

Figura 45 - Ortofotomapa com delimitação dos locais alvo de intervenção

A - Interior do Castelo

4.2.1. Largo de D. Dinis

Figura 46 - Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do Largo de D. Dinis

4.2.2. Jardim da Igreja de Sta. Maria

Figura 47 - Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço junto à Igreja de Sta. Maria e Galeria de Desenho

4.2.3. Jardim da Capela da Rainha Santa

Figura 48 - Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço do jardim da Rainha Santa Isabel

4.2.4. Estacionamento no Interior do Castelo

Figura 49 - Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço adjacente ao quartel

4.2.4.1. Quartel

Figura 50 - Quartel que se pretende reabilitar

4.2.5. Baluarte das Ferrarias

Figura 51 - Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do Baluarte das Ferrarias

4.2.6. Tapada do Assento e Espaço Adjacente

Figura 52 - Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço da Praça da Rua do Assento e espaço adjacente

B – Envoltente do Castelo

4.2.7. Calçada da Frandina

Figura 53 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual da Calçada da Frandina

4.2.8. Salto a Cavalo

Figura 54 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço do salto a cavalo

4.2.9. Jardim do Arco de Santarém

Figura 55 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do local do Arco de Santarém

4.2.10. Meio Baluarte de Santo Agostinho

Figura 56 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do local do Meio Baluarte de Santo Agostinho

C – Bairro de Santiago

4.2.11. Baluarte de Santiago

Figura 57 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do local do Baluarte da Nossa Senhora da Saúde

4.2.12. Baluarte de Nossa Senhora da Saúde

Figura 58 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do local do Baluarte de Santiago**5. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz – Proposta Final**

5.1.1. Plano Geral

Figura 59 – Plano Geral – Sem Escala

5.1.5. Estrutura Ecológica Urbana

Figura 60 – Proposta de Estrutura Ecológica Urbana para a proposta

5.1.6. Pormenores da Proposta de Requalificação

Figura 61 – Esquema exemplificativo dos muretes e muros de alvenaria

Figura 62 – Esquema exemplificativo muros de suporte com revestimento em mármore e alvenaria

Figura 63 – Banco de Mármore e Aço

Figura 64 – Banco de Mármore em situação de encosta

Figura 65 – Mesa de Merendas

Figura 66 – Papeleira

Figura 67 – Pilarete

Figura 68 – Guarda em Aço

Figura 69 – Sinalética

Figura 70 – Luminárias

Figura 71 – Estendais – Corte frontal

Figura 72 – Estendais – Imagem aérea

5.2. Propostas Pormenorizadas

A – Interior do Castelo

5.2.1. Largo de D. Dinis

Figura 73 – Imagem atual e da proposta para o do Largo de D. Dinis

Figura 74 – Planta do Largo de D. Dinis

Figura 75 – Pormenor do Pavimento

5.2.2. Jardim da Igreja de Sta. Maria

Figura 76 – Imagem atual e da proposta para o Jardim da Igreja de Sta. Maria

Figura 77 – Planta do Jardim da Igreja de Sta. Maria

5.2.3. Jardim da Rainha Santa Isabel

Figura 78 – Imagem atual e da proposta para o Jardim da Capela da Rainha Santa

Figura 79 – Planta do Jardim da Capela da Rainha Santa

5.2.4. Estacionamento no Interior do Castelo

Figura 80 – Imagem atual e da proposta para o Estacionamento no Interior do Castelo

Figura 81 – Planta do Estacionamento no Interior do Castelo

5.2.5. Baluarte das Ferrarias

Figura 82 – Imagem atual e da proposta para o Baluarte das Ferrarias

Figura 83 – Planta do Baluarte das Ferrarias

5.2.6. Tapada do Assento e Espaço Adjacente

Figura 84 – Imagem atual e da proposta para a Tapada do Assento e Espaço Adjacente

Figura 85 – Planta do Tapada do Assento e Espaço Adjacente

B – Envoltente do Castelo

5.2.7. Calçada da Frandina

Figura 86 – Imagem atual e da proposta para a Calçada da Frandina

Figura 87 – Planta da Calçada da Frandina

5.2.8. Salto a Cavalos / Bancada

Figura 88 – Imagem atual e da proposta para o Salto a Cavalos / Bancada

Figura 89 – Planta do Salto a Cavallo / Bancada

5.2.9. Jardim do Arco de Santarém

Figura 90 – Imagem atual e da proposta para o Jardim do Arco de Santarém

Figura 91 – Planta do Jardim do Arco de Santarém

5.2.10. Meio Baluarte de Santo Agostinho

Figura 92 – Imagem atual e da proposta para o Meio Baluarte de Santo Agostinho

Figura 93 – Planta do Meio Baluarte de Santo Agostinho

C – Bairro de Santiago

5.2.11. Baluarte da Nossa Senhora da Saúde

Figura 94 – Imagem atual e da proposta para o Baluarte da Nossa Senhora da Saúde

Figura 95 – Planta do Baluarte da Nossa Senhora da Saúde

5.2.12. Baluarte de Santiago

Figura 96 – Imagem atual e da proposta para o Baluarte de Santiago

Figura 97 – Planta do Baluarte de Santiago

Figura 98 – Planta Alternativa do Baluarte de Santiago – sem escala

5.2.13. Quartéis De Santiago

Figura 99 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Vista da Entrada

Figura 100 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Vista da Cozinha

Figura 101 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Vista do Quarto

Figura 102 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Sala

Figura 103 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Cozinha

Figura 104 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Quarto

Figura 105 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – wc

Créditos das figuras

Todas as figuras apresentadas neste documento são da nossa autoria, exceto as figuras cuja fonte é indicada junto das mesmas.

Índice de Anexos

Anexos - Peças Desenhadas

Volume II – Cartas Análise

- Esquema de Tráfego
- Esquema de Fluxos Pedonais
- Carta de Património
- Esquema da Vegetação
- Estrutura Ecológica Urbana - Existente
- Esquema de Permeabilidade

Volume III - Plantas Gerais

- Plano Geral
- Plano de Acessibilidades
- Estrutura Ecológica Urbana - Proposta

Volume IV - Catálogo de Perspectivas e Imagens

Volume V - Plantas Técnicas

- Plano de Plantação
- Plantas Técnicas Pormenorizadas

1.Introdução

Concluída a licenciatura em Arquitetura Paisagista no ano letivo de 2011/12, iniciei a frequência do mestrado em 2012/13. Sentindo que ao longo da nossa formação, tanto na licenciatura como no mestrado, a componente prática era insuficiente perante a componente teórica procurámos complementar esta lacuna através da escolha da realização de um estágio e posteriormente de um relatório de estágio como trabalho de mestrado. Além deste motivo, a escolha da realização de um estágio deveu-se também ao facto de no domínio profissional da Arquitetura Paisagista, o projeto, ter sido sempre a área para a qual nos sentimos, desde cedo, vocacionados.

A decisão de realizar um estágio estava então tomada desde a licenciatura, pois um estágio visa não só a aplicação e consolidação dos conhecimentos adquiridos ao longo do percurso académico, mas sobretudo a aquisição de novas competências profissionais, permitindo posteriormente, uma melhor facilidade na iniciação da prática da profissão.

O local de estágio foi a Câmara Municipal de Estremoz que, por se situar relativamente perto do nosso local de residência, apresentava também os seus desafios, pela quantidade de património que possui tornando-se portanto, uma oportunidade de ganhar conhecimentos relacionados com prática da Arquitetura Paisagista e com a experiência de estagiar no sector público. A duração do estágio foi de 6 meses, com início em Janeiro de 2014 e fim em Junho de 2014, tendo o trabalho incidido sobre a reabilitação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz.

A realização de um estágio e a posterior elaboração deste relatório reflete o culminar da minha formação académica na área de Arquitetura Paisagista e o início da minha formação profissional.

1.1. O Estágio

Como é do conhecimento geral, Estremoz apresenta um vasto património cultural, histórico, arquitetónico e paisagístico. Uma vez que era do nosso desejo ter uma experiência que envolvesse questões patrimoniais, quer pelo desafio que apresentam, quer pelo nosso interesse nas questões históricas e do “genius loci” dos espaços, este estágio tornou-se a oportunidade esperada.

Em Janeiro de 2014 iniciámos o estágio na Câmara Municipal de Estremoz, no Sector de Gestão Urbanística, Planeamento e Projeto Municipal, sob orientação do mestre Arquiteto Paisagista António Serrano e orientação académica da Arquiteta Paisagista Prof.^a Doutora Rute Sousa Matos.

Em termos de carga horária foram estabelecidas as normais 8 horas diárias, entre as 9:00 e as 18:00 com uma hora de intervalo para almoço.

1.2. A Metodologia do Estágio

A metodologia de trabalho neste estágio foi bastante rigorosa e organizada. Através de uma análise metódica e aprofundada tentámos apreender o máximo de conhecimento acerca do Concelho de Estremoz, tendo começado a uma escala mais geral e aprofundado esta análise até à escala da área sobre a qual este relatório se debruça.

Com a análise efetuada as principais questões e problemas a serem equacionados e resolvidos na área de intervenção ficaram claros, tendo-se posteriormente procedido à elaboração de propostas base tendo como alicerce estes problemas. Estas propostas base foram sendo atualizadas consoante as novas problemáticas e questões que iam surgindo ao longo da elaboração do estágio. Quando chegámos, consensualmente, a uma proposta final iniciámos, então, a elaboração deste relatório que, ao longo da sua evolução, foi também contribuindo para a proposta final que é aqui apresentada.

1.3. O Relatório

Este relatório encontra-se dividido em 4 grandes secções apresentadas em seguida:

- Análise;
- Diagnose;
- Proposta;
- Proposta Final.

A Análise da área de intervenção engloba:

Análise à Escala Concelhia

- Atividades Económicas e Desportivas;
- Contextualização Biofísica e Paisagística;
- Contextualização Histórica;

Análise ao Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz

- Análise Social;
- Análise ao Espaço Edificado;
- Análise à Evolução Urbana de Estremoz;
- Análise Urbana e Arquitetónica;
- Análise Patrimonial;
- Análise ao Espaço Aberto Público;
- Análise SWOT;

A Diagnose da área de intervenção engloba:

- Estratégia;
- Questões Sociais;
- Espaço Edificado;
- Património;
- Espaço Aberto Público;
- Sistema de Vegetação;
- Sistema de Vistas;
- Estrutura Ecológica Urbana;

A Proposta base da área de intervenção engloba:

- Estabelecimento dos objetivos gerais da intervenção;
- Estabelecimento dos objetivos específicos para diferentes locais;

A Proposta Final apresenta:

- Proposta Geral;
- Propostas Pormenorizadas.

2. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Análise

2.1. Programa e Objetivos

É intenção da Câmara Municipal de Estremoz desenvolver uma candidatura do seu centro histórico a Património da Humanidade, através da UNESCO, tendo por base a singularidade do seu desenvolvimento urbano associado à tipologia dos materiais construtivos utilizados e às estruturas fortificadas que envolvem as amplas praças que, também elas existem devido a razões militares. Assim sendo, e no contexto destas intenções da Câmara Municipal, surge este trabalho cujo objetivo é a Reabilitação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz. Para cumprir tal objetivo foi desenvolvido um projeto, ao nível do Estudo Prévio, com destaque para as ações a desenvolver no âmbito da Arquitetura Paisagista, incidindo principalmente sobre as seguintes vertentes:

- Proposta Geral para toda a área de intervenção:
 - Plano Geral – escala 1:750;
 - Plano de Acessibilidades - ordenamento do trânsito e do estacionamento – escala 1:1500;
 - Plano de Plantação – escala 1:750;
- Requalificação paisagística dos espaços abertos públicos envolventes ao núcleo medieval da cidade;
- Requalificação e integração dos espaços abertos públicos do interior da muralha medieval;
- Requalificação paisagística dos espaços abertos públicos no Bairro de Santiago.

Está também prevista a concretização de um plano de pormenor de salvaguarda para a definição e delimitação de uma Área de Reabilitação Urbana, no centro histórico de Estremoz, com o objetivo de desenvolver ações de recuperação do património edificado e paisagístico que o integram.

2.1.1. Área de Intervenção

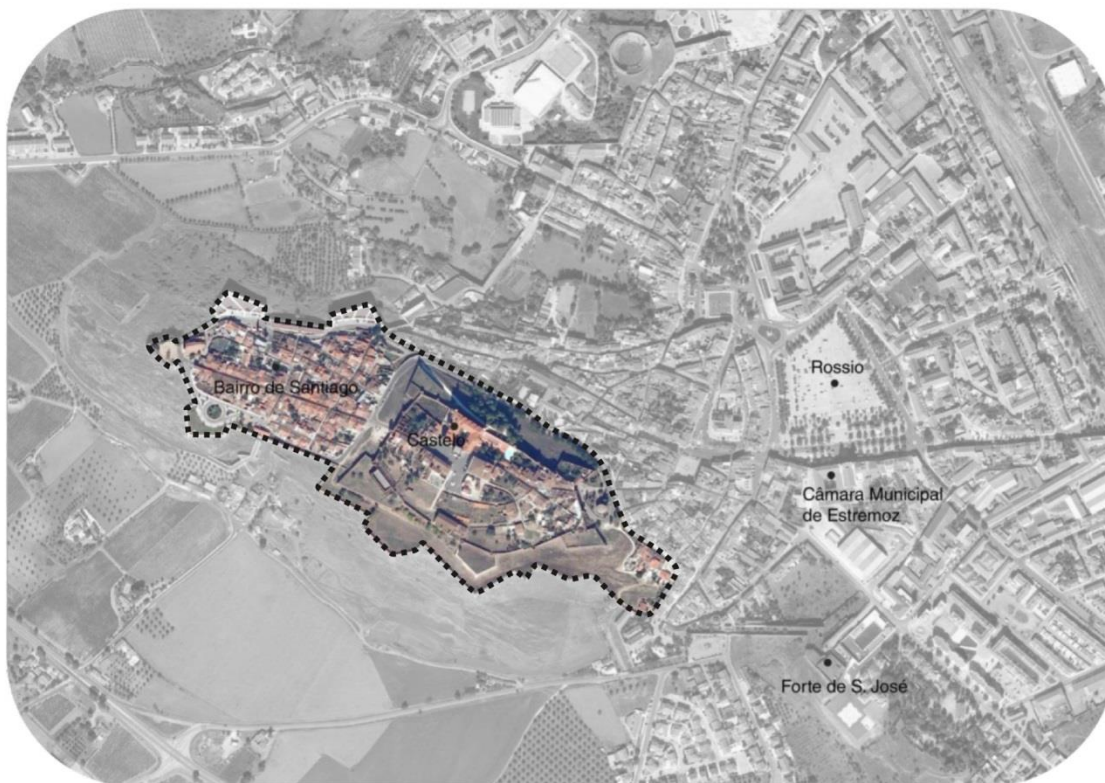


Figura 01 – Ortofotomapa da Cidade de Estremoz com delimitação da área de intervenção
Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala



Figura 02 – Ortofotomapa da área de Intervenção
Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz (2010) – Sem escala

2.2. Análise à Escala Concelhia

2.2.1. Atividades Económicas e Desportivas

No Concelho de Estremoz a distribuição por sectores de atividade é a seguinte: sector primário com 17,5 %, sector secundário com 28,8 % e sector terciário com 61,7 %. (Câmara Municipal de Estremoz, 2010, p.134)

Segundo o mesmo plano as principais atividades económicas do concelho estão relacionadas com a exploração e extração do mármore, seguindo-se a atividade agrícola nas áreas da produção florestal, produção de sequeiro, produção de olivicultura e produção vinícola. No que toca a atividade industrial predomina a agro-indústria, sendo de realçar a existência de fábricas de lacticínios, fábricas de enchidos, suiniculturas de média dimensão, lagares de azeite, cooperativas agrícolas e adegas vinícolas.

Para além das atividades económicas já referidas existem várias formas de artesanato, tais como trabalho em talha da madeira, chifre, cortiça, couro, papel, mármore e barro. (Carrasquinho)

Das atividades desportivas sobressaem a caça e a pesca, que adquirem grande importância socio-cultural e económica quer por se apresentarem como um simples recurso natural mas também por constituírem uma atividade lúdica possível de introduzir turismo. (Clube Português de Monteiro, 2012). No concelho de Estremoz, que pertence à 4ª região cinegética (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas), destacam-se as espécies cinegéticas autóctones, entre elas o coelho, a lebre, a perdiz, os tordos, o estorninho-malhado e o pombo torcaz. (Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas, 2014) Por sua vez nos cursos de água e albufeiras pode pescar-se o achigã.

2.2.2. Contextualização Biofísica e Paisagística

O concelho de Estremoz situa-se no Alentejo Central e insere-se numa região conhecida pelos seus mármore, denominada “Zona dos Mármore”, que agrupa também os municípios do Alandroal, Borba e Vila Viçosa. (Câmara Municipal de Estremoz, 2006, p.31)

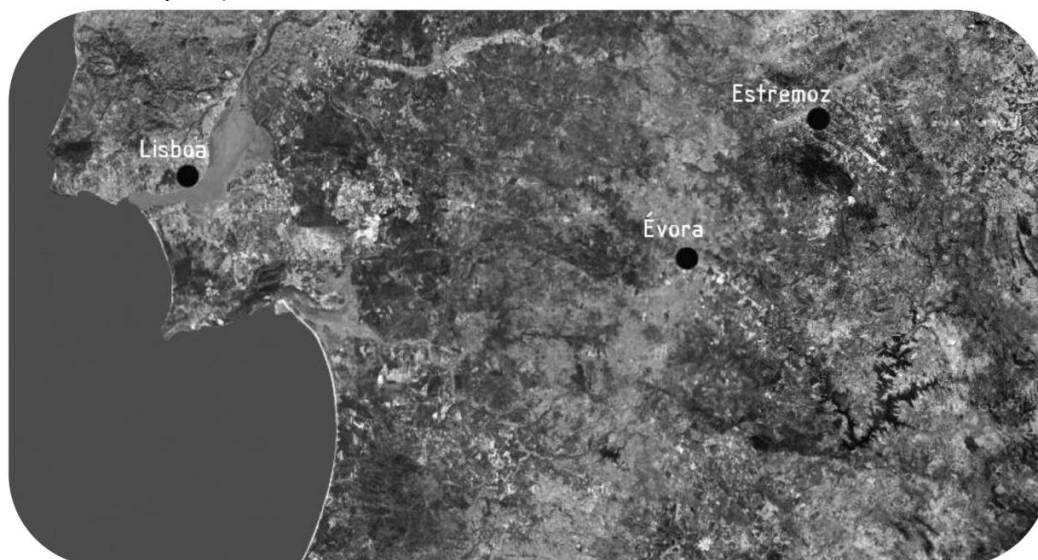


Figura 03 – Imagem aérea com localização da cidade de Estremoz
Fonte: Bing Maps [Jan. 2014]

É constituído por nove freguesias, com um total de cerca de 14mil habitantes, e ocupa uma área total de 514 km². É delimitado a Norte pelos concelhos de Sousel, Fronteira e Monforte, a Sul pelos concelhos de Évora e Redondo, a Nascente pelos de Borba e Monforte e a Poente pelos de Sousel, Arraiolos e Évora. (Câmara Municipal de Estremoz)

Estremoz goza de uma posição geográfica privilegiada, devido à sua localização estratégica situada no cruzamento de dois importantes eixos de desenvolvimento: Lisboa-Madrid e Faro-Guarda. (Câmara Municipal de Estremoz, 2006, p.31)

No concelho encontramos um vasto e qualificado património histórico, arquitetónico, paisagístico e cultural com vestígios desde a época romana. A arquitetura é característica do Alentejo, dominada pela brancura das casas, que se deve também à utilização de mármore branco aplicado em molduras de janelas, soleiras de portas, degraus, no empedrado das calçadas, e ainda, como revestimento das fachadas de edifícios.

2.2.2.1. Clima

O Concelho de Estremoz, encontra-se inserido nas Zonas Ecológicas Submediterrânica e Submediterrânica × Ibero-Mediterrânica (Albuquerque, 1957), apresentando um clima de influência maioritariamente Mediterrânica e Atlântica caracterizado por elevadas amplitudes térmicas. (Câmara Municipal de Estremoz, 2010, p. 126)

A temperatura média anual varia entre os 15°C e os 17,5°C e a humidade relativa do ar pode atingir os 65% a 70% nos meses de Inverno, descendo bastante no Verão. (Câmara Municipal de Estremoz, 2010, p. 126)

Verifica-se um aquecimento acentuado na época estival (Julho a Setembro) com período seco bem demarcado, onde se situam os máximos de temperatura e onde as temperaturas médias mensais atingem valores superiores a 20º C. Os invernos são frios onde as temperaturas mínimas registam médias mensais inferiores a 10º C. (Câmara Municipal de Estremoz, 2010, p. 126)

Estremoz apresenta uma precipitação média anual variável entre os 500 mm a 800 mm, ainda que o intervalo de precipitação mais frequente seja de 600 mm a 700 mm. (Plano Municipal de Emergência e Protecção Civil, 2010, p. 126) O quantitativo pluviométrico anual do concelho é pouco significativo e o seu regime, como já foi referido, apresenta um período seco bem demarcado, correspondente à época estival, concentrando-se os meses mais pluviosos no Inverno. (Câmara Municipal de Estremoz, 2006, p.34)

Os ventos sopram predominantemente dos quadrantes Noroeste e Norte. Dadas estas características o território sofre, portanto, a influência, durante parte significativa do ano, de massas de ar com trajeto atlântico, o que condiciona as características climatéricas da área tornando-a ventosa. (Câmara Municipal de Estremoz, 2006, p.34)

2.2.2.2. Festos e Talvegues

As linhas de festo principais apresentam uma orientação sudeste-noroeste. Por sua vez os festos secundários (relativamente aos principais) têm uma orientação norte-sul e fazem a separação das diferentes linhas de água existentes no concelho. É de destacar o festo principal a sul do Concelho, que faz a divisão das bacias hidrográficas do Tejo e Guadiana, assim como o festo secundário que divide os dois principais talvegues e respetivas bacias: a Bacia da ribeira de Tera e a Bacia da Ribeira de Ana Loura. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

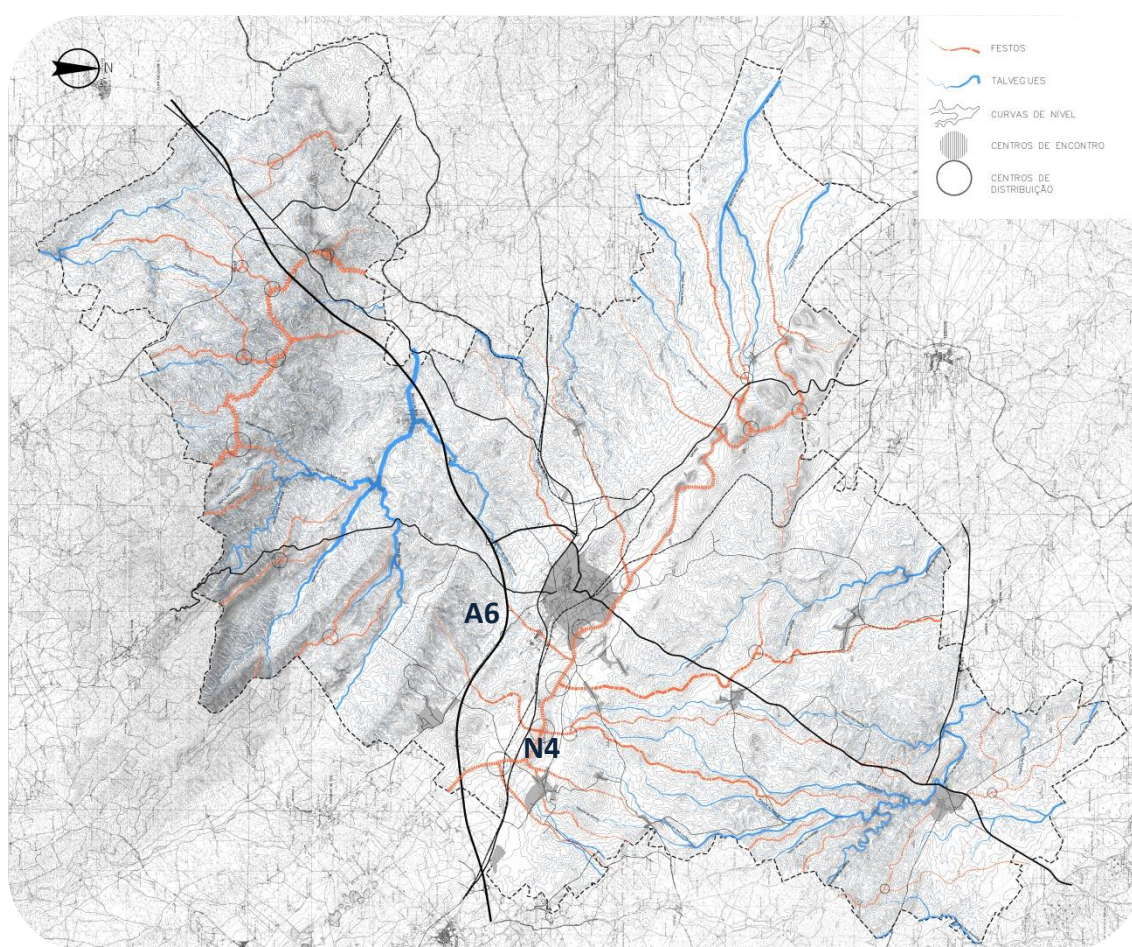


Figura 04 – Festos e Talvegues

Fonte: Revisão PDM Estremoz 2008 – Sistema Biofísico e Paisagístico

Os talvegues mais importantes pertencem ambos à bacia hidrográfica do Tejo - a Ribeira de Tera e a Ribeira de Ana Loura. Verificam-se também outros talvegues de importância relativa para o concelho, que são afluentes destas duas linhas de água que irão ser referidos de seguida. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

2.2.2.3. Bacias Hidrográficas

O concelho de Estremoz encontra-se integrado, na sua grande maioria, na Bacia Hidrográfica do Rio Tejo e, parcialmente, na Bacia Hidrográfica do Rio Guadiana. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

Os recursos hídricos superficiais são constituídos por um conjunto de linhas de água, na sua maior parte pertencentes ao troço inicial da sub-bacia do Rio Sorraia, correspondentes aos afluentes da Ribeira de Seda que atravessam o território concelhio numa orientação Sudeste-Noroeste. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

Hierarquia das Bacias Hidrográficas do Concelho de Estremoz:

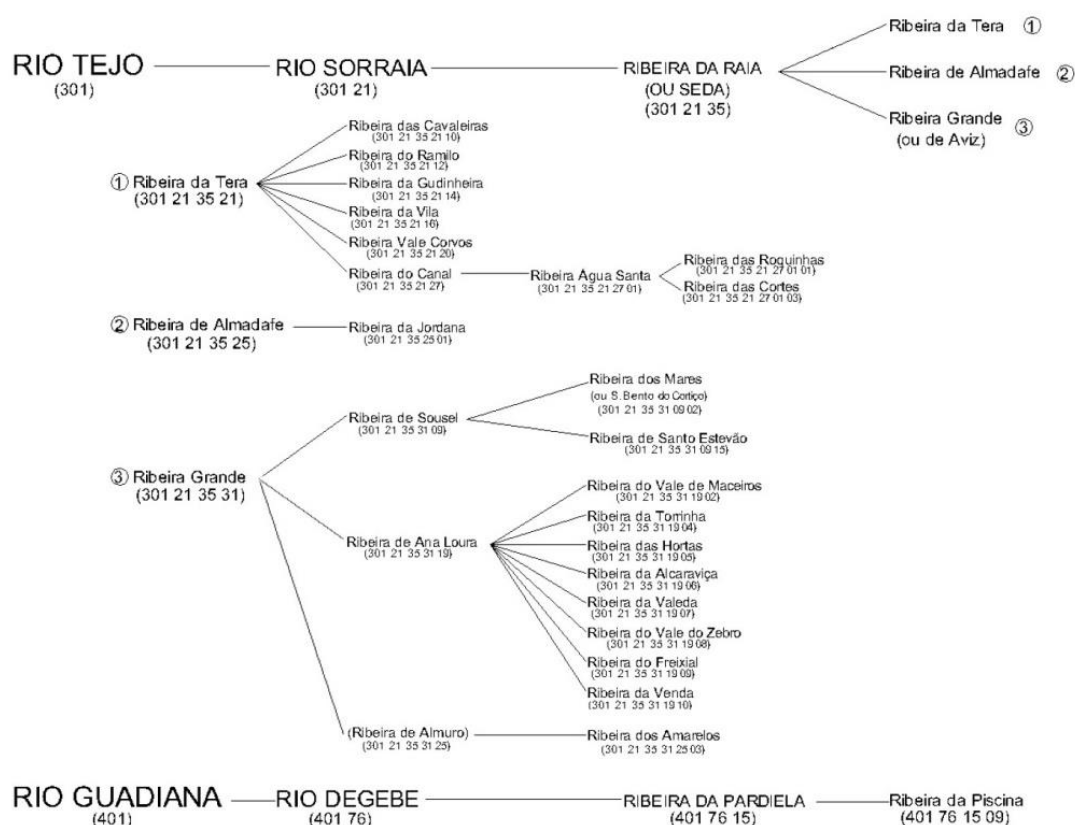


Figura 05 – Hierarquia das Bacias Hidrográficas do Concelho de Estremoz
Fonte: Revisão PDM Estremoz 2008 – Sistema Biofísico e Paisagístico

2.2.2.4. Hipsometria

As cotas variam entre 210 e 655m no concelho de Estremoz. O relevo caracteriza-se por uma concentração das cotas acima dos 315 em duas zonas do concelho correspondentes à serra d'Ossa e ao Maciço Calcário de Estremoz-Borba que demarcam três zonas mais baixas, associadas às bacias hidrográficas da Ribeira de Tera, Ana Loura e a da Pardiela. Por sua vez a restante área do concelho situa-se abaixo dos 315, mais concretamente entre a cota 216 e 300. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

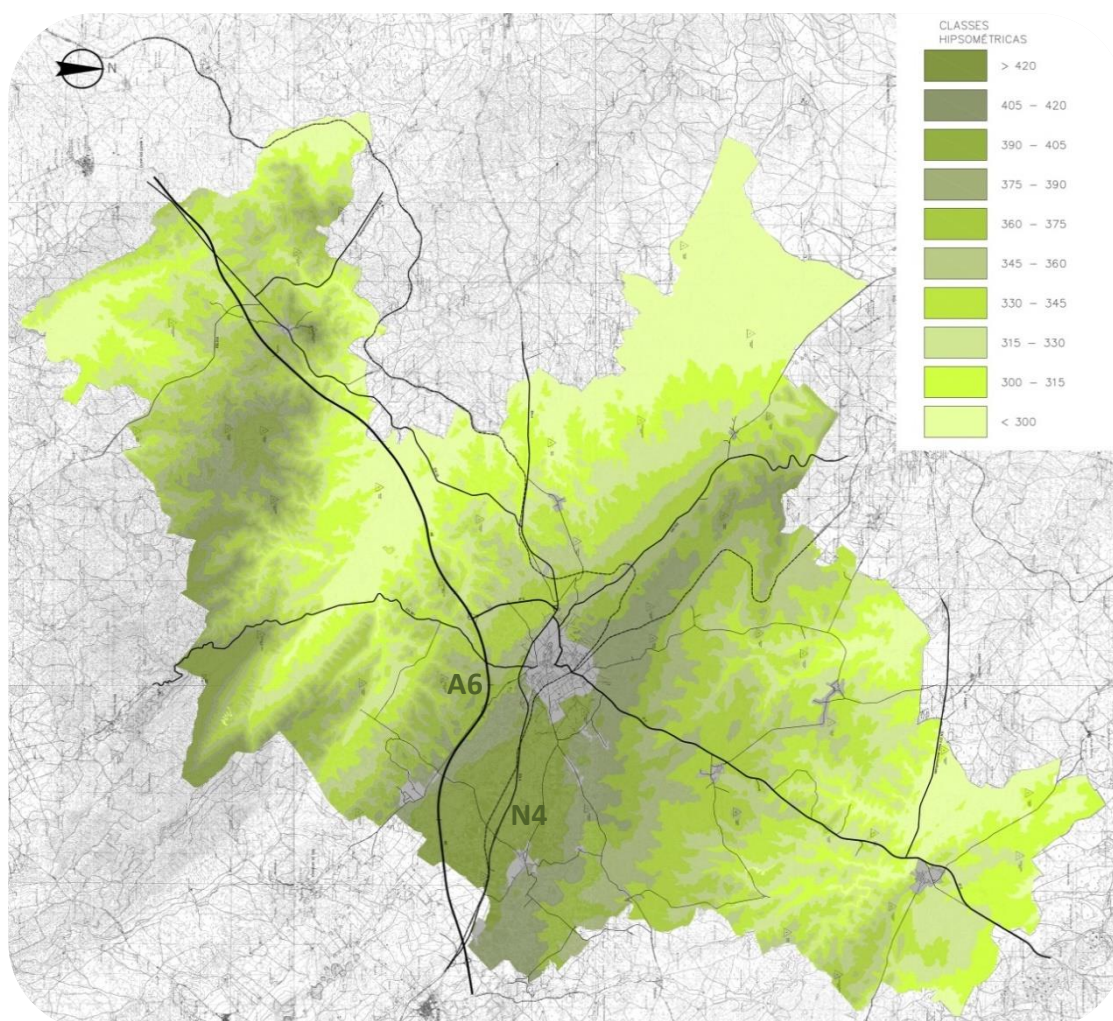


Figura 06 – Hipsometria

Fonte: Revisão PDM Estremoz 2008 – Sistema Biofísico e Paisagístico

A cidade de Estremoz situa-se numa elevação que atinge os 448m de altitude, onde se situa o núcleo medieval de Estremoz que pela sua posição dominante torna possível admirar a paisagem que se estende a seus pés. (Câmara Municipal de Estremoz)

2.2.2.5. Declives

No concelho de Estremoz temos um domínio de declives planos e suaves, variando maioritariamente entre os 0 e os 22,5%. (Câmara Municipal de Estremoz, 2010, p.123)

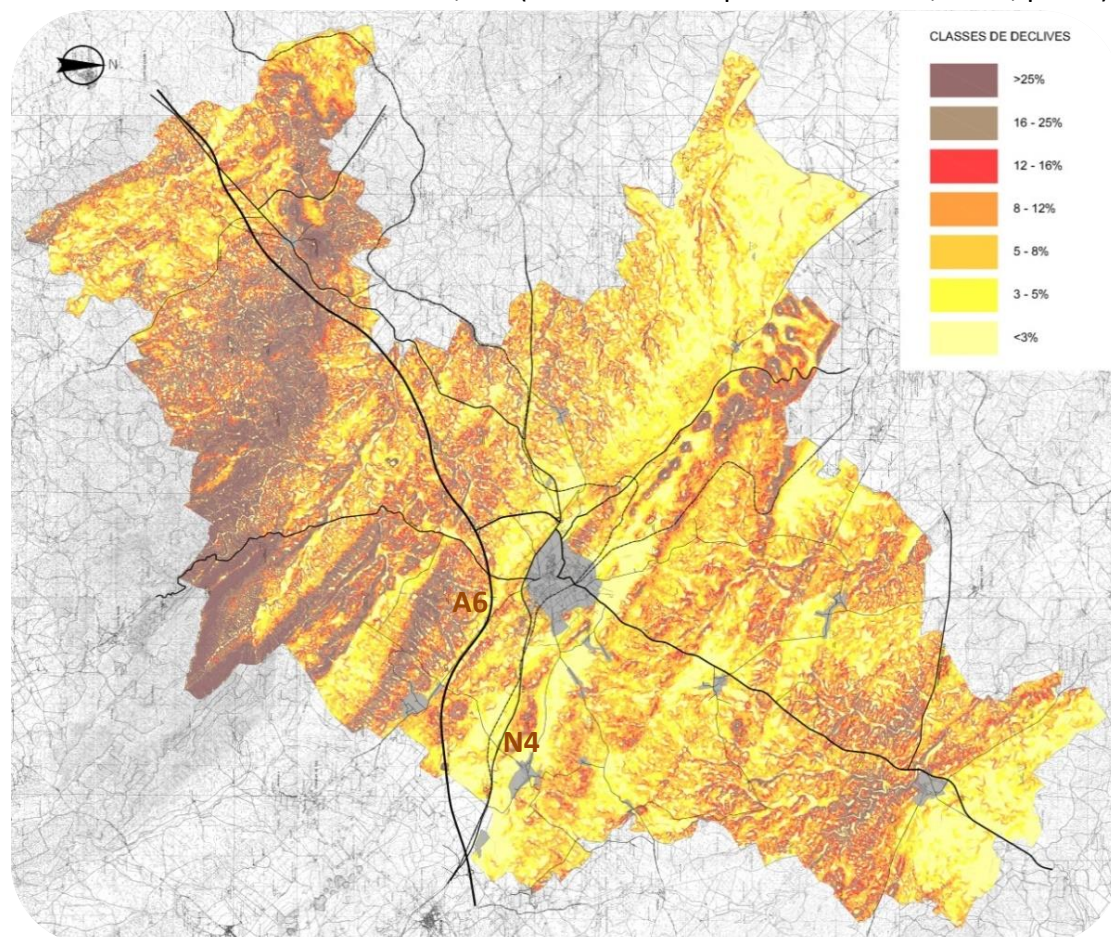


Figura 07 – Declives

Fonte: Revisão PDM Estremoz 2008 – Sistema Biofísico e Paisagístico

Na zona norte o concelho é caracterizado por declives suaves, acentuando-se nas linhas de água. Na zona central, correspondente ao Maciço Calcário de Estremoz - Borba, predominam os declives suaves, com as exceções do alinhamento de colinas pertencentes à Serra de S. Miguel e, o relevo a Sudeste da autoestrada A6. A zona sul, onde se localiza a Serra d'Ossa, é dominada por declives elevados a muito elevados, que se estendem até Evoramonte. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

Em suma o relevo é suave a ondulado em grande parte do Concelho de Estremoz, sendo caracterizado pela existência de algumas formações montanhosas de baixa altitude em contraste com a peneplanície alentejana, de onde se destacam a Serra D'Ossa e outras serras de menor expressão.

2.2.2.6. Orientações Dominantes de Encostas

A Norte e Nordeste de Estremoz predominam as exposições frias constituídas pelas orientações Norte, Noroeste e Nordeste. As encostas quentes, constituídas pelas encostas orientadas a Sul, Sudeste e Sudoeste, e as frias encontram-se bem definidas devido à forma linear das linhas de Fecho e Talvegues dos afluentes da Ribeira de Ana Loura. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

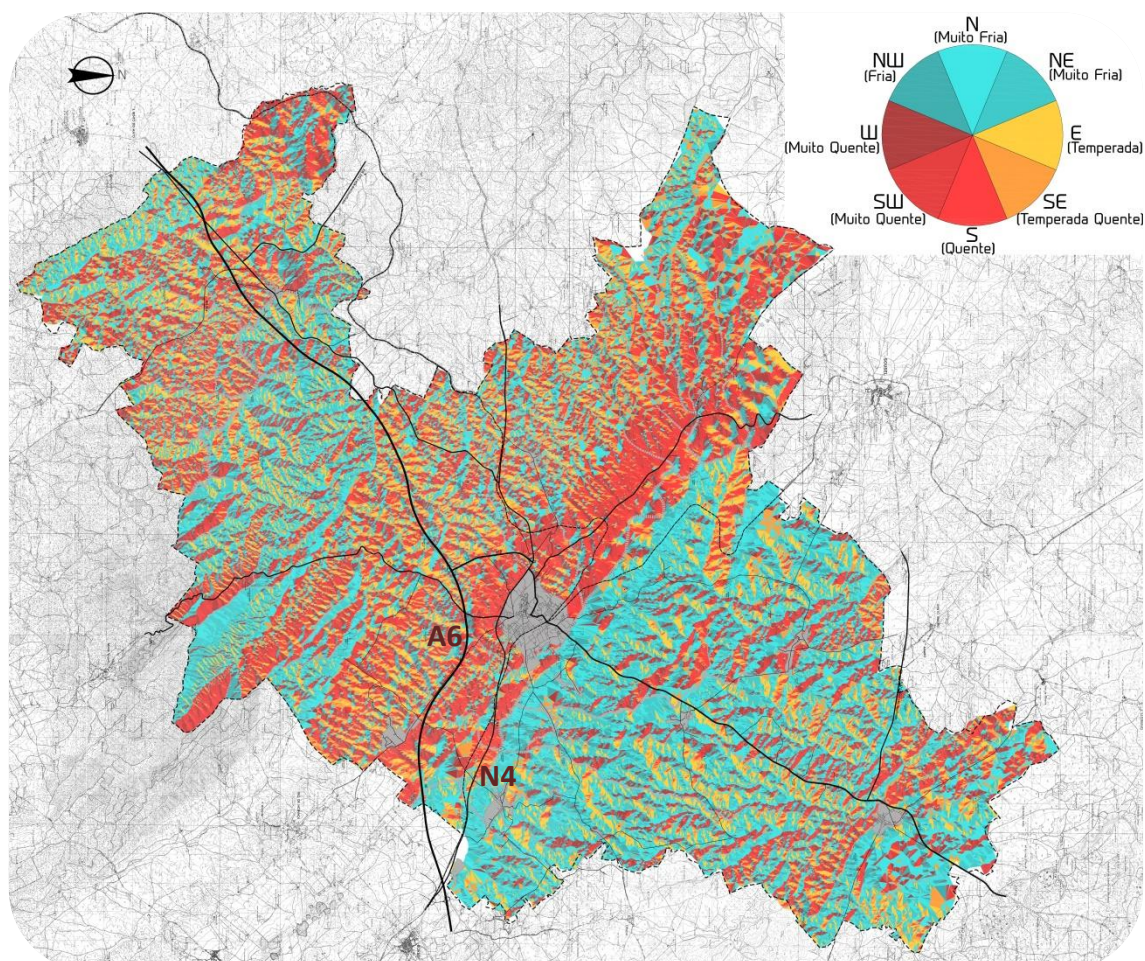


Figura 08 – Orientações Dominantes de Encostas

Fonte: Revisão PDM Estremoz 2008 – Sistema Biofísico e Paisagístico

A zona Central é marcada pela linha de cumeada do maciço calcário de Estremoz, com orientação Sudeste-Noroeste, originando uma faixa contínua de domínio das exposições quentes com orientações de Sul a Oeste. Por sua vez a Sul desenvolve-se o relevo ondulado, com maior heterogeneidade de orientações, sem o domínio claro de uma. Com exceção da Serra d'Ossa onde encontramos uma faixa contínua de domínio das orientações de Sul a Oeste. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

2.2.2.7. Geologia e Solos

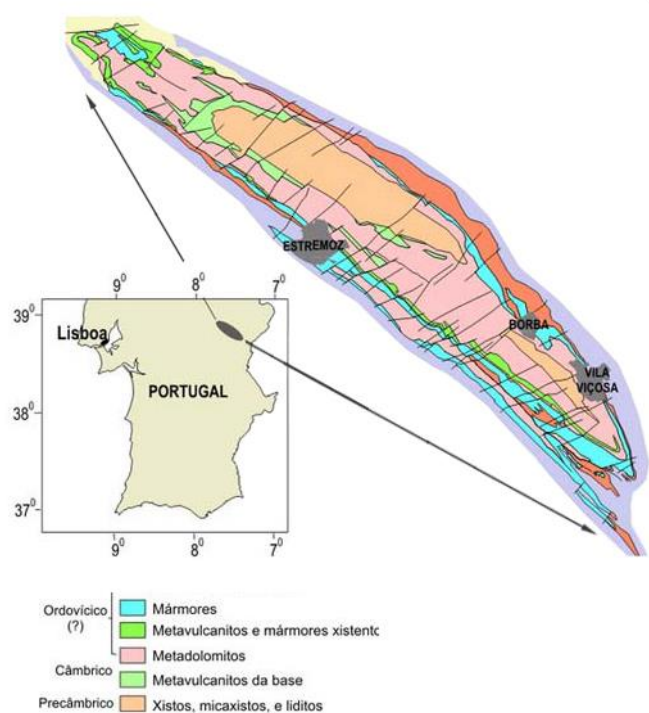


Figura 09 – Anticlinal de Estremoz de Estremoz
 Fonte: Instituto Geológico y Minero de España

Portugal continental é formado por três grandes unidades geológicas: o Maciço Antigo, as Orlas Mesocenoicas e as Bacias do Tejo e do Sado. (Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação)

O Maciço Antigo, também designado de Maciço Hespérico, ou Ibérico, representa cerca de dois terços do território e encontra-se dividido em 3 unidades que se distinguem pelas diferenças geotectónicas e hidrogeológicas: (Almeida, Mendonça, Jesus, Gomes, 2000)

- Zona Centro-Ibérica (ZCI);
- Zona de Ossa-Morena (ZOM);
- Zona Sul-Portuguesa (ZSP).

É na Zona de Ossa-Morena, onde o Precâmbrico é revestido Câmbrico, que encontramos algumas formações de rochas carbonatadas, que por metamorfismo, originaram mármores como os que encontramos no anticlinal de Estremoz.

(Introdução Rochas Ornamentais, n.d.) Esta zona torna-se portanto uma das principais unidades tectono-estratigráficas do orógeno hercínico que se desenvolveu entre o Devónico e o Carbónico. (Midões, Falé, Henriques, Vintém)

As formações carbonatadas provenientes do anticlinal de Estremoz marcam a nascente da cidade a paisagem devido à sua exploração e extração que adquire grande importância sócio económica na área. O anticlinal de Estremoz adquire uma relevância maior ao enquadrar também um importante sistema aquífero, o sistema aquífero Estremoz-Cano. (Midões, Falé, Henriques, Vintém)

Este anticlinal apresenta uma forma elíptica com 45x8km e prolonga-se desde as proximidades do Cano-Sousel até ao Alandroal, remontando pelo menos há 600 milhões de anos. A caracterização geológica do concelho de Estremoz é desta forma dominada pela existência do Anticlinal de Estremoz. (Lopes)

Em Portugal o anticlinal de Estremoz representa a única estrutura geológica em exploração praticamente contínua e crescente nos últimos sessenta anos. A superior qualidade dos mármore de Estremoz fez com que este fosse reconhecido pela sua qualidade, tanto a nível nacional como internacional. Desde o Período Romano, o mármore de Estremoz tem sido explorado, não sendo de estranhar que este tenha sido utilizado em monumentos romanos Portugueses, como os encontrados em Conimbriga, mas também de Espanha, como é exemplo a Medina Azhara em Córdoba. (Lopes)

2.2.2.8. Usos do Solo

Quanto à ocupação do solo, constata-se que a maior parte da área do Concelho está dividida em áreas agrícolas e florestais, com 46,5% (23.911,3 hectares) e 44,0% (22.623,1 hectares), respetivamente, sendo pouco representativas as restantes classes de ocupação do solo. (Câmara Municipal de Estremoz, 2010, p.130)

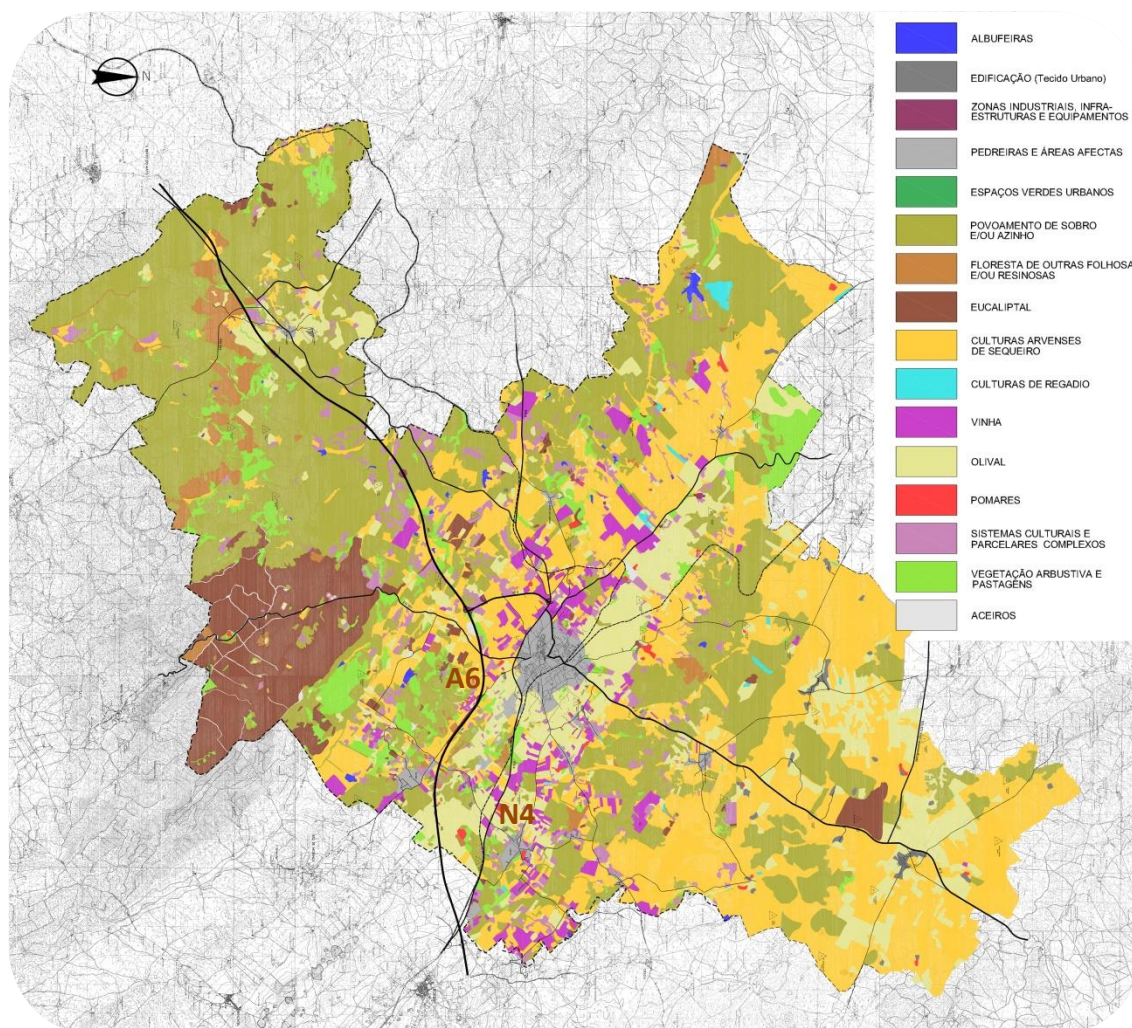


Figura 10 – Usos do Solo

Fonte: Revisão PDM Estremoz 2008 – Sistema Biofísico e Paisagístico

Os usos do solo dominantes correspondem ao montado de sobro e ou azinho e a áreas agrícolas de culturas anuais de sequeiro, com especial relevância para os cereais. A maior área contínua de montado surge no sul e as manchas de culturas arvenses no centro do Concelho. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

O olival ocupa com maior expressão a área correspondente aos solos calcários, a Norte da cidade de Estremoz e a Sul, próximo da freguesia de Évoramonte. Por sua vez é visível uma mancha de eucaliptal associada à Serra de Ossa. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

A vinha encontra-se com bastante expressão, ainda que de forma dispersa na zona central do concelho, o que se deve ao aproveitamento dos melhores solos para a cultura da vinha. A vinha tem vindo a substituir a cultura dos cereais, contando-se em Estremoz cerca de vinte adegas. Existem ainda algumas manchas ocupadas com pomares, pinhal, e matos mediterrânicos, dispersos um pouco por todo o concelho. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

2.2.2.9. A Paisagem

Em suma, o território concelhio apresenta um clima de influência maioritariamente Mediterrânica e Atlântica e sofre o efeito de massas de ar com trajeto atlântico, sendo também caracterizado por elevadas amplitudes térmicas.

De uma forma geral é possível sintetizar as características biofísicas do concelho da seguinte maneira:

Zona Norte do Concelho

- Presença de linhas de fecho principais com orientação sudeste-noroeste;
- As ribeiras da Ana Loura e da Alcraviça são as mais relevantes;
- Cotas mais baixas do concelho associadas às bacias hidrográficas da Ribeira de Tera da Ana Loura;
- Declives Suaves que se acentuam nas linhas de água;
- Domínio das orientações Norte, Nordeste e Nordeste;
- Domínio das áreas agro/silvo pastoris e do Olival e Montado;

Zona Central do Concelho

- Presença de linhas de fecho principais com orientação sudeste-noroeste;
- A ribeira de Tera é a mais relevante;
- Cotas no geral abaixo de 315m com exceções dentro do maciço calcário Estremoz-Borba onde surge a elevação do núcleo medieval de Estremoz que atinge os 448m de altitude;
- Declives Suaves, com exceções nas colinas pertencentes à Serra de S. Miguel e no relevo a Sudeste da autoestrada A6;
- Domínio das orientações de Sul a Oeste;
- Domínio das culturas arvenses e pratenses de sequeiro e da vinha;

Zona Sul de Concelho

- Presença do festo principal que faz a divisão das bacias hidrográficas do Tejo e do Guadiana;
- A ribeira da Pardiela é a mais relevante;
- Cotas superiores a 315m associada à Serra D'ossa;
- Declives elevados a muito elevados associados à Serra D'ossa;
- Não existe um domínio claro, com exceção da Serra d'Ossa onde dominam as orientações de Sul a Oeste;
- Domínio do Montado, olival e eucaliptal;

As Unidades de Paisagem

O Concelho de Estremoz insere-se nas seguintes Unidades de Paisagem:

- Peneplanície do Alto Alentejo - Unidade 89 (A);
- Maciço Calcário Estremoz - Borba - Vila Viçosa - Unidade 100 (B);
- Sub-Unidade – Mármore e Colinas de Estremoz (B1);
- Serra de Ossa - Unidade 101 (C);
- Montados e Campos Abertos do Alentejo Central - Unidade 99 (D).

(Cancela D'Abreu, A., Pinto Correia, T., Oliveira, R., 2004)

De uma forma geral pode-se dizer que a paisagem no concelho de Estremoz se caracteriza por ser uma "...peneplanície, suavemente dobrada (...) dominada pelos montados de azinho (..), com densidades variáveis mas em geral bastante aberto, quase só interrompido por um mosaico agrícola mais diversificado na proximidade dos aglomerados.", em oposição com a zona de "...relevo suave; solos férteis e fundos, castanhos-escuros avermelhados, desde há muito ocupados por olivais, vinhas e sistemas arvenses de sequeiro (...); grande quantidade de pedreiras para extracção de mármore, com forte impacto na paisagem (...)." (Cancela D'Abreu, A., Pinto Correia, T., Oliveira, R., 2004)

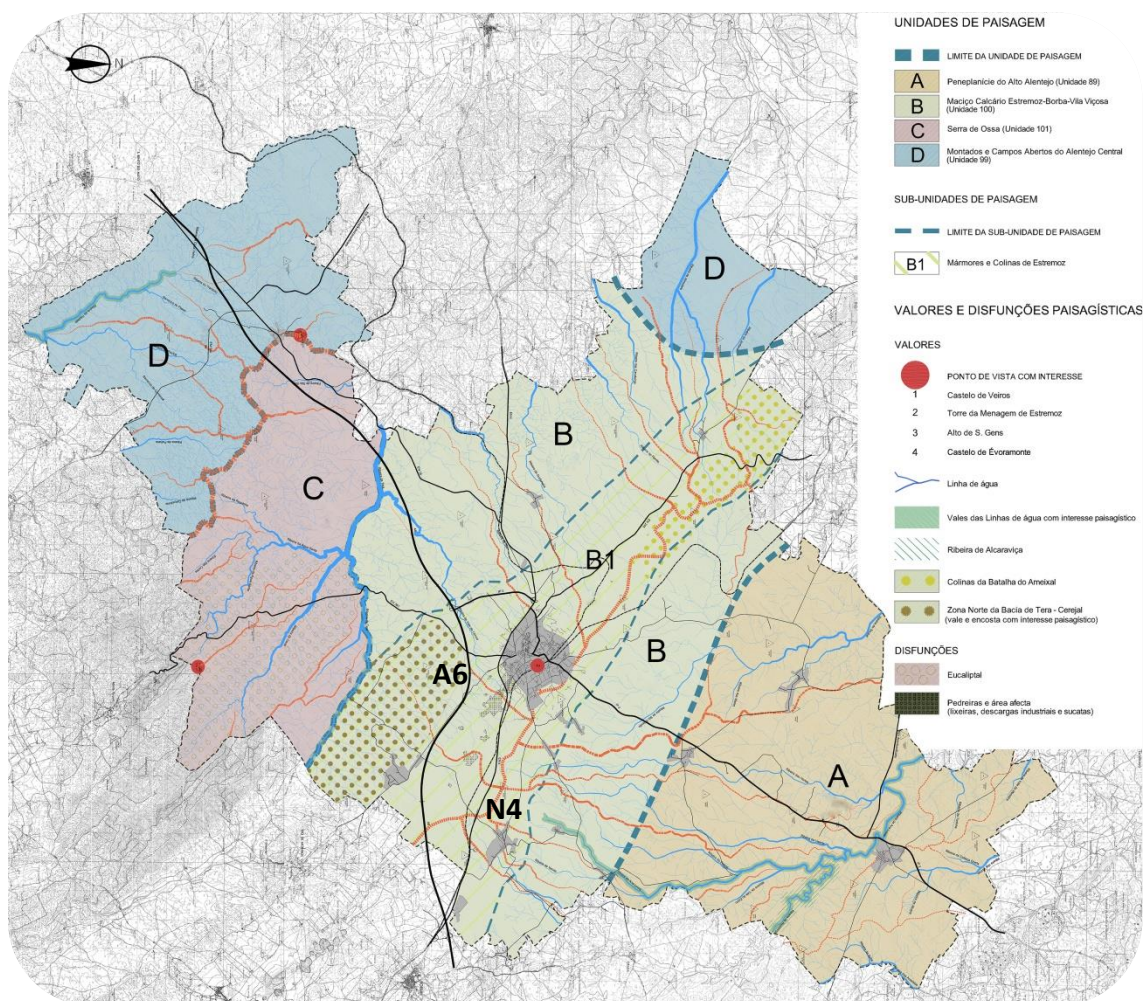


Figura 11 – A Paisagem

Fonte: Revisão PDM Estremoz 2008 – Sistema Biofísico e Paisagístico

A cidade de Estremoz surge na sub-unidade B1, num relevo constituído por sistemas colinares com orientação linear Noroeste -Sudeste que alternam paralelamente entre si com zonas baixas aplanadas. O centro Histórico Medieval de Estremoz, onde se destaca a importância da sua estrutura urbana, tem interesse pela sua dominância sobre a paisagem envolvente. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

Semelhante aos aglomerados de Veiros e Évoramonte, Estremoz distingue-se no seu concelho dos restantes pela sua génese e estrutura urbana relativamente organizada, enquanto os restantes revelam uma certa desorganização na estrutura e falta de génese coerente.

Património Paisagístico

Encontramos diverso património paisagístico na zona de Estremoz:

- Zona de Proteção Especial de Veiros;
- Olival de S. Brissos;
- Campo da Batalha do Ameixial;
- Quintas de recreio.

(Câmara Municipal de Estremoz, 2013)

A Zona Especial de Proteção de Veiros, é uma área dominada por pastagens extensivas, onde se desenvolve a pecuária de bovinos ou ovinos, e pelo cultivo de cereais em regime extensivo ou semi-intensivo, onde encontramos ainda pequenos olivais tradicionais e áreas de montado de azinho disperso. (Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade.)

Esta é uma zona identificada como importante para a conservação das aves estepárias, destacando-se a reprodução de abetarda *Otis tarda* e também a nidificação de sisão *Tetrax tetrax*, que têm como principal fator de ameaça a conversão da agricultura cerealífera de sequeiro em regadio, e o aumento da pecuária. (Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade)

Os olivais de S. Brissos constituído por *Olea europaea L. var europaea*, estão classificados como Arvoredo de interesse Público, e a nosso ver deve ser assegurado o seu bom estado de conservação. (Revisão do Plano Diretor Municipal Estremoz, 2008) Em semelhança a estes olivais deve também ser assegurada a conservação das pastagens extensivas e das manchas de montado de sobro e azinho associadas à ZPE, por constituírem *habitats* para aves estepárias.

Por sua vez o campo da Batalha do Ameixial, que constitui um marco histórico Português do século XVII, classificado como Monumento Nacional, apresenta-se também como património paisagístico com elevado relevo no concelho de Estremoz que urge de uma conservação que o valorize e proteja.

Por fim e não menos importante são também de referir as diversas quintas de recreio espalhadas pelo concelho que representam conjuntos arquitetónicos com excecional interesse ambiental, cultural e patrimonial a conservar e valorizar e de onde destacamos:

- Quinta de Nossa Senhora do Carmo (Estremoz);
- Quinta do Mouro (Estremoz);
- Quinta de S Domingos (Ameixial);
- Quinta de Santa Margarida (Veiros);
- Quinta do Leão (Veiros);
- Quinta de Santo Antão (Mártires);
- Quinta de Valadares / São Bernardo (Arcos).

(Câmara Municipal de Estremoz, 2013)

Todos estes elementos de património paisagístico são valores a proteger, valorizar e conservar pois permitem compreender as paisagens e conseqüentemente as características cénicas, históricas e culturais das ocupações humanas onde surgiram.

2.2.3. Contextualização Histórica do Concelho

Reza a lenda que no tempo de D. Afonso III os moradores de Castelo Branco cometeram um crime e desejando o rei informar-se do caso enviou um ministro ao local, porém os seus moradores não só não consentiram como tentaram matar o ministro. O rei irritado ordenou ao mesmo ministro que fosse à vila e matasse todos sem exceção.

O ministro partiu e quando chegou à vila viu os moradores numa procissão em que levavam o Santíssimo Sacramento, implorando a benevolência do rei. Este moderou o castigo ordenando ao ministro que fizesse morrer todos os irracionais da vila e que os restantes fossem expulsos. Algumas destas famílias vaguearam até que foram dar ao castelo de Estremoz, onde fundaram as primeiras casas. Passados alguns anos, foi pedido ao rei D. Afonso III que desse o foral da vila, o rei aceitou e a pedido dos moradores designou a vila de Estremoz. (Centro de Estudos Ataíde Oliveira)

Lendas à parte, a ocupação humana da área envolvente a Estremoz remonta ao Neolítico Final/ Calcolítico (IV - III milénios a.C.), comprovável por diversos monumentos megalíticos. O final da Idade do Bronze (1200 - 700 a.C.) é também caracterizado pela emergência de povoados fortificados da altura. (Bogalho)

Na época romana, verifica-se uma intensa ocupação do solo na área envolvente de Estremoz, nomeadamente em Senhora dos Mártires, logo a sul da cidade, em Santa Vitória do Ameixial, Silveirona, S. Domingos de Ana Loura, Malpique, S. Bento do Cortiço, Santo Estevão, Monte da Boavista e Aldeia de Mourinhos. (Bogalho)

Estremoz torna-se ponto de passagem nos trajetos este-oeste, através da via que ligava Mérida e Badajoz às lezírias do Tejo e do Sado, sendo de supor que o cabeço onde se ergue Estremoz remonte à época tardo-romana ou, pelo menos, à época islâmica, tendo as origens do seu povoamento, com carácter urbano, se situado algures na zona da posterior cerca medieval. (Bogalho)

2.3. Centro Histórico Medieval de Estremoz

2.3.1 Análise Social

O Bairro do Castelo é atualmente ocupado por poucas famílias, facto que se deve essencialmente à morfologia das habitações, bastante diferente daquilo que encontramos na periferia da cidade. Não cumprem os requisitos da maioria das famílias atuais, quer pelo reduzido espaço, quer pelas poucas condições de higiene conferida pela inexistência de casas de banho. Por sua vez, o Bairro de Santiago, um dos mais antigos da cidade de Estremoz, localizado em redor do castelo, é um bairro com muitos problemas sociais, sobretudo ao nível da habitação, onde muitas habitações não têm as condições mínimas de higiene no que concerne a sanitários e banhos, havendo várias famílias que vivem nos chamados quartéis, não dispendo de condições mínimas de higiene.¹

Os residentes possuem, em geral, baixo nível de instrução e rendimentos reduzidos, sendo poucos os que estão empregados. São essencialmente de etnia cigana no Bairro de Santiago e emigrantes de leste no Castelo.

Pelas questões referidas, a segurança fica comprometida o que faz com que estes bairros sejam estigmatizados entre os restantes habitantes de Estremoz, o que favorece a sua desertificação e conseqüente abandono e degradação. Este facto numa área de interesse turístico onde se pretende valorizar um determinado património, é algo com uma carga bastante negativa.

As questões sociais existentes na área de intervenção acabam por se tornar uma condicionante bastante grande para a elaboração da proposta final, que terá que considerar todas as questões de segurança e desertificação da área.

¹ Estes quartéis, que constituem o antigo aquartelamento das tropas, compõem divisões de quatro metros por quatro, sem janela, sem água e apenas com um buraco no chão para esgoto.

2.3.2. Espaço Edificado

2.3.2.1. Evolução Urbana de Estremoz

O amuramento primitivo da cidadela estremocense medieval, com as suas 22 torres e cubelos, foi iniciado pela Ordem de Avis, ainda no reinado de D. Afonso II. No entanto, a inscrição latina medieval, existente no arco de Santarém, atribui-o expressamente a D. Afonso III. (Vermelho)

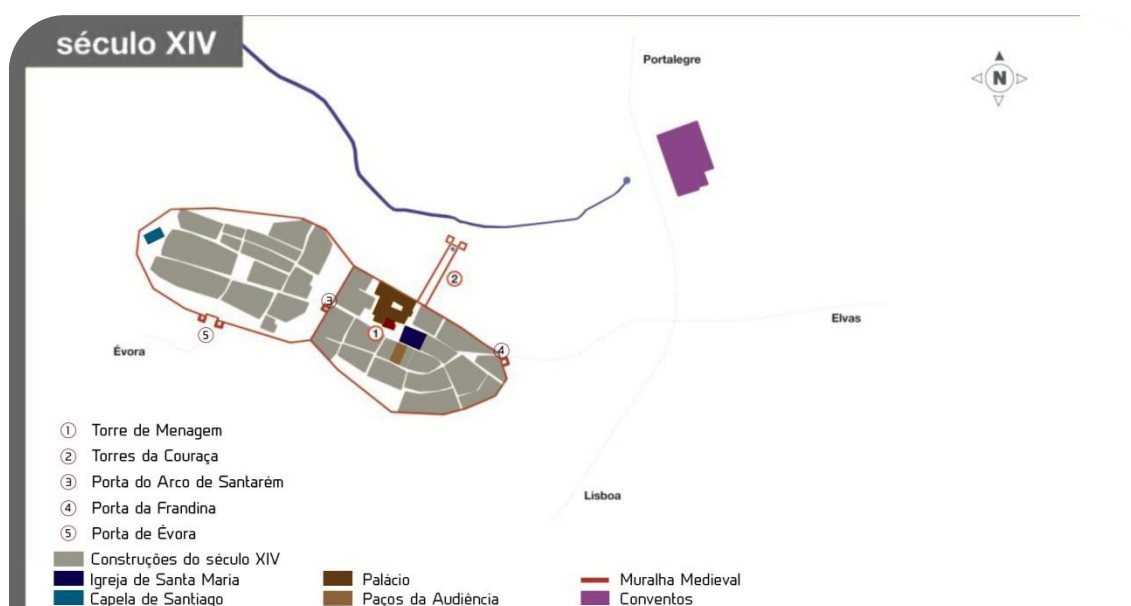


Figura 12 – Mapa da cidade de Estremoz no séc. XIV

Fonte: Adaptado de, Serrano, A. (2011). Water as an Element of Urban Space Construction in Mediterranean Landscapes.

Em 22 de Dezembro de 1258, D Afonso III manda repovoar a vila e concede-lhe foral com os mesmos privilégios de Santarém e, em 1260, nela instala um convento de franciscanos. Embora sem suporte documental, a década de 1260 é, deste modo, aceite como data para início da construção da fortificação medieval, ligada à ação de D. Afonso III. (Bogalho)

O palácio situa-se do lado norte, assente diretamente num robusto penhasco calcário. (Bogalho) O primitivo núcleo medieval, o do castelo, foi reconstruído por D. Afonso III e D. Dinis. Nele foi construída a Igreja de Santa Maria, junto à qual se implantaram a torre de Menagem e os Paços do Concelho Medievais. (Teixeira e Valla, 1999)

O bairro do Castelo era cercado por uma muralha medieval e o acesso fazia-se por duas portas principais: a porta da Frandina ou do Sol, a nascente, e a porta do Arco de Santarém, a poente, que dá acesso ao segundo núcleo, o bairro de Santiago. (Teixeira e Valla, 1999)

No reinado de D. Dinis o castelo e a muralha já estariam concluídos, tendo este monarca mandado edificar a Torre de Menagem e a Sala de Audiências, antigos Paço do Concelho (atual Galeria de Desenho D. Dinis). (Cunha, 2004)

O bairro de Santiago já tinha prior em 1260, tendo sido a primeira paróquia de Estremoz. Uma vez que o bairro de Santiago parece ser contemporâneo do primeiro recinto medieval é provável que, aquando da construção da primitiva igreja dedicada a Santa Maria (1258), tenha sido erguida a de Santiago dado que a reconquista e o repovoamento cristão se fizeram em Portugal sob a proteção da Santa Maria e São Tiago. (Vermelho)

Este bairro, construído ao estilo “bastide”, era circundado também por muralhas e tinha uma malha ortogonal em que a rua principal unia a porta do Arco de Santarém à capela de Santiago. Terá sido planeado por D. Afonso III e concluído por D. Dinis. O bairro tinha, por sua vez, duas portas: a sul a porta de Évora e a norte a porta da Lage, já desaparecida. O centro cultural e administrativo localizava-se no largo do Castelo, onde se implantaram o Paço Real, os Paços de Audiência, a Igreja de Santa Maria e a Torre de Menagem. O bairro de Santiago funcionava como zona residencial anexa ao castelo. (Teixeira e Valla, 1999)

No seu paço viveram temporariamente os reis de Portugal, de D. Afonso III a D. Fernando, e nele morreram a Rainha Santa (1336) e D. Pedro I (1367). (Bogalho)

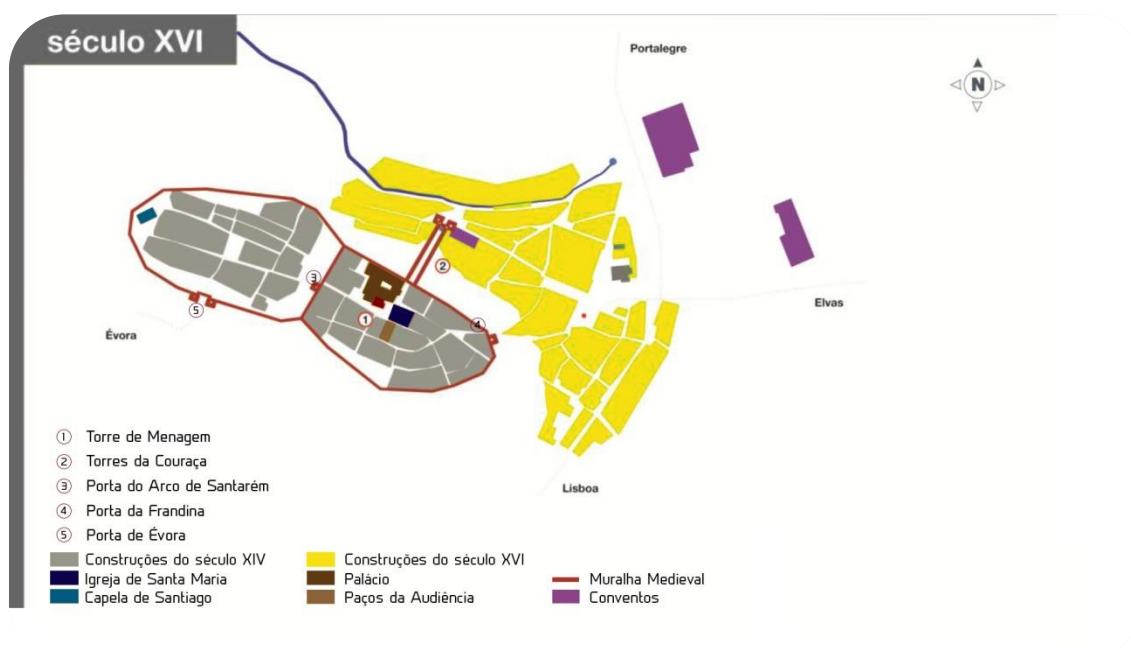


Figura 13 – Mapa da cidade de Estremoz no séc. XVI

Fonte: Adaptado de, Serrano, A. (2011). Water as an Element of Urban Space Construction in Mediterranean Landscapes.

D. Manuel deu à vila foral novo -“Foral da Leitura Nova”- em Lisboa, a 1 de Junho de 1512, altura em que a vila passou a ter assento em Cortes. (Cunha, 2004)

Estremoz volta a desempenhar um papel de relevo, durante a guerra da Restauração, como praça forte para travar os avanços das tropas inimigas. Esta função fundamentou a construção, a partir de 1642, de um vasto recinto amuralhado envolvendo a cidadela duocentista e a malha urbana extra-muros. (Bogalho)

As construções das fortificações iniciaram-se já no reinado de D. João IV. As primeiras obras de fortificação foram os baluartes do castelo (cerca de 1644-47) e logo depois a praça baixa. É a partir de 1662, que se reforça a cerca medieval do bairro de Santiago com três baluartes e um meio baluarte. Os últimos lanços a serem concluídos foram compreendidos entre a Porta de Santo António e a Porta de Santa Catarina (Banda NE). As portas monumentais foram concluídas entre 1676 e 1682. (Cunha, 2004)

Entre o terramoto de 1755 e o início do século XIX o estado das fortificações era precário estando mesmo alguns troços em ruína. Em 1799, brechas antigas e o próprio inverno começaram a deitar por terra alguns lanços, enquanto que as portas da Praça necessitavam de arranjo urgente. (Cunha, 2004)

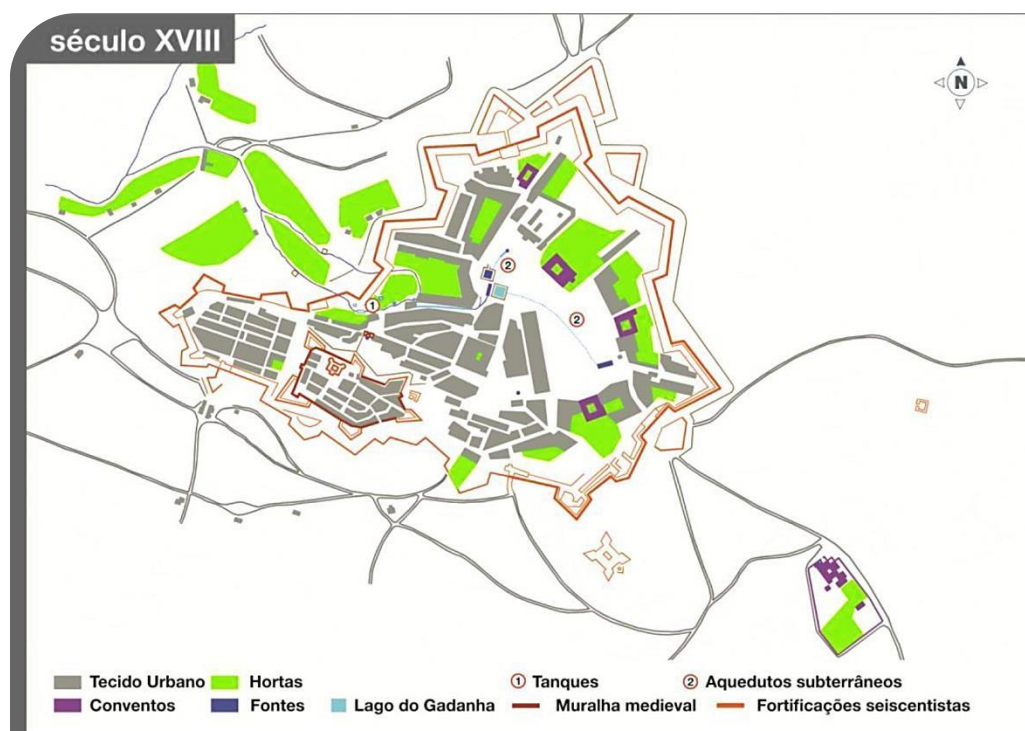


Figura 14 – Mapa da cidade de Estremoz no séc. XVIII

Fonte: Adaptado de, Serrano, A. (2011). Water as an Element of Urban Space Construction in Mediterranean Landscapes.

Estremoz foi elevada à categoria de cidade em 1926, tendo sido no século XX que mais de um terço da muralha terá sido demolida para permitir a expansão da cidade. (Câmara Municipal de Estremoz)

Foi também desta cidade que partiram, da manhã do dia 25 de Abril de 1974, as tropas do Regimento de Cavalaria 3 que desempenharam um papel fundamental na tomada do Quartel do Carmo, com a finalidade de cercar as tropas da G.N.R., afetas ao regime da ditadura Salazarista. (Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz, 2005-2008)

2.3.2.2. Análise Urbana e Arquitetónica

2.3.2.2.1. Morfologia e Estrutura do Recinto Amuralhado

O recinto amuralhado de Estremoz é característico das povoações de planície. A fortificação integra vários tipos de dispositivos de defesa, cuja arquitetura foi condicionada pela evolução das técnicas militares, podendo observar-se construções de diversas épocas. Em Estremoz observamos a aplicação de alguns princípios de urbanismo ligados à arte de fortificar:

- A implantação duma cidadela num dos extremos do recinto muralhado;
- O desenho do perímetro fortificado da parte baixa na forma dum polígono radial em relação a uma praça de armas mais ou menos central;
- A construção de baluartes com cortinas de pequena dimensão;
- O traçado de vias principais em direção aos baluartes e das vias secundárias em direção às portas seguem algumas das regras gerais da fortificação.

(Teixeira e Valla, 1999)

As fortificações, onde se inseriam os baluartes e outras estruturas militares tornaram esta vila impenetrável ao inimigo e uma das mais importantes "Praças Forte" do reino.

(Teixeira e Valla, 1999)

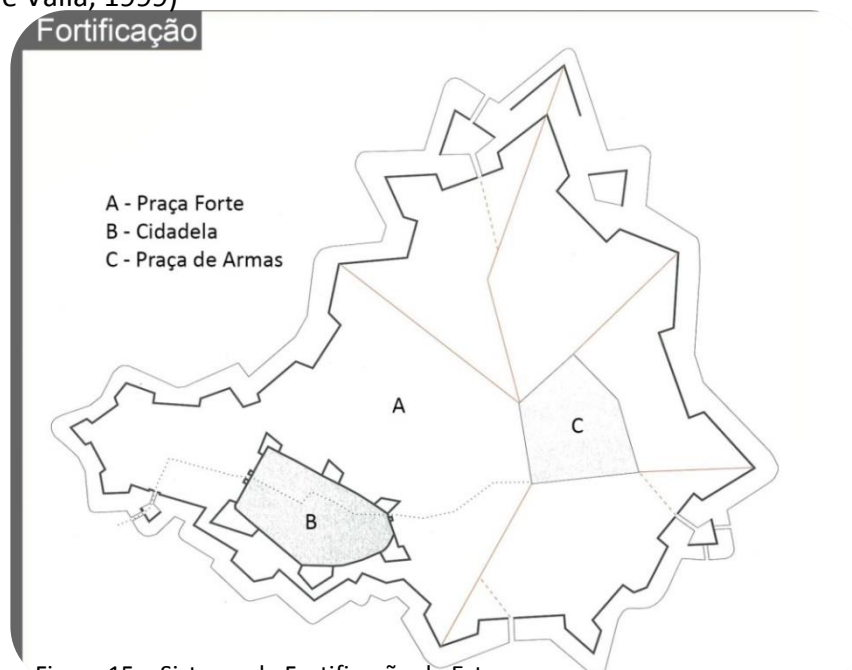


Figura 15 – Sistema de Fortificação de Estremoz

Fonte: Adaptado de, Teixeira, M. & Valla, M. (1999). O Urbanismo Português Séc. XIII - XVIII Portugal – Brasil. Lisboa: Livros Horizonte.

Cerca duocentista - O início da construção da cintura medieval teve lugar nos anos 60 do século XII. No reinado de D. Dinis o perímetro amuralhado encontrava-se já fechado e flanqueado por vinte e duas torres semicilíndricas. Provida de duas portas principais, a do Sol e a do Arco de Santarém, que serviam uma malha urbana típica de Rua Direita correndo no sentido este-oeste. Nesta cerca (a vermelho na figura 16) abriam-se ainda outras passagens secundárias, sacrificadas pelas obras de remodelação do século XVIII, altura em que também a cortina de ameias foi alterada e adaptada às necessidades de tiro da época. (Bogalho)

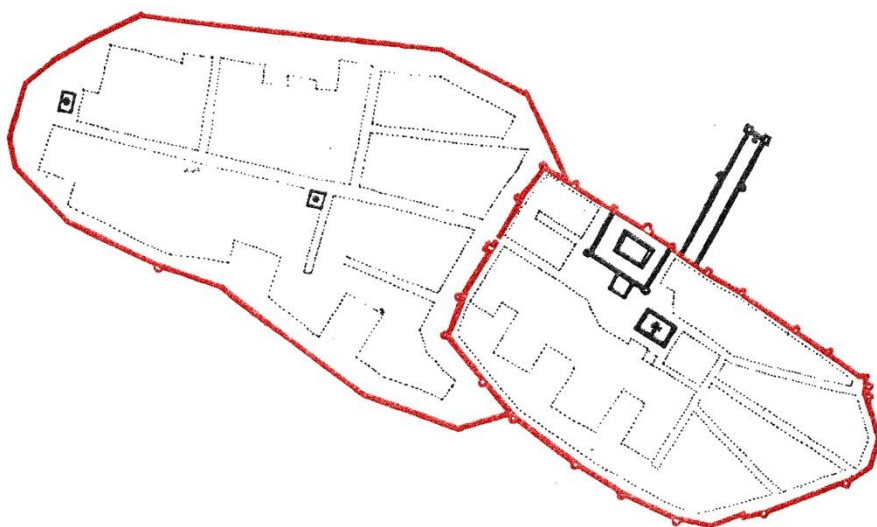


Figura 16 – Cerca Duocentista de Estremoz

Fonte: Adaptado de, Teixeira, M. & Valla, M. (1999). O Urbanismo Português Séc. XIII - XVIII Portugal – Brasil. Lisboa: Livros Horizonte.

Castelo – A estrutura base do corpo medieval do castelo (a vermelho na figura 17) manteve-se praticamente inalterada ao longo do tempo. A alcáçova (a bordô na figura 17) tem, em planta, a forma de pentágono, flanqueado de cinco cubelos cilíndricos. A imponente e elegante torre de menagem (a laranja na figura 17) ao gosto gótico foi projetada no reinado de D. Afonso III ou D. Dinis e construída em mármore local. Esta torre alcança 27 metros de altura, rematados por um terraço com uma cortina de ameias, e, internamente, possui uma notável sala no andar nobre. Em 1736, dois dos torreões do lado norte foram acrescentados de torrelas rematadas por cúpulas em bolbo, com ornatos de mármore. (Bogalho)

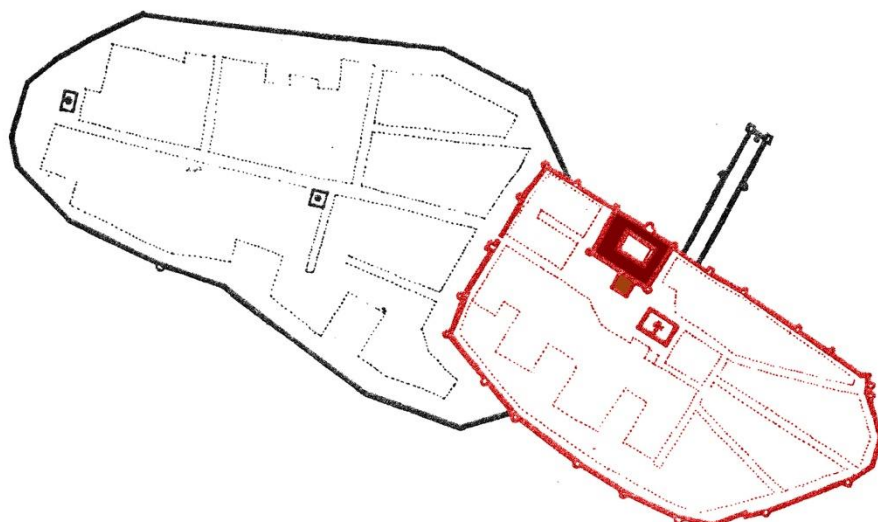


Figura 17 – Castelo de Estremoz

Fonte: Adaptado de, Teixeira, M. & Valla, M. (1999). O Urbanismo Português Séc. XIII - XVIII Portugal – Brasil. Lisboa: Livros Horizonte.

Couraça - Erguida presumivelmente no reinado de D. Afonso IV. Estendia-se a partir do castelo, ao longo da encosta norte, com um pano de muros que defendia um acesso coberto ao Poço do Espírito Santo, nascente de água potável que permitia abastecer a vila. Atualmente conservam-se as duas torres quadrangulares do topo inferior, enquanto que o pano de muros da encosta foi demolido pela construção de um meio baluarte do recinto moderno que protegia o castelo. Na seguinte figura a couraça é representada a vermelho. (Bogalho)

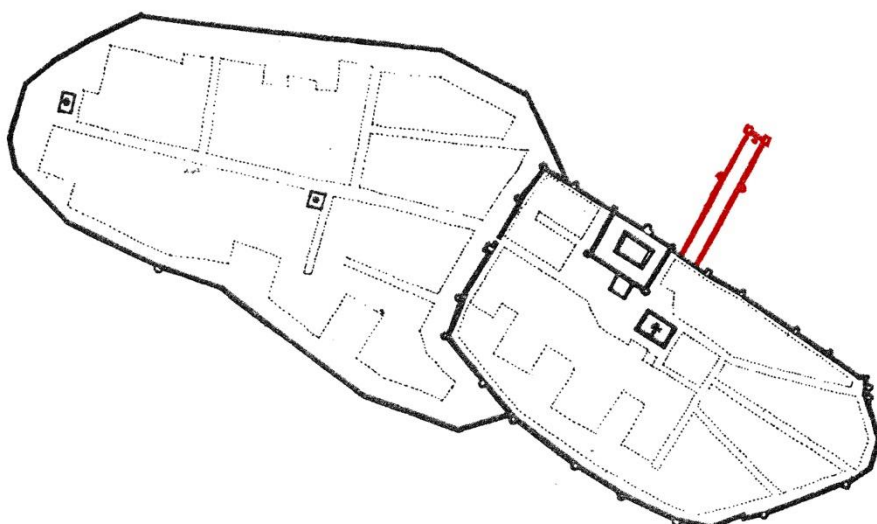


Figura 18 – Couraça de Estremoz

Fonte: Adaptado de, Teixeira, M. & Valla, M. (1999). O Urbanismo Português Séc. XIII - XVIII Portugal – Brasil. Lisboa: Livros Horizonte.

Fortificações Seiscentistas (Com acrescentos setecentistas) - Foi o Coronel Cosmader quem teve a iniciativa de dotar a parte alta da vila de Estremoz de um recinto fortificado segundo as regras daquela época, sendo assim edificada uma cintura de baluartes. Depois de 1658 a obra defensiva foi continuada, estendendo-se à praça baixa, segundo o plano de Nicolau de Langres, ficando praticamente concluída em 1680. Este dispositivo inspirou-se em modelos holandeses e foi posteriormente melhorado segundo modelos franceses. Ficou assim a vila cingida de muralhas, defendida por dez baluartes, três meios baluartes e um redente², além dos revelins³ e mais obras exteriores e o antigo recinto medieval foi reparado, passando a ser a cidadela da praça. Na cintura geral abria-se um total de nove portas, cinco no recinto antigo e quatro na praça baixa, estas ricamente ornamentadas. (Bogalho)

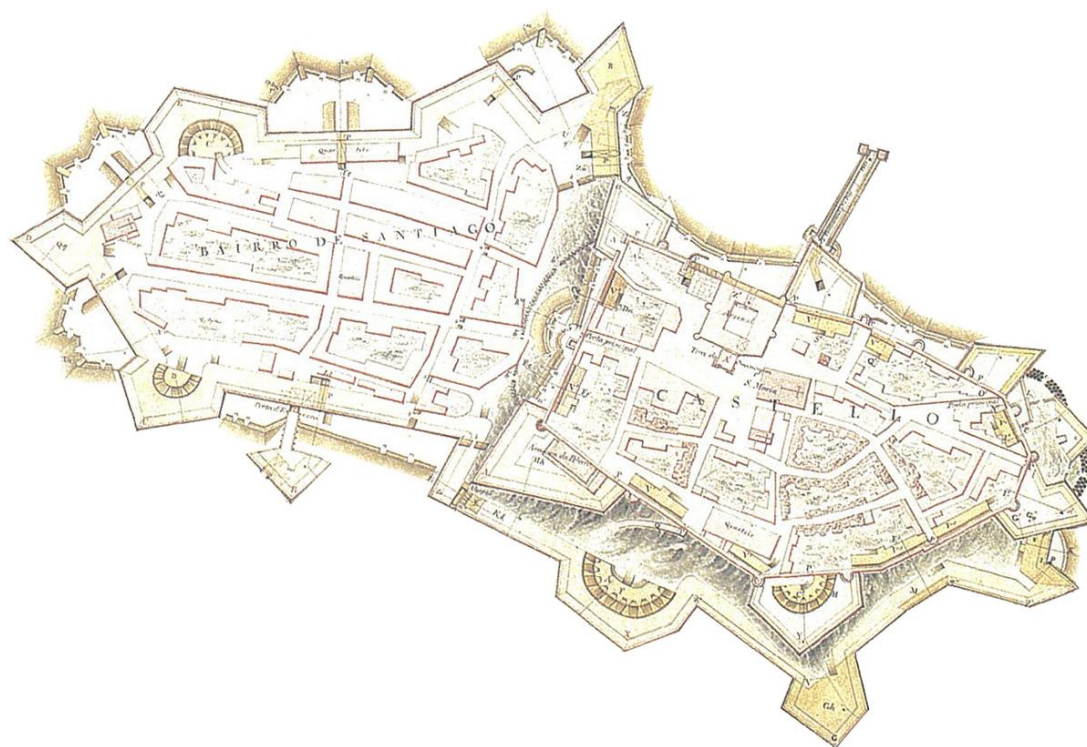


Figura 19 - Planta do Castelo de Estremoz e Bairro de Santiago – 1819

Fonte: Teixeira, M. & Valla, M. (1999). O Urbanismo Português Séc. XIII - XVIII Portugal – Brasil. Lisboa: Livros Horizonte.

² Redente - obra de arquitetura militar com duas faces, sem flancos, formando um ângulo saliente voltado para o lado de um possível ataque. O redente pode ser uma obra permanente ou de campanha, feita de alvenaria ou de terra. Pode estar integrado num pano de muralha ou pode constituir uma obra exterior.

³ Revelins - obra de arquitetura militar exterior a uma fortificação abaluartada, de planta triangular, com a função de proteção ao pano de muralha. É construído no fosso, em frente ao pano de muralha, normalmente entre dois baluartes e o seu objetivo principal é o de proteger o pano de muralha do tiro direto da artilharia inimiga, bem como providenciar uma defesa avançada em caso de tentativa de assalto à cortina.

2.3.2.2. Espaço Urbano

A cidade de Estremoz teve três períodos de desenvolvimento urbano até ao século XVIII:

- 1º - Reinado de D. Afonso III e completado por D. Dinis que estabeleceu os dois primeiros núcleos medievais (figura 12);
- 2ª - Corresponde ao desenvolvimento extramuros do século XVI, através da implantação de edifícios públicos na parte baixa da vila (figura 13);
- A terceira fase corresponde à construção do novo sistema de fortificações no século XVIII que alarga a sua área urbana e estrutura as novas vias de expansão radiais a uma praça de armas, que é o rossio (figura 14).

(Teixeira e Valla, 1999)

Com características morfológicas predominantemente orgânicas, a malha urbana do Castelo correspondente à realidade material e funcional criada pelo efeito conjugado dos edifícios, das infra-estruturas urbanas e dos espaços não edificados, apresenta-se intimista e sem grandes formalidades, resultando de um processo de agregação, mais ou menos radial, em torno da vertente Sul do Castelo. (Bogalho)



Figura 20 – Ortofotomapa do Castelo de Estremoz

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

A sua localização, provavelmente ditada por razões militares, no cume da colina da cidade, dispõe naturalmente de condições orográficas particularmente favoráveis para as vistas envolventes. A sua malha urbana, que servia essencialmente a circulação pedestre, traduz as preocupações de defesa dominantes da época. (Bogalho)



Figura 21 – Fotografia representativa da secção das ruas no interior do Castelo

A intimidade da Rua Silenciosa, a azáfama comercial da Rua Principal, o sentido oficioso do Município e o sentido religioso e de meditação da Igreja, característicos das cidades medievais em termos de vivência e atmosfera urbana, sobrevivem até aos dias de hoje. (Bogalho) Contudo, por se tratar do núcleo mais antigo da cidade não dispõe já de condições de solidez, higiene e segurança suficientes verificadas pelo número de fogos em condições devolutas e em ruína, dando à área um ambiente despovoado e abandonado.

Por sua vez com características morfológicas predominantemente formais, a malha urbana do bairro de Santiago, apresenta uma malha ortogonal não regular, em torno da vertente Oeste do Castelo. O carácter ortogonal do plano, cujos eixos axiais são a

Rua Direita e a Rua Gonçalo Velho, aproximam-no dos traçados característicos das urbanizações programadas do século XIII. (Câmara Municipal de Estremoz) A característica da malha urbana do bairro de Santiago distingue-se pela sua génese e estrutura urbana relativamente organizada, que contrasta com uma certa desorganização na estrutura e falta de coerência da área do Castelo.



Figura 22 – Ortofotomapa do Bairro de Santiago

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

A sua localização devia-se essencialmente à proximidade com o castelo, sendo a sua utilização maioritariamente residencial focando-se o centro cultural e administrativo no Castelo. (Teixeira, Valla, 1999) À semelhança da malha urbana do castelo a circulação pedestre foi favorecida traduzindo as preocupações de defesa da época. São de referir, ainda pela sua singularidade, os Quartéis de Santiago pela sua importância no contexto urbano do bairro no séc. XVII/XVIII como aquartelamento das tropas. Atualmente são residências com fracas condições de habitabilidade e constituem um património que deve ser recuperado e valorizado.

O uso atual do bairro de Santiago centra-se em área residencial e o Castelo, apesar de também comportar zonas residenciais, tem uma utilização mais reforçada pelos seus elementos patrimoniais. Ainda assim achamos importante manter as malhas urbanas, bem como os ritmos e as tipologias das habitações pela diversidade que traduzem no Centro Histórico Medieval de Estremoz.

2.3.2.2.3. Arquitetura

A área de intervenção inclui em si uma grande variedade de elementos construídos, desde a arquitetura civil à militar ou religiosa, vários deles são classificados, assim como conjuntos edificados e malhas urbanas com interesse histórico, cultural, arquitetónico e paisagístico, relevantes para a imagem e história da urbe.

Podemos observar na área de intervenção bastantes exemplares de arquitetura gótica, gótico-manuelina, manuelina e renascentista. Predominam nestes dois bairros as casas de dois pisos, concentradas sobretudo na Rua Direita. As coberturas são na maioria de telha, com duas ou três águas, normalmente com pouca inclinação. Predominam as habitações unifamiliares. As tipologias estavam normalmente associadas a áreas e atividades próprias optando os proprietários de comércio e indústrias, normalmente, pelos edifícios de dois ou três pisos, com loja no piso térreo e habitação nos pisos superiores, sobretudo nas áreas centrais. Apresentam vãos bem ritmados, na maioria em composições ímpar, sem correspondência interior do piso térreo com o piso superior. (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, 2011)



Figura 23 – Alçado das fachadas no Interior do Castelo

As caixilharias são de madeira, com duas folhas. As paredes são rebocadas e de um modo geral pintadas ou caiadas de branco. Os caixilhos e os elementos de ferro

fundido são pintados e as varandas, quando apresentam guardas em ferro fundido, encontram-se normalmente num estado de conservação deficiente. Podemos ainda encontrar alguns pormenores arquitetónicos de interesse, como barras de azulejo que rematam superiormente a fachada, elementos marmóreos que culminam o edifício, quer em forma de pequenas estátuas, quer como placas comemorativas, elementos decorativos executados em argamassa e que são posteriormente pintados, sobre portas, janelas e em platibandas. (Sistema de Informação para o Património Arquitetónico, 2011)

A título de curiosidade é de referir que, para além dos rodapés em mármore é possível verificar que, grande parte deles são pretos, ou cinzentos. Isto deve-se a uma homenagem à Rainha Santa Isabel, quer devido à referência que foi a nível nacional, enquanto embaixadora dos pobres e dos mais desfavorecidos, quer no que diz respeito à sua passagem e permanência no castelo de Estremoz, onde acabou por falecer, a 4 de Julho de 1336. Nesta homenagem à Rainha os Estremocenses quiseram reconhecer a sua gratidão pintando os rodapés das casas de cor preta e cinzenta, em sinal de luto, facto que ainda hoje se pode verificar pela cidade.

Grande parte das construções na área de intervenção encontram-se em elevado grau de degradação e para venda, resultado da desertificação que se faz sentir atualmente nesta zona, e também da falta de recursos financeiros da população aí residente, do valor das rendas e da falta de políticas habitacionais e sociais adequadas para fazer face a este problema. (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

“Visto que as condições de habitabilidade condicionam o bem-estar físico, psíquico e social do ser humano e andam associadas, normalmente, aos níveis de rendimento, às qualificações escolares e profissionais, à posição no mercado de trabalho, às condições de saúde, etc, pelo que é importante assegurar condições de habitação, isto é, de vida, condignas a toda a população o que passa pela dinamização do mercado de arrendamento com valores acessíveis à maioria da população, pela recuperação e valorização das habitações e zonas degradadas.” (Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

Por fim achamos que deve ser promovida a requalificação do tecido edificado do Centro histórico assegurando uma articulação harmoniosa das construções mais antigas com as construções mais recentes. Esta requalificação deve, portanto, conservar e revalorizar todos os edifícios que contribuam para a preservação da imagem do Centro Histórico, de forma a manter a características históricas da área.

2.3.2.2.4. Equipamentos

Para além de definir as orientações estratégicas e o modelo territorial preconizado, o PNPOP consagra um programa de políticas orientadas para seis objetivos estratégicos de onde destacamos três:

- Promover o desenvolvimento policêntrico dos territórios e reforçar as infraestruturas de suporte à integração e à coesão territoriais;
- Assegurar a equidade territorial no provimento de infraestruturas e de equipamentos coletivos e a universalidade no acesso aos serviços de interesse geral, promovendo a coesão social;
- Expandir as redes e infraestruturas de informação e comunicação e incentivar a sua crescente utilização pelos cidadãos, empresas e administração pública;

A falta de equipamentos, sejam de que cariz for, é uma característica desta zona da cidade de Estremoz. Os equipamentos citados anteriormente que deveriam promover uma coesão social, de facto não existem. Isto só fomenta uma segregação ainda maior desta área que, devido à sua realidade social relativamente complicada, acaba por causar ainda mais revelias por parte dos habitantes. Ainda assim, pelo que conseguimos apurar, os equipamentos que já existiram encontram-se maioritariamente abandonados, vandalizados e quase destruídos, como é exemplo o parque infantil que existia anteriormente.

Achamos, portanto, importante desenvolver e reforçar a oferta de equipamentos de solidariedade e ação social, e a oferta de equipamentos destinados às atividades de lazer e desporto. Por fim achamos que os equipamentos culturais e turísticos merecem destaque pois irão ser estes que, a nosso ver, irão ajudar a desenvolver a área com base no seu património, história e cultura.

Propomos então que a área seja dotada dos equipamentos necessários sem, no entanto, modificar a traça arquitetónica existente, em conjugação com uma rede de espaços abertos públicos.

2.3.2.2.5. Infraestruturas

Por infraestruturas entendem-se os seguintes elementos:

- Abastecimento de água;
- Drenagem de águas residuais;
- Rede Elétrica;
- Linhas de alta, média e baixa tensão;
- Rede Rodoviária;
- Infraestruturas de telecomunicações
- Resíduos Sólidos;

Para a área de intervenção destacamos o abastecimento de água tentando garantir alternativa ao abastecimento atual, que ainda é feito dos depósitos de água que se impõem fortemente na imagem do local, sobrepondo-se aos elementos patrimoniais e, acima de tudo pela forma como se impõem negativamente na área. Por sua vez também o saneamento básico e o tratamento das águas residuais são identificados como um dos pontos fracos da área de intervenção, algo que se deve essencialmente à morfologia das habitações que se encontra totalmente desatualizada, facto possível de constatar principalmente nos Quartéis.

No que toca à rede rodoviária, pela sua importância, irá ser abordada posteriormente com maior pormenor. Ainda assim são de referir os conflitos que existem no trânsito automóvel devido essencialmente à natureza e génese da malha urbana da área de intervenção adequada a uma circulação pedestre dificultando, agora, a circulação automóvel nos bairros de Santiago e do Castelo.

Em relação à rede elétrica, linhas de alta, média e baixa tensão e infraestruturas de telecomunicações, pelo que conseguimos apurar não existem problemas nem conflitos; ainda assim esta informação carece de um estudo mais pormenorizado, o qual não tivemos oportunidade de investigar no decorrer deste trabalho.

Achou-se ainda por bem abordar a questão dos resíduos sólidos, pois tem sido um problema bastante grande na área de intervenção pela falta de civismo dos moradores.

As encostas envolventes à área de intervenção eram depósito de resíduos sólidos, desde lixo a eletrodomésticos. Apesar de atualmente a situação se encontrar estabilizada é ainda possível encontrar locais onde este problema ainda é uma realidade o que, para quem visita Estremoz, nomeadamente o centro histórico medieval, dá uma imagem descuidada e degradada à área.

Achamos, portanto, que faz falta uma sensibilização ambiental com iniciativas de cariz lúdico-cultural que mobilizem o conjunto da população. A defesa do património histórico pode ser um bom princípio para desenvolver uma consciência ambiental que defenda as muralhas e o património existente na área de intervenção ajudando a salvaguarda-lo e valoriza-lo.

Em suma, para melhorar as condições de habitabilidade do Centro Histórico Medieval de Estremoz achamos importante que sejam implantados os equipamentos e as infraestruturas necessárias de forma a recuperar esta área da cidade.

Rede Rodoviária

Rede Viária (Anexos- Esquema de Tráfego)

Atualmente existe uma grande afluência de automóveis a esta zona do centro histórico, quer de moradores, quer de visitantes. A desorganização do estacionamento automóvel acaba por se juntar à questão do trânsito e dar uma imagem caótica à área.

Como vimos anteriormente, as ruas têm uma largura reduzida que traduzia as preocupações de defesa na época de génese da cidade, e a circulação pedestre. No entanto, com o aparecimento do automóvel estas ruas tornaram-se demasiado estreitas permitindo apenas que o fluxo do trânsito se faça num sentido.

A via principal é a via que passa adjacente ao castelo e na periferia do bairro de Santiago, permitindo o acesso a toda esta zona, incluindo as restantes vias secundárias. As vias dentro do bairro de Santiago são de sentido único sendo a via periférica ao Bairro a única com dois sentidos.

As vias de ligação com o centro da cidade são essencialmente a Rua da Frandina e a Rua Magalhães de Lima e posteriormente, a rua Alexandre Herculano, tal como os acessos pedonais. Existem também duas vias que dão acesso ao Castelo, a partir dos arredores da cidade, e que têm atualmente pouca utilização como iremos referir em seguida.

Deparámo-nos ainda com o problema de falta de visibilidade junto à da Capela de Santiago, onde é impossível ver os automóveis que se desloquem na direção oposta, apesar de existir um espelho.

Fluxos Pedonais (Anexos - Esquema de Fluxos Pedonais)

Os fluxos pedonais principais direcionam-se do centro da cidade através da Rua da Frandina e através da Rua Alexandre Herculano. Atualmente a circulação pedonal não é favorecida, quer pela existência de carros estacionados nas ruas quer pela degradação que o pavimento apresenta em certas zonas.

Estes fluxos são pouco intensos pois, apesar da realidade social do bairro ser problemática, grande parte dos moradores possui veículo próprio. Tal como já foi dito anteriormente, a rede viária de Estremoz favorece o uso do automóvel o que a nosso ver dá uma imagem negativa à cidade pela quantidade de automóveis que inundam o centro urbano, sendo a circulação pedonal pouco ou nada favorecida. O limite de 50km/h dentro das cidades revela-se, nesta área, demasiado elevado e torna o local pouco seguro para os peões.

Revestimentos de Superfícies

A calçada portuguesa é em Estremoz um exemplo bastante interessante devido ao facto de ser toda elaborada em mármore, em contraste com ruivina, um mármore cinzento escuro. As zonas mais interessantes localizam-se por toda a zona baixa da cidade. Encontramos também algumas zonas de calçada executadas



Figura 24 – Calçada Portuguesa de Estremoz

exclusivamente com ruivina sendo apenas o remate/lancil realizado em mármore. O mármore estende-se às fachadas das casas nomeadamente aos seus rodapés (típico desta zona do Alentejo) e nas molduras das janelas.

Iluminação

A iluminação é pouca ou inexistente, existindo apenas nos arruamentos de maior fluxo o que agrava as fracas condições de segurança da zona. Verifica-se, desta forma, a necessidade de intervir também na iluminação de forma a favorecer a segurança e, trazendo isto também vantagens ao nível da valorização o património existente.



Figura 25 – Fotografia da Rua da Rainha Santa Isabel

Deverá ser dado maior ênfase à iluminação cénica que, atualmente, apenas existe no Largo de D. Dinis. Este tipo de iluminação pode ser utilizado para valorizar o recinto amuralhado reforçando o aspeto cénico. A iluminação a propor, utilitária e cénica, deverá ter em atenção outros aspetos importantes, nomeadamente o respeito pela fauna local, o uso de luminárias e lâmpadas apropriadas para áreas exteriores, o conforto dos utentes e o consumo e manutenção reduzida.

2.3.2.2.6. Plano de Urbanização de Estremoz

O Plano de Urbanização de Estremoz encontra-se ainda em fase de elaboração, não se encontrando nenhum plano desse nível em vigor. O PU define a organização espacial de uma determinada parte do território municipal, que exige uma intervenção integrada de planeamento nomeadamente ao nível da definição da rede viária estruturante, localização de equipamentos de uso e interesse coletivo, a estrutura ecológica, o sistema urbano de circulação e transportes, o estacionamento, etc.

Portanto a nosso ver, o PU assim como o PDM já deveriam estar há muito realizados dado que o anterior PDM é de 1995. Passados 19 anos muito mudou, e conforme estabelece o art. n.º 93.º n.º 3, a revisão do PDM é obrigatória decorrido o prazo de 10 anos sobre a sua entrada em vigor.

Apesar de termos tido acesso ao Plano de Urbanização em desenvolvimento não foi possível apurar directrizes para a área de intervenção devido à falta de pormenor sobre esta área.

2.3.3. Património

O conceito de Paisagem contém a noção de uma Paisagem Natural modificada pelo Homem, ou seja, uma Paisagem Cultural que é o reflexo físico e mental das interações entre sociedades e culturas e o seu ambiente natural. Daqui surge o conceito de Paisagens humanizadas, onde estas são a expressão cultural do Homem, quer do passado quer do presente e que logicamente se encontram em constante alteração devido às complexas interações com o Homem. As Paisagens resultam portanto de uma ação continuada de múltiplas gerações e apresentam-se como obras coletivas onde encontramos o legado patrimonial deixado por essas gerações. (Cancela D'Abreu, A., 2011)

O património engloba no seu todo dois grandes grupos, o património natural e o património cultural (Gonçalves, 2013, p.77). Dito isto, segundo Gonçalves, “o que consideramos património cultural é o resultado das vivências quotidianas do género homo, desde há cerca de 2,5 milhões de anos e o que nos chega é uma ínfima parte das marcas que os nossos antepassados deixaram na paisagem natural.” Por sua vez no património natural “incluímos o que foi formado pela natureza, desde a origem do planeta terra (...) resulta de quatro mil milhões de anos de evolução”.

O património teve desde sempre um carácter identitário, espacial, militar e político, com a sua origem aquando da formação territorial das nações e, posteriormente, na tentativa de afirmar a diversidade cultural do seu povo. Isto faz com que o património se encontre pelo mundo todo, adquirindo uma visibilidade e importância inigualável na história. (Costa, 2012, p.25)

O património é portador de uma mensagem do passado, contendo o sentido da memória, da tradição e da cultura, que perdura até ao presente como uma testemunha viva das tradições das gerações passadas, sendo inseparável da história de que é testemunho e do meio em que estava inserido. (Carta de Veneza, 1964) Isto faz especial sentido quando nos debruçamos sobre as paisagens que, são também reconhecidas como património, e são o resultado e o reflexo da interação prolongada

nas diferentes sociedades entre o homem, a natureza e o meio ambiente físico. São testemunhos da relação evolutiva das comunidades e dos indivíduos com o seu meio ambiente. (Carta de Cracóvia, 2000)

Segundo a Lei nº107/2001 de 8 de Setembro, que estabelece as bases da política e do regime de proteção e valorização do património cultural, como realidade da maior relevância para a compreensão, permanência e construção da identidade nacional e para a democratização da cultura, no artigo 2º encontramos:

- Integram o património cultural todos os bens que, sendo testemunhos com valor de civilização ou de cultura portadores de interesse cultural relevante, devam ser objeto de especial proteção e valorização.
- O interesse cultural relevante, designadamente histórico, paleontológico, arqueológico, arquitetónico, linguístico, documental, artístico, etnográfico, científico, social, industrial ou técnico, dos bens que integram o património cultural refletirá valores de memória, antiguidade, autenticidade, originalidade, raridade, singularidade ou exemplaridade.
- Integram, igualmente, o património cultural aqueles bens imateriais que constituam parcelas estruturantes da identidade e da memória coletiva portuguesas.

O património apresenta-se portanto como a herança dos nossos antepassados, englobando bens materiais e imateriais e contribuindo para a manutenção da memória daquilo que o nosso povo foi outrora. Devido à sua clara importância, foi essencial que os princípios de conservação e restauro de património fossem elaborados e acordados a nível internacional. Pelo que desde meados do século XX foram elaboradas uma série de cartas, recomendações e convenções onde se estabeleceram os princípios orientadores para estes trabalhos, ficando cada país posteriormente responsável pela sua aplicação no seu contexto cultural e das suas tradições. Das diferentes cartas que, a nosso ver, parecem mais importantes pelo contributo que tiveram no estabelecimento de uma normativa a nível internacional na área do património e da paisagem destacamos as seguintes:

- Carta de Atenas de 1931;

- Carta de Veneza de 1964;
- Convenção de Paris de 1972;
- Carta Europeia do Património Arquitetónico de 1975;
- Convenção Europeia da Paisagem.

Das cartas citadas destacamos algumas das doutrinas que achamos relevantes para o trabalho desenvolvido:

A Carta de Atenas (Carta de Atenas, 1931), de Outubro de 1931, expressou pela primeira vez os princípios gerais para a proteção de monumentos, sendo “considerada o primeiro ato normativo internacional exclusivamente dedicado ao património”. (Canha) Esta carta “apela à manutenção cuidada em detrimento do restauro, considerando que este poderá anular importantes características dos monumentos” e reforça também que a “ação dos poderes públicos e vinculação da importância da salvaguarda, através dos sistemas de ensino, são imprescindíveis.” (Canha e Torres)

A Carta de Veneza (Carta de Veneza, 1964), de Maio de 1964, veio mostrar-nos que a humanidade está cada vez mais consciente da unidade dos valores humanos, sendo de referir o surgimento pela “preocupação não só com o monumento mas também com o seu meio envolvente como parte integrante deste, para além da necessidade de documentar todo o processo de conservação ou de estudo do monumento para eventuais futuras intervenções.” (Filipe)

Na convenção de Paris (Convenção de Paris, 1972), surgem pela primeira vez os conceitos de Património Cultural e Património Natural, sendo o primeiro os monumentos como obras arquitetónicas, esculturas e pinturas e o segundo os monumentos naturais como formações físicas, biológicas e geológicas. Estes adquirem uma grande importância visto que determinados bens do património cultural e natural se revestem de excepcional interesse. (Filipe)

Por sua vez, proferindo Correia “A Carta Europeia do Património Arquitetónico, aprovada pelo Conselho da Europa em 1975, em Amsterdão, introduz o conceito de

"Conservação Integrada" e de "Salvaguarda Activa", reforçando a noção de conjunto e de sítio, e recorre às entidades nacionais para que elaborem programas e regulamentos visando a criação de uma política de conservação do património arquitetónico."

Apesar de importantes, pois introduzem conceitos inovadores e formalizam preocupações existentes na sua altura, as cartas anteriormente citadas estão já ultrapassadas e, foi neste contexto que surgiu a Carta de Cracóvia de 2000 que "reflete a crescente atenção e complexidade a que se assistiu na teorização e prática sobre o património cultural, tentando minimizar e atualizar práticas obsoletas". (Trinca) É também especificado o processo de intervenção em paisagens, referindo a importância de compreender e respeitar o carácter das paisagens e aplicar leis e normas adequadas que harmonizem os usos mais importantes do território com valores paisagísticos essenciais. (Carta de Cracóvia, 2000)

Por fim, destacamos ainda a Convenção Europeia da Paisagem de Florença realizada em 2000 por se tratar do primeiro acordo internacional que tem como foco específico a paisagem, e que promove a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem. Portanto, e tendo em conta que a utilização do espaço implica uma ação paisagística, esta convenção exige a integração da paisagem nas políticas territoriais de gestão patrimonial. (Convenção Europeia da Paisagem, 2000)

2.3.3.1. Património da Área de Intervenção (Anexos - Carta de Património)

Citando Gonçalves, “os vestígios arqueológicos e patrimoniais são um fator importante para compreendermos a nossa vida hoje e que correspondeu ao resultado da vida de pessoas, que como nós dormiam, comiam, trabalhavam, tinham as suas crenças, festas e tradições”. (Gonçalves, 2013, p.89), o património faz, desta forma, parte de todos nós, e conhecê-lo ajuda-nos a compreender o mundo em que vivemos.

Referindo Correia (Correia, 1994), é bastante importante que se tenha consciência da necessidade de defesa do património, assim como ter também a noção dos problemas levantados por intervenções em elementos patrimoniais. Embora seja necessário preservar os valores do passado, é também necessário ter noção de que “o património histórico deve ser alargado não só a grandes criações, mas também a obras mais modestas e humildes”, querendo com isto dizer que “os conceitos de conservação e de reconhecimento se devem alargar à consideração global dos conjuntos e dos sítios, e não só exclusivamente a exemplos isolados – os chamados monumentos”, fazendo isto inteiramente sentido na área sobre a qual nos debruçamos, que contém no seu todo um grande número de monumentos, apresentando-se como um sítio monumental ao invés de se apresentar como um monumento isolado.

O património existente na área de intervenção é bastante vasto incluindo elementos desde a génese do Castelo no século XVIII. De seguida apresentamos uma lista do Património/Museus da Área de Intervenção.

Monumentos Nacionais

- Castelo de Estremoz – Dec. De 16/06/1910;
 - Pousada da Rainha Santa Isabel;
 - Torre de Menagem;
 - Capela da Rainha Santa;
 - Paços da Audiência de D. Dinis - Galeria de Desenho;
 - Quartéis;
 - Cadeia Quinhentista;

- Muralhas do Castelo de Estremoz - Dec. Nº 9842 de 20/06/1924:
 - Muralha Medieval do século XIII – XIV;
 - Fortificações do século XVII;
- Portas e Baluartes da segunda linha de fortificações – Dec. 9842 de 20/06/1924:
 - Porta do Arco de Santarém;
 - Porta da Frandina;
 - Porta de Évora;
 - Baluarte de S. Bernabé;
 - Baluarte da Nossa Senhora da Saúde;
 - Baluarte da Nossa Senhora da Conceição;
 - Baluarte da Porta da Laje;
 - Baluarte da Lua;
 - Baluarte de Sta. Isabel;
 - Baluarte de S. Braz;
 - Baluarte dos Agostinhos;
 - Baluarte dos Currais;
 - Baluarte de Sta. Cruz;
 - Baluarte das Ferrarias;
- Torres da Couraça - Dec. Nº 9842 de 20/06/1924;
- Antiga Casa da Câmara – Dec. Nº 9842 de 20/6/1924.

Imóveis de Interesse Público

- Igreja de Santa Maria;

Património Sem Classificação

- Museu Municipal Prof. Joaquim Vermelho;
- Igreja de Santiago.

(Câmara Municipal de Estremoz, 2008)

2.3.3.1.1. Quartéis

Dos elementos citados anteriormente destacamos os Quartéis de Santiago e o Quartel dentro do Castelo, apresentados a vermelho na figura 16, que irão ser importantes na futura proposta.



Figura 26 – Ortofotomapa com a localização dos Quartéis

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] - Sem escala

Estes quartéis apesar de constituírem elementos patrimoniais relevantes, atualmente têm uma função residencial. No caso dos Quartéis do Bairro de Santiago, estes são constituídos por divisões de pequenas dimensões, de quatro metros por quatro, sem janela, sem água e apenas com um buraco no chão para esgoto; são na sua grande maioria habitados por pessoas de etnia cigana. Estes espaços têm grande potencial para a criação de pequenos espaços que se foquem na história e cultura de Estremoz e para a criação de pequenos quartos para os turistas pernoitarem a preços acessíveis.

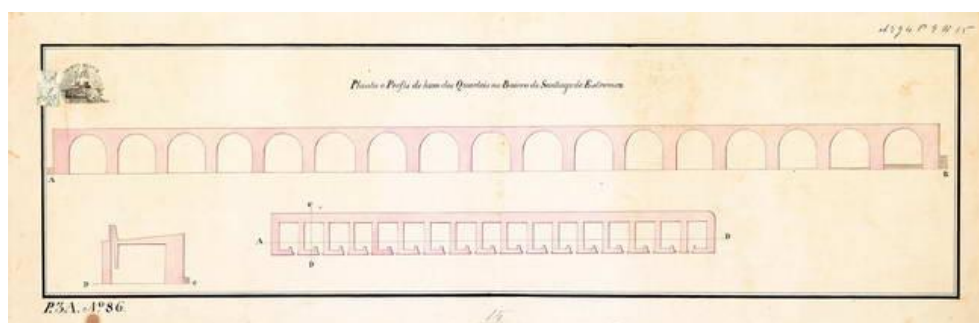


Figura 27 – Planta e perfis dos Quartéis do Bairro de Santiago

Fonte: Biblioteca Exército (n.d.). Planta e Perfis de um dos Quartéis no Bairro de Santiago.

No Castelo, o Quartel existente atualmente apresenta um elevado estado de degradação e vandalismo. É constituído por divisões de grande dimensão, amplas e com grande potencial para a criação de áreas museológicas com enfoque especial na história e cultura da área de intervenção.



Figura 28 – Quartel no Interior do Castelo

2.4. Espaço Aberto Público

2.4.1. Tipologias

Na área de intervenção encontramos espaços de diversas tipologias. A denominação das tipologias apresentadas em seguidas foram designadas por nós após alguma pesquisa e reflexão, sendo esta denominação relativa ao fator/uso mais importante que estes espaços representam, uma vez que na maioria dos casos representam vários usos; por exemplo um espaço de encontro também ser um espaço de lazer. É também de referir que estas tipologias têm como referência a futura utilização que se pretende dar a cada local na proposta. Isto prende-se com o facto de atualmente os espaços terem utilizações muito semelhantes pelo que se fossemos analisar as tipologias atuais teríamos apenas duas tipologias (Encontro e Circulação)



Figura 29 – Ortofotomapa com as Tipologias

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] - Sem escala

- Espaços de Enquadramento à muralha
- Espaços de Encontro
- Espaços de Circulação
- Espaços de Lazer
- Espaços de Contemplação
- Logradouros
- Edificado
- Outros Espaços (Estacionamentos)

De um modo geral pode-se dividir o sistema de espaços abertos públicos nas seguintes tipologias:

- Espaços de Encontro – Praças, Largos;



Figura 30 – Largo de D. Dinis

- Espaços de Circulação – Ruas, Avenidas;



Figura 31 – Arruamento do Bairro de Santiago

- Espaços de Lazer e de Enquadramento à muralha – Jardins;



Figura 32 – Calçada da Frandina

- Espaços de Contemplação – Miradouros

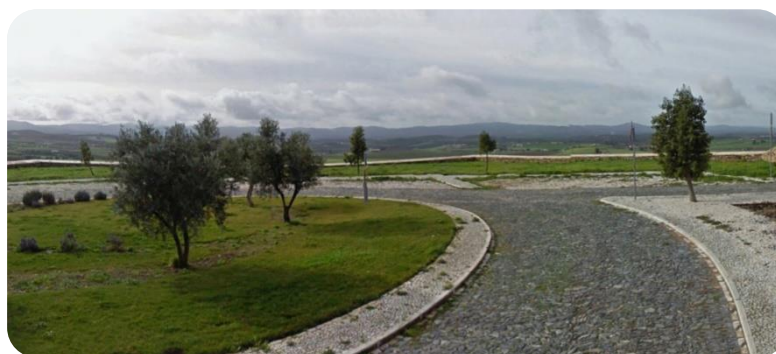


Figura 33 – Baluarte de Santiago

2.4.1.1. Espaços de Encontro e Circulação

No sentido literal da palavra, não existem locais de encontro na área de intervenção. Os diferentes largos e praças espalhados pela área de intervenção têm sido utilizados maioritariamente como local de estacionamento, praticamente sem exceções. Estes locais deveriam, tendo em conta que alguns deles se encontram em áreas de valor histórico/patrimonial, ser privados de estacionamento automóvel providenciando-se alternativas em locais planeados para o efeito.

Tal como no caso dos largos e das praças, sempre que possível, as ruas e espaços de circulação encontram-se apropriadas pelos automóveis. Tendo em conta que o traçado e dimensão das ruas na área de intervenção não permitem o estacionamento junto à maioria das habitações é, a nosso ver, inaceitável que numa área historicamente sensível o estacionamento se faça com tal desorganização.

Num tom mais positivo é de reforçar a ambiência das ruas e largos da área de intervenção, que traduzem as vivências de outra época, ao apresentar ruas estreitas e casas com vãos altos.

2.4.1.2. Espaços de Lazer e de Enquadramento à Muralha

Atualmente, na área de intervenção, são escassos os espaços abertos que assegurem as funções ecológicas no espaço urbano e tenham ainda funções de estadia, de recreio e enquadramento na estrutura verde urbana. Existem apenas pequenas intervenções de arquitetura paisagista em alguns dos baluartes do bairro de Santiago que não introduzem qualquer dinâmica à realidade do bairro. Estas intervenções, em dois dos baluartes, apesar de se apresentarem como espaços de lazer e serem bons locais de contemplação são pouco funcionais e apresentam pouca apropriação, não introduzindo novas funções ou dinâmicas à zona, sendo pouco ou nada utilizados pelos moradores.

Os jardins e parques são praticamente inexistentes na área de intervenção, sendo o único jardim relativamente formalizado a “Calçada da Frandina”, apresentada na figura 18. Este facto terá que ser alterado pelas claras vantagens que estes espaços apresentam, quer ao nível social, pois potenciam o contacto entre os habitantes e os visitantes da área, quer a um nível ecológico e ambiental.

Por sua vez, quando nos referimos a espaços de enquadramento da muralha referimos os espaços que constituem as encostas envolventes do castelo e que não conseguimos enquadrar em nenhuma das outras tipologias por não apresentarem qualquer tipo de utilização.

2.4.1.3. Espaços de Contemplação – Miradouros

O Bairro de Santiago e o Castelo têm inúmeros locais que proporcionam aos moradores e visitantes a contemplação da magnífica paisagem. Estas zonas poderiam tornar-se ótimas zonas de lazer, fruição e contemplação. No entanto, não estão formalizadas, não passando de baldios repletos de infestantes herbáceas.

Em colaboração com as autoridades que tutelam o património arquitetónico (Ministério da Defesa, Direção Regional da Cultura do Alentejo) deverá ser efetuado um plano de requalificação dos baluartes, assim como de todas as áreas que permitam a contemplação das paisagens circundantes e que ainda não tenham sido alvo de requalificação.

2.4.2. Sistema de Vegetação (Anexos - Esquema da Vegetação)

A vegetação deriva da forma como todos os fatores ecológicos interagem para permitir determinadas associações e excluindo outras. Esta constitui o material primordial de construção da paisagem, a ferramenta do Arquiteto Paisagista, pelo que a profundidade do seu conhecimento é fundamental para a criação de espaços harmoniosos e equilibrados.

A vegetação é um termorregulador da temperatura do ar, beneficiando o microclima da cidade. Sendo a vegetação existente bastante pontual e o estrato arbóreo bastante ineficaz, não proporcionando um continuum, estes benefícios encontram-se por aproveitar na área de intervenção que devido às suas condições biofísicas sofre bastante com as temperaturas elevadas no verão e o vento e chuva no inverno.

A vegetação encontrada na área de intervenção possui alguma diversidade, constituindo muitas vezes uma referência na identificação de determinadas áreas. É nos espaços privados como logradouros, pátios, e jardins onde a maioria da vegetação se localiza. Aqui encontramos essencialmente árvores de fruto como laranjeiras e limoeiros. Constitui exceção o jardim da Pousada onde encontramos maior diversidade de espécies arbóreas, mas que neste levantamento não irão ser inventariadas.

Levantamento das espécies Arbóreas com maior expressão na área de intervenção:

Espécies	Características ⁴ Gerais	Localização
<i>Ailanthus altissima</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Tronco reto e copa alongada • Folha: Caduca • Origem: Este da Ásia • Dimensões⁵: 28m / 12m • Curiosidades: Crescimento rápido; Invasora 	Jardim Pousada Exemplares: 2
<i>Brachychiton populneus</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa ovada muito ramificada • Folha: Perene 	

⁴ Características retiradas de: Moreira, 2008.

⁵ As dimensões referem-se a altura/diâmetro

	<ul style="list-style-type: none"> • Origem: Austrália • Dimensões: 15m / 7m • Curiosidades: Resistente à escassez de água 	<u>Baluarte de Santiago</u> Exemplares: 11
<i>Casuarina equisetifolia</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Semelhante a um pinheiro • Folha: Perene • Origem: Sudeste da Ásia • Dimensões: 15m / 7m • Curiosidades: Resistente à escassez de água e vento 	<u>Rua D. Afonso III</u> Exemplares: 1
<i>Citrus limon</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Árvore pequena e muito ramificada • Folha: Perene • Origem: Ásia • Dimensões: 6m / 5m • Curiosidades: Fruteira 	<u>Área de Intervenção</u> Exemplares: +7
<i>Citrus sinensis</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa grande e arredondada • Folha: Perene • Origem: Ásia • Dimensões: 8m / 4m • Curiosidades: Fruteira 	<u>Área de Intervenção</u> Exemplares: +10
<i>Cupressus sempervirens</i> 'Horizontalis'	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa piramidal • Folha: Perene • Origem: Região Mediterrânica • Dimensões: 25m / 8m 	<u>Porta da Frandina</u> Exemplares: 1 <u>Interior do Castelo</u> Exemplares: 10 <u>Traseiras Pousada</u> Exemplares: 5
<i>Cupressus sempervirens</i> 'Fastigiata'	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa fusiforme, estreita e densa • Folha: Perene • Origem: Região Mediterrânica • Dimensões: 25m / 3m • Curiosidades: Associada a cemitérios 	<u>Porta da Frandina</u> Exemplares: 2 <u>Baluarte N. Sra. da Conceição</u> Exemplares: 2
<i>Eucalyptus globulus</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa aberta e +/- densa • Folha: Perene • Origem: Austrália • Dimensões: 20m / 15m • Curiosidades: Crescimento rápido 	<u>Interior Castelo</u> Exemplares: 3
<i>Melia azedarach</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa arredondada • Folha: Caduca • Origem: Ásia • Dimensões: 13m / 8m • Curiosidades: Crescimento rápido 	<u>Rua D. Afonso III</u> Exemplares: 12
<i>Olea europaea</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa ampla e tronco grosso • Folha: Perene • Origem: Região Mediterrânica • Dimensões: 10-15m / 10m • Curiosidades: Crescimento lento; Resistente à escassez de água 	<u>Interior do Castelo</u> Exemplares: 1 <u>Baluarte de Santiago</u> Exemplares: 4

<i>Phoenix canariensis</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Espique colunar robusto • Folha: Perene • Origem: Ilhas Canárias • Dimensões: 16m / 8-12m 	<u>Interior do Castelo</u> Exemplares: 7 <u>Baluarte de Santiago</u> Exemplares: 1 <u>Traseiras Pousada</u> Exemplares: 5
<i>Pinus pinea</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa piramidal a abobadada • Folha: Perene • Origem: Região Mediterrânica • Dimensões: 20m / 12-20m • Curiosidades: Resistente à escassez de água 	<u>Interior do Castelo</u> Exemplares: 1
<i>Prunus cerasifera</i> 'Pissardi'	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa arredondada • Folha: Caduca • Origem: Oeste da Ásia, Cáucaso • Dimensões: 7m / 7m • Curiosidades: Flor rosa 	<u>Baluarte N. Sra. da Conceição e da Porta da Laje</u> Exemplares: 13
<i>Sophora japonica</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa redonda • Folha: Caduca • Origem: China e Coreia • Dimensões: 18m / 14m • Curiosidades: Necessita verão longo e quente para florir bem 	<u>Baluarte N. Sra. Da Saúde</u> Exemplares: 10

Levantamento das espécies Arbustivas:

Espécies	Características Gerais	Localização
<i>Aloe arborescens</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Suculento muito ramificado • Folha: Perene • Origem: África até Malawi • Dimensões: 1,5-2m / 2m • Curiosidades: Crescimento Rápido 	<u>Largo D. Dinis</u> Exemplares: 12
<i>Buxus sempervirens</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Arredondado • Folha: Perene • Origem: Europa, Norte de África, Turquia • Dimensões: 1,5-3m / 2-3m • Curiosidades: Boas para sebes e topiária, crescimento lento 	<u>Porta da Frandina</u> Exemplares: 5
<i>Lavandula angustifolia</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Compacto • Folha: Perene • Origem: Região Mediterrânica • Dimensões: 1,5m / 1,2m • Curiosidades: Aromática 	<u>Largo de D. Dinis</u> Exemplares: 2 <u>Traseiras Pousada</u> Exemplares: 1
<i>Ligustrum lucidum</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Copa cónica • Folha: Perene • Origem: Ásia 	<u>Rua D. Afonso III</u> Exemplares: 1

	<ul style="list-style-type: none"> • Dimensões: 10m / 8m • Curiosidades: Boa para sebes 	
<i>Nerium oleander</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Arbusto amplo • Folha: Perene • Origem: Região Mediterrânica • Dimensões: 4m / 3m • Curiosidades: Tóxica 	<u>Porta da Frandina</u> Exemplares: 8 <u>Traseiras Pousada</u> Exemplares: 19
<i>Spiraea cantoniensis</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Arbusto expandido muito ramoso • Folha: Caduca • Origem: China/Japão • Dimensões: 2m / 2m • Curiosidades: Boa para sebes 	<u>Porta da Frandina</u> Exemplares: 1
<i>Thuja orientalis</i> (<i>Platycladus orientalis</i>)	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Conífera estreita e piramidal • Folha: Perene • Origem: Irão, China, Coreia • Dimensões: 5-10m / 3-6m • Curiosidades: Boa para sebes 	<u>Porta da Frandina</u> Exemplares: 1
<i>Viburnum tinus</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Arbusto denso • Folha: Perene • Origem: Região Mediterrânica • Dimensões: 3m / 2,5m • Curiosidades: Sebes ribeirinhas 	<u>Porta da Frandina</u> Exemplares: 4

Levantamento das espécies Herbáceas:

Espécies	Características Gerais	Localização
<i>Agave americana</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Herbácea rizomatosa • Folha: Perene • Origem: México • Dimensões: 2-5m / 1,5-2m • Curiosidades: Suculenta, rizomatosa 	<u>Traseiras Pousada</u> Exemplares: 10
<i>Carpobrotus edulis</i>	<ul style="list-style-type: none"> • Forma: Herbácea rastejante, suculenta • Folha: Perene • Origem: África do Sul • Dimensões: 0,3m / 1,2m • Curiosidades: Invasora 	<u>Largo de D. Dinis</u>

2.4.3. Sistema de Vistas

O Castelo de Estremoz ergue-se numa colina que atinge uma altitude de 448m, adquirindo uma posição dominante e ativa, característica comum a quase todos os castelos, de onde é possível visualizar a paisagem envolvente.

Toda a área de intervenção tem excelentes vistas, quer para a cidade de Estremoz quer para a paisagem envolvente, sendo possível avistar a Serra d'Ossa, Evoramonte a cerca de 16km e outras povoações que se situam a uma distância considerável. Este recurso confere um grande potencial à área de intervenção, constituindo um excelente leitor da paisagem, com todo o interesse a ser explorado.



Figura 34 – Fotografia das vistas do topo da Torre de Menagem

Este recurso apresenta um potencial ilimitado para a criação de propostas, principalmente ao nível dos baluartes, onde se pretende voltar à sua ideia inicial de criação, a de permitir a visualização ampla das paisagens circundantes, ainda que sem o propósito de defesa.

2.4.4. Estrutura Ecológica Urbana

2.4.4.1. Proposta de EEU (Anexos - Estrutura Ecológica Urbana - Existente)

A Estrutura Ecológica Urbana⁶ possui “como base os sistemas naturais e áreas verdes existentes no meio urbano” e deve possuir também uma estreita articulação e relação com outros sistemas antropogénicos do sistema urbano. (Quintas, Curado, 2010)

Primeiramente, antes de entrarmos na proposta de EEU importa referir que esta aparece na análise por se tratar de uma proposta para a situação atual pois pretende-se fazer uma comparação entre a EEU da área atual e da área no pós proposta. Importa ainda referir que a EEU aqui apresentada teve como objetivo sintetizar, de forma simples, a EEU da área de intervenção, de modo a dar parâmetros gerais que permitam analisar os fatores da área de intervenção que têm como função assegurar o funcionamento ecológico da Paisagem num meio predominantemente edificado.

Para a proposta de Estrutura Ecológica Urbana da área de intervenção procurámos compreender a interligação dos diversos espaços, numa rede ecológica integrada, não só dentro da área em estudo mas também com as áreas envolventes, tendo como base a sobreposição das estruturas ecológica, edificada, cultural, tendo sido dividida em diversas classes que irão ser exposta de seguida. Estas classes tiveram como suporte a ata “Estrutura Ecológica Urbana: sistema multifuncional de desenvolvimento urbano” do XII Colóquio Ibérico de Geografia que se realizou de 6 a 9 de Outubro 2010 na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, e não outro documento mais direcionado à arquitetura paisagista pois, como foi dito anteriormente, o que se pretendia era uma abordagem simples e sintética da EEU, algo que este documento nos favoreceu. É também de referir que esta proposta de EEU se refere apenas a espaços públicos.

⁶ “A Estrutura Ecológica Urbana estabelece ligações funcionais com as áreas rurais envolventes, correspondendo a diferentes tipos de habitats independente da sua riqueza ecológica por exemplo, espaços verdes urbanos, linhas de água, hortas urbanas, áreas arborizadas e sebes de compartimentação identificados na Planta de Estrutura Ecológica Urbana.” (Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista)



Figura 35 – Proposta de Estrutura Ecológica Urbana para a área atual
Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] - Sem escala

	Espaços Cívicos
	Espaços Expectantes
	Espaços de Recreio
	Espaços de Enquadramento
	Espaços Privados

Espaços Cívicos

São áreas bastante frequentadas pela população, albergando áreas de serviços públicos, órgãos de poder local ou espaços comerciais. Na área de intervenção são representados pelo Largo de D. Dinis.

Espaços Expectantes

São áreas que se encontram dispersas na malha urbana da área de intervenção, que ficaram parados no tempo e que se encontram ao abandono. São áreas que possuem uma forte valência ecológica por constituírem espaços de elevada permeabilidade.

Espaços de Recreio

Constituem espaços públicos onde os elementos vegetais e a permeabilidade possuem predominância na conceção e utilização do espaço. São também espaços destinados à utilização e fruição pública, onde os utilizadores podem exercer várias atividades, ativas ou passivas, dependendo das suas características. Na área de intervenção estes espaços são representados pela Calçada da Frandina.

Espaços de Enquadramento

Estes são espaços constituídos pelos espaços de enquadramento à muralha e baluartes na área de intervenção. São áreas que, à semelhança dos espaços expectantes, não são utilizadas mas possuem uma forte valência ecológica, mas que ainda assim decidimos distinguir devido às suas características, claramente diferentes, dos espaços expectantes.

Espaços Privados

Estes são espaços de carácter particular, com importância a nível ecológico e cultural na cidade. Em geral, esta tipologia integra jardins, pátios ou logradouros.

2.4.4.2. Espaços Permeáveis vs Impermeáveis (Anexos - Esquema de Permeabilidades)

Com cerca de metade da sua área permeável, maioritariamente localizada no Castelo, a área de intervenção deve, através da futura proposta, impedir a impermeabilização do solo. É possível ver o contraste entre a zona maioritariamente permeável do castelo em relação ao bairro de Santiago com área maioritariamente impermeável, com exceção dos logradouros.



Figura 36 – Ortofotomapa demonstrativo das áreas permeáveis
Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] - Sem escala

2.5. Análise SWOT

Esta análise SWOT foi feita com o objetivo de facilitar e simplificar a leitura de todos os aspetos até este ponto debatidos na análise do centro histórico medieval da cidade de Estremoz.

Pontos Fortes	Pontos Fracos
Localização privilegiada com excelentes abrangências visuais para a cidade e paisagem envolvente	Degradação do espaço urbano
Arquitetura com valor histórico	Elevado número de fogos vagos e degradados
Alguns elementos arquitetónicos encontram-se bem cuidados e recuperados	Desadequação das tipologias e áreas dos fogos relativamente às necessidades e estilos de vida da população
Património existente	Fraca iluminação, que reforça as fracas condições de segurança
Área multifuncional	Despovoamento
Riqueza histórica	Escassez e desadequação da vegetação existente. É necessária uma limpeza e reestruturação da vegetação
Proximidade ao Rossio de Estremoz	Fragmentação da ocupação urbana, tanto ao nível da ocupação espacial, como de âmbito social
Trânsito automóvel aparentemente bem direcionado apresentando apenas alguns conflitos	Tráfego não se encontra condicionado nas zonas mais sensíveis e o estacionamento encontra-se mal organizado
Alguns dos baluartes já se encontram requalificados	Existência de animais à solta dentro do castelo (um pónei e um cavalo, na zona das bancadas)
Permeabilidade do solo na zona do castelo	Condições sociais da área
A Calçada da Frandina encontra-se limpa e tratada e apresenta alguma diversidade	Segregação que pode levar a um aumento da criminalidade

de espécies vegetais	
Alguns espaços encontram-se limpos, apesar de necessitarem duma requalificação paisagística	Existência de estendais no Bairro de Santiago e perto da Calçada da Frandina
	Inexistência de espaços verdes qualificados
	Carências de equipamentos de apoio aos residentes
	Algum lixo junto às muralhas
	Falta de passeios que permitam circulação pedonal segura
	Inexistência de um caminho pedonal bem estruturado que permita contornar a muralha e dê acesso aos baluartes adjacentes ao castelo
	Existem gradeamentos e portões que necessitam de ser retirados por impedirem a circulação em torno da muralha
	Mármore dos cunhais e cordões necessita de limpeza
	Existência de espaços expectantes sem utilização definida
	Depósito de água da Calçada da Frandina
	Mau enquadramento do depósito de água na Calçada da Frandina
Potencialidades	Condicionantes
Grande potencialidade para a criação de zonas de estadia e lazer	Local muito quente no verão
Quartéis apresentam grande potencialidade para atividades de comércio e outras atividades de dinamização da zona	Fracas condições de segurança, principalmente à noite
A zona das bancadas tem potencial para a criação de uma zona de lazer	Crise económica e financeira
Atenuação do problema demográfico por via do aumento da população imigrante (mas riscos de fragmentação social)	

Valorização da reabilitação urbana com o apoio de instrumentos de política específicos e incentivos fiscais.	
Áreas envolventes ao Castelo com potencial para um bom enquadramento da muralha	
Existem bastantes áreas privadas com potencial para utilização pública, que se encontram ao abandono e fechadas	
Reestruturação urbana do Castelo	
Aposta em programas de habitação a custos acessíveis para os estratos sociais com rendimentos médios.	
Investimento em equipamentos de uso público, geradores de movimentos atrativos	
Revitalização de áreas obsoletas e degradadas	
Investimento em obras de reabilitação de edifícios municipais e particulares	

Esta análise SWOT congrega a grande parte de pontos fortes e potencialidades que gera e, obviamente, quais as particularidades a ter em atenção e quais as que afetam negativamente toda a área. É possível concluir que existem bastantes pontos fracos em comparação com os pontos fortes. Estes pontos fracos poderão ser compensados com as potencialidades que a área de intervenção apresenta. Desta forma, já foram fornecidos alguns parâmetros que poderão servir de base para a futura intervenção, de modo a assegurar a requalificação urbana e valorização ambiental da área de intervenção.

3. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Diagnose

3.1. Estratégia

Da análise efetuada concluímos que devem ser resolvidas as situações que constituem problemas no centro da cidade: acessibilidades deficientes, problemas de trânsito e estacionamento, ausência de espaços de recreio e lazer, ausência de uma estrutura ecológica urbana, degradação do espaço aberto público e equipamento urbano degradado e desadequados.

A um nível geral, o objetivo principal desta proposta de requalificação acaba por conter em si a organização, a preservação, a dinamização, a valorização e a segurança de toda a área de intervenção, e conseqüentemente a sua valorização ambiental, o que por sua vez terá repercussões ao nível da vida da própria cidade. Nesta requalificação o Património apresenta-se como o elemento mais importante, e irá ser em torno dele que as propostas irão girar.

3.1.1. Questões Sociais

Para a regeneração da área de intervenção a aposta poderá passar por fixar os residentes atuais e estimular a fixação de novos moradores. Fixar os que já habitam a área, criando condições de conforto e qualidade de vida, dado que grande parte da população tem dificuldades económicas e de inserção social. É também importante tornar este núcleo habitacional atrativo para novas populações tais como pequenas famílias, renovando assim o índice etário dos residentes. É portanto necessária a recuperação da coerência funcional urbana do centro histórico medieval, através do desenvolvimento de ações que tornem esta zona mais apelativa para a fixação da população e que, ao mesmo tempo, promovam melhorias significativas da qualidade de vida da população residente.

Já existem benefícios sobre o Imposto Municipal sobre os Imóveis (IMI) para a zona de Santiago e outras áreas da cidade, mas estes devem ser divulgados de forma a dar conhecimento às pessoas dos benefícios da área. Apesar das atividades turísticas serem o ponto fulcral desta área não devemos esquecer os moradores pois são eles que dão dinâmica à mesma e podem ditar o sucesso ou fracasso do projeto proposto.

Deve-se potenciar o comércio local, através da criação de condições de segurança para os comerciantes. Deve-se também proceder à criação de exposições e outras atividades que se foquem na história, cultura e génese do bairro. As próprias instituições e associações do bairro de Santiago deverão também beneficiar de um espaço privilegiado para organizar manifestações culturais ou outros eventos. O Quartéis poderiam ser um excelente espaço para estas atividades.

Deverão ser também criadas ações culturais, recreativas e patrimoniais que introduzam uma nova dinâmica na área e que atraiam os turistas e os habitantes de Estremoz de forma a transformar a imagem negativa desta zona. Os habitantes devem também ser envolvidos nas atividades e nas ações que se desenvolvam, de modo a promover a sua integração criando sentido de propriedade do espaço para que contribuam para a sua preservação.

3.1.2. Espaço Edificado

A arquitetura, além do património, é um dos elementos mais importantes nesta proposta. Pelo valor histórico, cultural, e paisagístico que suportam, irão ter um enfâse especial nesta proposta.

Encontramos na área de intervenção exemplares de arquitetura gótica, gótico-manuelina, manuelina e renascentista que devem ser recuperados. Os diferentes elementos edificados desde arquitetura civil, militar ou religiosa, assim como os conjuntos edificados da malha urbana com importância para a imagem e história da urbe, devem ser também recuperados.

É então de pensar a renovação geral da imagem da área de intervenção, através da recuperação e reabilitação das fachadas das habitações pelo interesse histórico, cultural, arquitetónico e paisagístico que apresentam.

3.1.2.1. Infraestruturas - Rede Rodoviária (Carta de Tráfego Proposto – Anexo 8)

Pretende-se promover um uso menos intensivo do automóvel, condicionando o seu trânsito e promovendo a circulação pedonal. Numa zona sensível, do ponto de vista patrimonial, é fundamental privilegiar os peões nas suas deslocações, o que também apresenta vantagens sob o ponto de vista turístico. Desta forma pensamos que o acesso automóvel ao Castelo e a outras zonas da área deverá ser restrito. O acesso deveria ser apenas permitido a utentes do hotel e eventuais veículos de manutenção, cargas e descargas e veículos prioritários. A limitação da circulação automóvel a certas áreas poderia ser feita através de pilaretes que impediriam a entrada dos automóveis. Junto à Capela de Santiago e na Rua da Frandina o trânsito deveria passar a efetuar-se apenas num sentido, por questões de segurança, uma vez que as vias são demasiado estreitas.

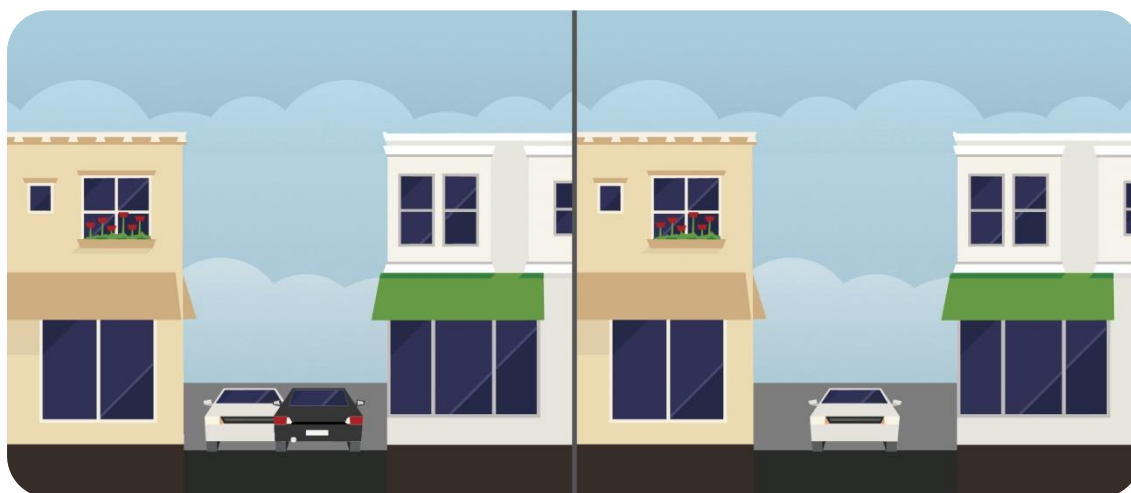





Figura 37 – Esquema da situação atual e proposta, respetivamente, para a Rua da Frandina

O sentido de algumas ruas deveria também ser alterado para melhorar a fluidez do trânsito e facilitar a circulação pedonal como se pode observar na figura 37.



Figura 38 – Ortofotomapa com as orientações de tráfego propostas – Anexo 8
Fonte: Ortofotomapa- Câmara Municipal de Estremoz [2010] - Sem escala

-  Direções de Tráfego Atuais a Manter
-  Direções de Tráfego Propostas
-  Proibições de Circulação Propostas

Circulação Pedonal

Em relação à circulação pedonal, em nosso entender, é também necessário a implementação de passeios que permitam uma circulação mais segura das pessoas e que melhore a imagem do espaço, pela organização que transmitem. A implantação de passeios estará obviamente condicionada pelas condições encontradas sendo que em algumas ruas não serão possíveis de existir.

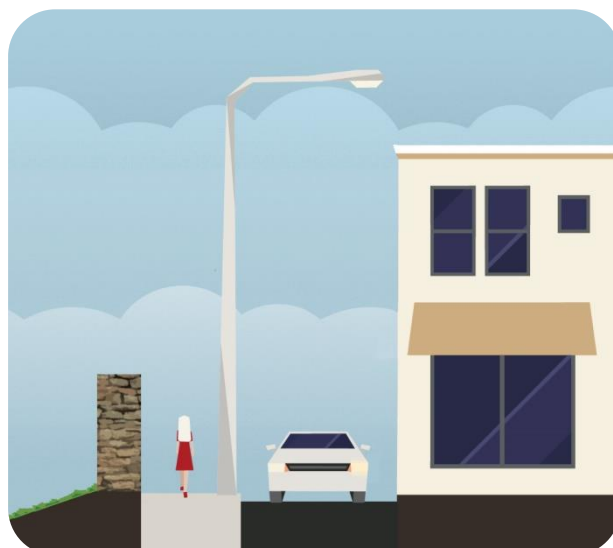


Figura 39 – Esquema do Perfil de rua proposto

Estacionamento Automóvel

O estacionamento automóvel carece de organização e reformulação. Atualmente, os espaços de estacionamento não se encontram definidos ou formalizados e a sua localização desqualifica o espaço. Além de uma reorganização, o estacionamento automóvel carece de uma localização o mais afastada possível das muralhas permitindo a criação duma área de enquadramento deste património, valorizando-o e reforçando-o. O estacionamento deverá ser eficiente tanto sob o ponto de vista do funcionamento do bairro como do ponto de vista turístico.



Figura 40 – Fotografia da Porta do Arco de Santarém

Acesso ao Centro Histórico Medieval

O acesso ao Castelo faz-se atualmente pelo interior da cidade, não por falta de acessos pelo exterior, mas por falta da sua sinalização. Os acessos exteriores que existem atualmente devem ser sinalizados corretamente permitindo um acesso mais rápido ao Castelo, favorecendo claramente o turismo da área e facilitando o escoamento do trânsito.



Figura 41 – Fotografia da Porta de Évora

Transportes Coletivos

Os transportes coletivos não existem na área. Aliás, esta condição estende-se a toda a cidade, ao não existir uma rede de transportes públicos definida. Esta situação merece uma reformulação, devido à tendência que existe para o uso do automóvel, que acaba por encher a cidade de zonas de estacionamento não formalizadas e mal integradas. Estremoz tem uma dimensão já considerável e poderia beneficiar bastante duma medida de implementação de um sistema de transportes públicos, não apenas pelas vantagens que iria trazer aos seus habitantes mas também pelas claras vantagens na qualificação do espaço urbano pela libertação do uso do automóvel, tornando-se uma alternativa à intensidade automóvel que se verifica pela cidade. Seria um investimento dispendioso mas que, mais tarde ou mais cedo, deveria ser efetuado, considerando que é intenção do município de Estremoz o desenvolvimento de uma candidatura do seu centro histórico a Património da Humanidade, através da UNESCO.

Revestimentos de Superfícies e Materiais

Nas zonas de maior degradação do pavimento deverá proceder-se à sua repavimentação. O piso deve ser nivelado e melhorado através da sua uniformização e regularização de modo a produzir menos ruído e permitir um caminhar mais seguro. Estas medidas terão repercussões no trânsito, principalmente no melhoramento da fluidez do tráfego e dos peões. Deve-se preservar o empedrado tradicional, reutilizando o mármore sempre que possível.

Vemos uma grande potencialidade na utilização do mármore neste espaço, quer ao nível da arquitetura quer em diversas áreas da arquitetura paisagista, nomeadamente ao nível do revestimento de superfícies. Este será um dos materiais protagonistas na proposta final.

Iluminação e Mobiliário Urbano

Devem ser criadas boas condições de iluminação e de segurança, de forma a dar mais segurança à área e permitir uma utilização à noite, potenciando o carácter turístico da área num horário mais alargado. A iluminação cénica terá também um papel importante enfatizando todos os elementos patrimoniais que se pretendem valorizar.

Propõe-se a renovação de todo o sistema de iluminação da área de intervenção por outro mais eficiente, a LED, que permite também vantagens ao nível económico. A iluminação a propor deverá ser proposta em conjunto com o mobiliário urbano, de forma a criar uma coerência estética.

O mobiliário urbano a utilizar deverá ser desenhado, de modo a que se enquadre totalmente na futura proposta. A opção pelo desenho destes elementos deve-se, para além de um melhor enquadramento na futura proposta, à ideia de dar um novo uso ao material da região - o mármore.

Sinalética

É também importante o desenvolvimento duma sinalética que informe os turistas acerca do património e recursos paisagísticos existentes. Esta sinalética deverá ser criada em conjunto com a linha de mobiliário urbano.

3.1.3. Património

A recuperação e reabilitação dos elementos patrimoniais existentes na área de intervenção, com especial ênfase para as Igrejas e Capelas, Muralhas e Fortificações, Antiga Casa da Câmara e para os Quartéis, serão efetuadas consoante as cartas anteriormente citadas. Será de prever, no futuro, o alargamento desta medida a toda a cidade, de forma a melhorar a sua imagem, trazendo benefícios ao nível histórico, cultural e turístico de Estremoz.

Os troços de muralha, baluartes e portas devem ser recuperados preservando os valores estéticos e históricos do monumento, respeitando os materiais originais e devendo ser efetuados recorrendo a técnicas contemporâneas de forma a dar-lhe uma maior durabilidade para o futuro próximo, sendo, no entanto, devidamente enquadradas para não alterar o carácter do elemento a ser restaurado. O mármore deve ser limpo recorrendo à técnica de jacto de areia, recuperando o valor e imagem que outrora terá tido.

O grande objetivo passa pela recuperação e valorização de todo o recinto muralhado, fortificações e restante património conferindo-lhes um uso atual e introduzindo-os no nosso quotidiano e vivência tendo sempre presente a conciliação entre as linguagens formais da arquitetura das diferentes épocas.

3.1.3.1. Antiga Casa da Câmara

A Antiga Casa da Câmara ou Casa do Alcaide-Mor, localizada na Rua do Arco de Santarém, é um imóvel classificado como monumento nacional. A casa terá pertencido, já em finais do século XVI, a uma filha de Febo Moniz, fidalgo da corte de D. Sebastião e procurador nas Cortes de Almeirim de 1580. O conjunto, hoje totalmente degradado, conserva ainda traços com bastante interesse arquitetónico e histórico.



Figura 42 – Antiga Casa da Câmara

O edifício ergue-se no Castelo, junto à Porta do Arco de Santarém, com uma planta retangular e dois pisos. No piso térreo é de destacar o pórtico quinhentista em mármore, de recorte manuelino e a janela de verga reta aberta no século XVIII. No piso superior pode ver-se uma janela dupla com colunelos decorados com ornamentação vegetalista e uma varanda setecentista, com balaustrada em mármore.

Na futura proposta pretende-se recuperar este imóvel, devolvendo-lhe a sua anterior glória e esplendor. Propõe-se para sua utilização um museu, reproduzindo as habitações da época quinhentista.

3.1.3.2. Quartéis

Achamos que os Quartéis podem trazer uma grande vantagem para a dinamização da área de intervenção. No bairro de Santiago estes Quartéis, devido à sua reduzida dimensão e falta de condições de higiene, devem ter os seus habitantes realojados. Apresentam um excelente potencial para a criação de um polo de atração que se foque no comércio, artesanato e outras atividades que introduzam uma nova dinâmica à área, propondo-se a sua requalificação para posterior utilização neste sector. Por sua

vez no Castelo, o Quartel, por apresentar uma maior dimensão, deverá ser aproveitado para a criação de um polo museológico com enfoque especial na história e cultura da área de intervenção.



Figura 43 – Quartéis do Bairro de Santiago

Para os Quartéis de Santiago, além da criação de um polo de comércio e artesanato, a proposta para também pela criação de pequenos quartos que permitam aos visitantes pernoitar na área a preços acessíveis. Portanto propõe-se que, na rua dos quartéis, um lado da rua seja afeto à criação destes quartos e o outro seja afeto à criação de zonas de comércio e artesanato. Esta ideia tem como objetivo potenciar ao máximo este local dando-lhe uma vivência e uma ambiência que atualmente não existe e introduzindo visitantes no interior do bairro de Santiago potenciando desta forma para que se acabe com a segregação deste bairro.

Como tal decidimos explorar este ponto e iremos no seguimento deste trabalho apresentar um modelo 3D para os quartos que se pretendem instalar. Estes quartos irão consistir num espaço totalmente funcional, possuindo wc, uma pequena kitchenette, cama, e diversas comodidades que o tornam o espaço acolhedor.

3.1.4. Espaço Aberto Público

Não existem atualmente na área espaços abertos públicos que assegurem as funções ecológicas no espaço urbano e tenham ainda funções de lazer, de recreio e de contemplação.



Figura 44 – Esquema representativo de espaços abertos públicos proposto

A estratégia para os espaços abertos públicos será criar, desenvolver e aumentar a sua disponibilidade através da requalificação de todas as áreas que o permitam, de forma a potenciar o contacto entre os habitantes e os visitantes da área, reabilitando os inúmeros locais expectantes que permitem a contemplação da magnífica paisagem através de zonas de lazer e fruição.

A criação destes espaços irá valorizar toda a área aliando-se à sua história e cultura introduzindo novas funcionalidades. O objetivo não é apenas retirar o que é mau, mas sim criar soluções que se adaptem ao local, respeitando a sua ecologia e os seus aspetos sociais, históricos e culturais.

3.1.5. Sistema de Vegetação

A vegetação pontua a cidade com elementos de cor, textura, movimento e perfume, contrastantes com os materiais inertes. Enfatiza pontos dominantes onde se localizam miradouros ou edifícios históricos; marca e referencia percursos; dá escala aos edifícios ou lugares de estar e convívio amenizando frequentemente dissonâncias resultantes de intervenções mal integradas. Além dos efeitos climáticos positivos, a vegetação transporta para a cidade fauna pois é “habitat” para muitas espécies de aves.

Relvados e prados, embora não introduzindo efeitos na termorregulação, justificam-se não só pelo aumento da humidade registada junto ao solo como pela diminuição da temperatura do ar em comparação com revestimentos impermeáveis.

Achamos também importante que se faça um reforço da vegetação arbórea, como forma de combater as altas temperaturas que se fazem sentir no verão. Além das vantagens sobre as questões de calor, apresenta também vantagens ao nível do microclima da cidade. O estrato arbóreo deve ser eficaz sem, no entanto, ocultar o pano de muralha. Deve se também remover as espécies invasoras e não adequadas à zona de intervenção.

3.1.6. Sistema de Vistas

Segundo a Convenção Europeia da Paisagem (2000), a paisagem desempenha importantes funções de interesse público nos campos cultural, ecológico, ambiental e social, contribuindo para a formação de culturas locais, e representando uma componente fundamental do património cultural e natural, contribuindo para o bem-estar humano e para a consolidação da identidade.

Pela sua importância as relações visuais são um dos elementos mais importantes na futura proposta, sendo possível utilizar várias zonas para a criação de miradouros e zonas de lazer que permitem a apreciação da paisagem envolvente.

3.1.7. Estrutura Ecológica Urbana

Pretende-se fazer uma comparação entre a EEU da situação atual e do pós proposta na área de intervenção. Estas duas cartas de EEU aqui apresentada têm como objetivo sintetizar de forma simples a EEU da área de intervenção, permitindo dar parâmetros gerais que analisam alguns fatores que têm como função assegurar o funcionamento ecológico da Paisagem num meio predominantemente edificado.

Os espaços expectantes dispersos na malha urbana da área de intervenção apresentam uma grande expressão na estrutura ecológica urbana por nós proposta. Estes locais que ficaram parados no tempo e que se encontram ao abandono são áreas que possuem uma forte valência ecológica, por constituírem espaços de elevada permeabilidade. Estes espaços deverão ser utilizados para a criação de espaços abertos públicos de recreio, por constituírem espaços onde o material vegetal e os revestimentos permeáveis são predominantes na conceção e na utilização do espaço, assim como pelo facto de serem destinados à utilização e fruição pública, conferindo-lhe uma nova dinâmica.

Os espaços de enquadramento, constituídos pelos espaços adjacentes à muralha e baluartes, são de elevada importância pelo que devem ser recuperados passando a ter uma função mais digna e mantendo a sua forte valência ecológica. Nestes espaços deverá ser criado um percurso envolvente à muralha do Castelo.

Devem ser criadas medidas que impossibilitem a impermeabilização dos espaços privados e que favoreçam a criação de hortas e jardins, pela clara importância ecológica que estes espaços têm na cidade.

É também importante a manutenção das áreas permeáveis pois permitem uma maior infiltração possibilitando o escoamento da água no caso de chuvas. Sendo as áreas permeáveis uma das grandes potencialidades da zona do Castelo é de impedir que estas sejam impermeabilizadas, salvo raras exceções. Por sua vez, no Bairro de Santiago por ser uma zona maioritariamente impermeável, torna-se ainda mais importante manter as que existem de forma a evitar que este bairro se torne totalmente impermeável. A solução para alguns locais pode passar também pela utilização de pavimentos permeáveis que permitem a infiltração de água evitando a impermeabilização total do solo.

4. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz - Proposta

4.1. Conceito/Objetivos Gerais da Intervenção

O principal objetivo desta proposta foi a requalificação paisagística e a valorização do centro histórico medieval da cidade de Estremoz e, referindo a Convenção Europeia da Paisagem, promover a proteção, a gestão e o ordenamento da paisagem. Esta proposta introduz novas funcionalidades que reforçam a interação do utilizador com o património e espaços abertos públicos e despertam a curiosidade em relação à área, sem alterar o carácter do lugar, conciliando-se dois aspetos fundamentais: recreio e proteção, para assegurar a multifuncionalidade da paisagem.

A área de intervenção surge numa transição entre o tecido urbano e a zona de campos abertos a sul da cidade, ainda assim é caracterizada por estar contida no espaço urbano, pelo que o objetivo passa também pela criação de espaços que lhe deem mais conforto. O homem do futuro terá de ser obrigatoriamente um homem em harmonia e equilíbrio com a natureza. É também com esta ideia em mente, que esta proposta irá ser desenvolvida: com o objetivo de proporcionar aos cidadãos a possibilidade de estar contacto com a natureza, usufruindo ao mesmo tempo de espaços lúdicos e de prazer sensorial com diversas tipos de ambiências e contrastes que proporcionam sensações variadas que contribuem para o seu bem-estar.

O conceito surge das linhas criadas pelo recinto amuralhado e pelas construções do Bairro de Santiago resultando numa linguagem ortogonal. Quebrando a ortogonalidade surge um percurso em torno da muralha que terá uma geometria biomórfica introduzindo contraste e dinamismo na área de intervenção. A linguagem ortogonal irá conjugar e ligar os principais espaços existentes e os propostos conferindo coerência ao espaço e evitando intervenções sectoriais que fragmentam e conferem pouca articulação aos espaços. No projeto opta-se por uma intervenção contemporânea, subtilmente afirmativa que fomenta o contraste mas também uma harmonia com o existente.

A requalificação paisagística do centro histórico medieval da cidade de Estremoz em concordância com a estratégia definida irá ter em atenção os seguintes aspetos:

- Fixação de residentes;
- Potenciar o comércio local;
- Criação de ações culturais, recreativas e patrimoniais;
- Renovação geral da área de intervenção – recuperação, valorização e reabilitação das habitações, património e outros elementos;
- A paleta de cores da proposta de requalificação paisagística irá centrar-se no branco do mármore e castanho da muralha e do aço enferrujado;
- Criar, desenvolver e aumentar a disponibilidade de espaços abertos públicos. Os novos espaços devem surgir nas áreas expectantes e/ou aproveitar as pré-existências;
- O Tráfego automóvel será concentrado em algumas ruas, promovendo a circulação pedonal. A circulação em determinadas ruas passa apenas a ser permitida em ocasiões de manutenção do espaço e a utentes da Pousada;
- O acesso ao castelo passará a realizar-se pela Rua Magalhães de Lima e acessos da envolvente da cidade;
- Implementação de passeios que permitam uma circulação pedonal mais segura;
- Formalização das zonas de estacionamento, de modo a acabar com o estacionamento desordenado;
- Reformulação dos acessos ao Centro Histórico Medieval;
- Implementação de uma rede de transportes coletivos;
- Nivelamento, uniformização e regularização do pavimento;
- Os materiais a utilizar serão essencialmente o mármore, e aço carbonado enferrujado;
- Criação de uma linha de mobiliário urbano, iluminação e sinalética;
- Criação de boas condições de iluminação. Além da iluminação utilitária será também valorizado o recinto amuralhado, assim como outros elementos, com recurso a iluminação cénica;

- Desenvolvimento duma sinalética que informe acerca do património e recursos paisagísticos;
- Utilização da vegetação para difundir cor, textura, movimento e perfume;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Utilização de relvados e prados, invés de pavimentos impermeáveis, para permitir um aumento da humidade junto ao solo e diminuição da temperatura do ar;
- Reforço da vegetação arbórea que deve ser eficaz sem tapar o pano de muralha;
- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas, através da conceção de novos espaços que o possibilitem;
- Conversão dos espaços expectantes em espaços abertos públicos de recreio, mantendo a sua permeabilidade;
- Recuperação dos espaços de enquadramento das muralhas e baluartes;
- Criação de um percurso na envolvente da muralha do Castelo;
- Criação de medidas que favoreçam a criação de hortas e jardins nos espaços privados e que penalizem a sua impermeabilização;
- Manutenção das áreas permeáveis;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2. Objetivos Específicos

A área de intervenção incorpora no seu todo uma grande diversidade de locais que, pelas suas dimensões e diferentes características, irão ser abordados isoladamente para uma melhor compreensão daquilo que se pretende para cada um deles. Esta abordagem tem apenas como objetivo uma maior sistematização da proposta continuando esta a ser considerada como um todo, uma vez que os diferentes espaços têm objetivos comuns entre si.

Apresenta-se de seguida a figura com a localização dos diferentes locais:



Figura 45 – Ortofotomapa com delimitação dos locais alvo de intervenção
Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

Para uma melhor compreensão e organização no seguimento deste relatório a área de intervenção foi dividida em 3 zonas:

- A - Interior do Castelo;
- B - Envolvente do Castelo;
- C - Bairro de Santiago.

Apresenta-se de seguida a designação de cada local consoante a sua zona na área de intervenção.

A - Interior do Castelo:

- 1 - Largo de D. Dinis;
- 2 - Jardim da Igreja de Sta. Maria;
- 3 - Jardim da Capela da Rainha Santa;
- 4 - Estacionamento no Interior do Castelo;
- 5 - Baluarte das Ferrarias;
- 6 - Tapada do Assento e Espaço Adjacente.

B - Envoltente do Castelo:

- 7 - Calçada da Frandina;
- 8 - Salto a Cavallo;
- 9 - Jardim do Arco de Santarém;
- 10 - Meio Baluarte de Santo Agostinho.

C - Bairro de Santiago:

- 12- Baluarte de Nossa Senhora da Saúde.
- 11- Baluarte de Santiago;

A - Interior do Castelo

4.2.1. Largo de D. Dinis



Figura 46 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do Largo de D. Dinis

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

O Largo de D. Dinis tem uma dimensão e morfologia interessante e apresenta-se rematado pelo pavimento em ruína e mármore. A sua aridez nas alturas de maior calor é notória pela falta de vegetação e sombra no local. O maior problema deste espaço será o estacionamento desorganizado que permite que os automóveis cheguem e por lá estacionem, nomeadamente junto à estátua da Rainha Santa Isabel.

Encontramos também alguns fogos que se encontram desabitados e abandonados e que poderiam, posteriormente à sua recuperação, introduzir novamente a função de

habitação ou outra atividade que se inserisse no contexto da área de intervenção. Estes fogos confinam no limite sul o Largo de D. Dinis e, encontrando-se desabitados e degradados acabam por conferir uma imagem deserta e pouco vivida a este local.

Para o largo de D. Dinis a proposta foca-se mais nas questões estéticas não existindo uma proposta a nível de desenho pois pretende-se manter a atual configuração do espaço apenas com algumas condicionantes no que toca à circulação automóvel.

O pavimento, atualmente degradado, deve ser regularizado e uniformizado por todo o largo para permitir uma circulação pedonal mais confortável e segura, permitindo aos deficientes motores uma deslocação mais fácil. A introdução de estrato arbóreo irá também retirar um pouco da aridez que se sente na área, principalmente no verão.

Apesar de não sermos apologistas da utilização de pilaretes, nesta área terão uma grande importância para impedir que o estacionamento desorganizado continue a realizar-se. Serão apenas mantidos alguns lugares de estacionamento, junto à Torre de Menagem que estarão destinados a deficientes motores e a estacionamento pontual para cargas e descargas, perfazendo no total 6 lugares de estacionamento.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Recuperação dos fogos degradados e abandonados;
- Valorização e reabilitação do património – Igreja, Galeria de Desenho, Pousada, etc;
- Retirar o estacionamento da área, mantendo apenas lugares para deficientes motores e cargas e descargas;
- Nivelamento, uniformização e regularização do pavimento;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Criação de zonas de permanência;

4.2.2. Jardim da Igreja de Sta. Maria



Figura 47 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço junto à Igreja de Sta. Maria e Galeria de Desenho

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

A zona adjacente à Igreja de Sta. Maria e à Galeria de Desenho comporta dois espaços, um deles ocupado pelo depósito de água que nenhuma utilização tem, e outro, que se encontra atualmente fechado ao público e abandonado. Com a futura proposta pretende-se uni-los, eliminando o muro que divide estes espaços. Propõe-se também a demolição do depósito, propondo-se a sua reconstrução debaixo do novo jardim que se irá construir.

O objetivo principal é criar um espaço confortável com ênfase nas vistas para a paisagem e com possibilidade de permanência. Devido à proximidade com a Galeria de

Desenho e Pousada, este espaço mostra-se também o local ideal para a criação e localização de exposições e atividades ao ar livre. Será também nele que se irá localizar a zona de sanitários públicos de apoio aos visitantes.

Será dada especial atenção a este espaço, uma vez que esta área do castelo é a que tem mais utilização e visitas devido à localização da pousada e de outros elementos patrimoniais. Assim, este espaço terá uma grande importância no conjunto dos espaços abertos públicos de lazer que se irão reabilitar e criar dentro do castelo.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Demolição do atual depósito e construção de um novo depósito subterrâneo;
- Criação de um jardim em patamares com uma linguagem ortogonal;
- Recuperação do muro que detém interesse histórico;
- Eliminação do muro que divide os dois espaços;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Manutenção das áreas permeáveis pela utilização do relvado;
- Utilização de pavimentos permeáveis;
- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Criação de novas funções e ambiências;
- Criação de zonas de permanência;

4.2.3. Jardim da Rainha Santa Isabel



Figura 48 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço do jardim da Rainha Santa Isabel

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

O espaço localizado em frente à Capela da Rainha Santa Isabel não tem atualmente qualquer utilização apresentando-se como um espaço expectante à mercê das infestantes que lhe cobrem o solo. É uma área com uma dimensão generosa e com potencial para a criação de um jardim.

Este espaço, que irá denominar-se jardim da Rainha Santa Isabel, tem o objetivo primordial da manutenção das áreas permeáveis pela criação de um grande relvado. Propõe-se o aplanamento da área e a criação dum talude no limite oeste, em frente da Capela. O aplanamento da área permite uma maior utilização do espaço aproveitando-

se o talude criado para a introdução duma zona de estadia que se irá dispor como um anfiteatro, à semelhança da Calçada da Frandina, onde encontramos os bancos propostos que dão uma imagem contemporânea ao espaço, dando a sensação que flutuam, conferindo-lhes uma imagem simples e minimalista. Estes repetir-se-ão ao longo de toda a área de intervenção, facilitando uma leitura coerente de toda a proposta.

A fruição das vistas é também bastante importante neste local. A paisagem, em conjugação com a muralha, funcionará como um pano de fundo que pode ser vislumbrado do anfiteatro. A vegetação arbórea ficará confinada à zona do talude e com apenas 3 exemplares de modo a não ocultar a Capela e a Pousada.

Neste espaço pretende-se que o utilizador se aproprie dele livremente. O seu desnível suave confere-lhe conforto para quem, por exemplo, procurar um lugar sossegado para ler um livro.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Aplanamento da área e criação dum talude no limite em frente da Capela;
- Utilização de uma linguagem ortogonal;
- Recuperação e valorização do pano de muralha e da capela;
- Criação de um acesso ao interior do castelo;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Manutenção das áreas permeáveis pela utilização do relvado;
- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Criação de novas funções e ambiências;
- Criação de zonas de permanência;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2.4. Estacionamento no Interior do Castelo



Figura 49 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço adjacente ao quartel

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

Para combater o estacionamento excessivo e desorganizado no interior do castelo, principalmente no Largo de D. Dinis, propõe-se a criação de uma área de estacionamento num dos espaços expectantes no interior do castelo, adjacente ao Quartel, que irá servir de apoio aos utentes da pousada e aos visitantes, de um modo geral.

A escolha desta área para a criação do parque estacionamento deveu-se à sua topografia, pois o encaixe que resulta do desnível existente permite que os automóveis fiquem estacionados sem grande impacto visual. A vegetação acaba por atenuar também a sua presença apresentando-se assim esta área como a ideal para a criação de estacionamento dentro do Castelo.

Esta área será constituída por calçada irregular de mármore, rematada por lancil de mármore, e inclui 23 lugares de estacionamento. É proposto ensombramento arbóreo, sendo as espécies utilizadas pouco densas para não impedirem a fruição das vistas desde o Largo de D. Dinis. Encontraremos também uma zona de estadia associada a este espaço, localizada junto ao Quartel, que irá introduzir dinâmica no local pelo conjunto das atividades que se pretende introduzir no mesmo. A Casa do Guarda do Paiol de Santa Bárbara será reabilitada para instalações sanitárias. Serão demolidas as ruínas existentes a oeste por não apresentarem valor histórico ou patrimonial, sendo neste local proposta a criação de um miradouro.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Recuperação e valorização do quartel e do pano de muralha;
- Aproveitamento do Quartel para a criação de um polo de atração que se foque no comércio, artesanato e outras atividades;
- Melhoramento das acessibilidades;
- Implementação de passeios que permitam uma circulação pedonal mais segura;
- Formalização das zonas de estacionamento, de forma a acabar com o estacionamento desordenado;
- Introdução de pavimento em calçada irregular de mármore;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Utilização da vegetação para difundir cor e conforto;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Criação de zonas de permanência;

4.2.4.1. Quartel



Figura 50 – Quartel que se pretende reabilitar

Propõe-se a requalificação do antigo quartel em colaboração com as autoridades que tutelam o património arquitetónico (Ministério da Defesa, Direção Regional da Cultura do Alentejo).

Este Quartel apresenta um ótimo local para a criação de um polo de comércio de artesanato e outras atividades características de Estremoz introduzindo, desta forma, os serviços novamente na área dando-lhe uma maior dinâmica. É importante salientar que este quartel, pela dimensão que apresenta poderia também localizar outro tipo de serviços, como uma cafetaria com esplanada incluída no projeto de espaço aberto que se propõe para a área.

4.2.5. Baluarte das Ferrarias



Figura 51 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do Baluarte das Ferrarias

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

O Baluarte das Ferrarias é atualmente um espaço expectante que, apesar das suas excelentes vistas, se encontra totalmente abandonado. Nele encontramos o Antigo Paio de Santa Bárbara, também ele degradado. Propõe-se para este espaço um jardim, de modo a manter a permeabilidade da área, tendo especial protagonismo as excelentes vistas que aqui podemos usufruir.

A demolição dos antigos currais, por se encontrarem atualmente degradados e não apresentarem valor histórico, permitirá uma maior utilização de toda a área que se pretende revestir maioritariamente por prado, que permitirá todo o tipo de atividades

ao ar livre. Proporcionar sombra a este espaço será também um dos objetivos sem, no entanto, ocultar o pano de muralha que se localiza adjacente a este local. Em conjunto com este prado surgirá uma zona de merendas junto à zona do Paiol, também com ênfase especial para a fruição da paisagem.

A requalificação do Paiol será um dos objetivos para este local, conferindo-lhe uma nova vida e dinâmica. À semelhança do Quartel anterior comportará atividades museológicas, artesanais e de comércio típicas de Estremoz e servirá, também, de apoio para outro tipo de eventos e atividades que se localizem nesta zona.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Utilização de uma linguagem ortogonal;
- Recuperação e valorização do Paiol de Santa Bárbara e do Pano de Muralha;
- Criação de um espaço que permita a realização de eventos/feiras/etc;
- Criação de uma zona de merendas;
- Renovação da guarda existente;
- Melhoramento das acessibilidades;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Utilização da vegetação para difundir cor, textura, movimento e perfume;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Manutenção das áreas permeáveis pela utilização do prado;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Criação de novas funções e ambiências;
- Criação de zonas de permanência;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2.6. Tapada do Assento e Espaço Adjacente



Figura 52 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço da Praça da Rua do Assento e espaço adjacente

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

A Rua do Assento que se dirige desde o Quartel, existente dentro do castelo, até à Tapada do Assento apresenta-se como um acesso pouco utilizado, assemelhando-se à entrada para uma propriedade privada. Propomos que a Tapada do Assento seja ligada a um espaço privado, localizado na rua do assento, de forma a aumentar a sua área e a dar uma utilização ao espaço privado que se encontra atualmente degradado e ao abandono.

Adjacente a este espaço encontramos outro, além do privado, já com alguma dimensão e sem qualquer utilização definida, tendo apenas acessos a propriedades.

É proposto que os espaços anteriores se complementem um aos outro, promovendo a estadia na Tapada do Assento e espaço privado adjacente, dando-lhe uma maior dinâmica e vida. O espaço envolvente fica cingido à função de estacionamento e acesso às propriedades.

A Tapada do Assento terá uma tipologia de terreiro onde se pretende introduzir novas funcionalidades e valências. O espaço proposto destaca-se pela sua simplicidade e terá como objetivo principal a criação de um espaço permeável, ensombrado e polivalente, que permita o recreio, estadia e a ocorrência de eventos, como feiras ou reconstituições medievais.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Criação dum espaço com tipologia de terreiro;
- Utilização de uma linguagem ortogonal;
- Criação de um espaço que permita a realização de eventos/feiras/etc;
- O Tráfego automóvel retirado na Tapada do Assento;
- Melhoramento das acessibilidades;
- Implementação de passeios que permitam uma circulação pedonal mais segura;
- Formalização das zonas de estacionamento, de forma a acabar com o estacionamento desordenado;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Criação de novas funções e ambiências;
- Criação de zonas de permanência;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

B - Envolvente do Castelo

A envolvente do Castelo tem uma imagem bastante descuidada e degradada que nada ajuda a valorizar a imagem da cidade. É necessária uma operação de recuperação e limpeza de todos os baluartes. Sendo esta a zona com maior interesse histórico e patrimonial, em semelhança com o interior do Castelo, e situada nas cotas mais altas da cidade terá logicamente uma maior visibilidade pelo que a sua limpeza e recuperação ajudariam a elevar a imagem de cidade.

Nela localizam-se 4 dos espaços que irão ser trabalhos com maior detalhe, a Calçada da Frandina, o Salto a Cavallo, o Jardim do Arco de Santarém e o Meio Baluarte de Santo Agostinho. A proposta para a envolvente do castelo irá passar pela introdução de um percurso que ligue todos estes espaços. Este percurso, em oposição com a linguagem utilizada para os diferentes espaços, será biomórfico de forma a contrastar com a morfologia da muralha.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Renovação geral da área de intervenção – recuperação, valorização e reabilitação das habitações, património e outros elementos;
- Criação e melhoramento das acessibilidades;
- Implementação de passeios que permitam uma circulação pedonal mais segura;
- Formalização das zonas de estacionamento, de forma a acabar com o estacionamento desordenado;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Utilização da vegetação para difundir cor, textura, movimento e perfume;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Utilização de relvados e prados, invés de pavimentos impermeáveis devido ao aumento da humidade junto ao solo e diminuição da temperatura do ar;
- Reforço da vegetação arbórea que deve ser eficaz sem tapar o pano de muralha;

- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Criação de novas funções e ambiências, que introduzem novas dinâmicas ao local respeitando o seu carácter;
- Criação de zonas de permanência;
- Recuperação dos espaços de enquadramento das muralhas e baluartes;
- Criação de um percurso na envolvente da muralha do Castelo;
- Manutenção das áreas permeáveis;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2.7. Calçada da Frandina



Figura 53 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual da Calçada da Frandina

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

A Calçada da Frandina apresenta-se como um local de passagem para quem se dirige do centro da cidade, através da Rua da Frandina, para o Castelo pela Porta da Frandina. Este espaço é marcado essencialmente pela existência do grande depósito de água e pela sua escadaria em mármore. O estacionamento é informal e indiscriminado e a vegetação encontra-se disposta sem critério, o que nada ajuda a valorizar o espaço. Não existe qualquer possibilidade de estadia no local, propondo-se a sua introdução conferindo mais conforto ao local.

O objetivo primordial para este espaço passa, para além da valorização deste acesso ao castelo, pelo enquadramento do depósito, pela introdução da função de estadia e por conferir uma maior dinâmica à área.

Recorrendo a um desenho biomórfico será dada uma nova imagem a este local. A função de estadia será introduzida através de bancos de mármore localizados nas encostas relvadas. Os bancos, em semelhança aos do Jardim da Rainha Santa Isabel, terão a particularidade de transmitirem a sensação de estarem suspensos no ar, pois a sua fundação encontra-se dentro da encosta.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Enquadramento com o percurso envolvente à muralha;
- Enquadramento do depósito;
- Criação de uma nova zona de estendais para os moradores;
- Recuperação e valorização do pano de muralha e do baluarte;
- Melhoramento das acessibilidades;
- Implementação de passeios que permitam uma circulação pedonal mais segura;
- Formalização das zonas de estacionamento, de forma a acabar com o estacionamento desordenado;
- Formalização do acesso para o Pátio dos Solares;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Remoção dos arbustos por não se adequarem à futura proposta;
- Reforço da vegetação arbórea que deve ser eficaz sem tapar o pano de muralha;
- Utilização da vegetação para difundir cor, textura, movimento e perfume;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Manutenção da permeabilidade pela utilização de relvados;
- Criação de novas funções, onde se destaca a estadia;
- Criação de zonas de permanência;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2.8. Salto a Cavallo / Bancada



Figura 54 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do espaço do salto a cavalo

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

O local do Salto a Cavallo é um dos locais com mais interesse em toda a área de intervenção. Localiza-se na zona do Baluarte do Picadeiro e apresenta-se como uma bancada para uma ampla área aberta, desafogada e com excelentes vistas para a paisagem. Ocasionalmente é alvo de eventos relacionados com a arte equestre e é, de facto, um local que tem capacidade para receber eventos devido à sua enorme área.

Eliminar a bancada atual que se encontra em elevado estado de degradação e optar por um anfiteatro adequado à morfologia do espaço é o grande objetivo para este local. A proposta irá basear-se numa opção mais naturalizada e mais integrada no

talude existente, mantendo as funções atuais, mas introduzindo estadia, o que lhe irá dar mais valências e uma ambiência mais interessante.

Apesar dos seus problemas de degradação, apresenta também vantagens, como é o seu estrato arbóreo bastante eficaz. Apesar de na proposta não ser possível manter todo o estrato arbóreo atual, a ideia de manter um “teto verde” fará parte da proposta conferindo-lhe um ambiente intimista e reservado permitindo, desta forma, que o utente do espaço se encontre em contacto bastante mais próximo com a natureza. Tendo em conta que neste espaço o pano de muralha já se encontra relativamente dissimulado pelas árvores existentes não será uma grande preocupação o facto de se ocultar a muralha com as árvores e a solução propostas.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Enquadramento com o percurso envolvente à muralha;
- Criação de uma bancada integrada na morfologia do terreno;
- Criação de um espaço que permita a realização de eventos/feiras;
- Utilização de uma linguagem ortogonal;
- Recuperação e valorização do pano de muralha;
- Melhoramento das acessibilidades ao interior do castelo;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Manutenção da permeabilidade pela utilização do prado;
- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Manutenção das funções e ambiências existentes;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2.9. Jardim do Arco de Santarém



Figura 55 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do local do Arco de Santarém

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

O Jardim do Arco de Santarém apresenta uma grande importância na área de intervenção por ser uma das entradas principais do Castelo. Encontra-se dividido em dois espaços pela via que faz o acesso ao interior do Castelo, e que constitui o seu único acesso viário.

O local está bastante descuidado sendo constituído por dois terrenos baldios, marcados essencialmente pelo estacionamento desorganizado, pela falta de vegetação ao nível do estrato arbóreo e pela existência de estendais num dos dois espaços que o constituem.

Pretende dar-se a esta área uma função de enquadramento da muralha formalizando uma proposta que valorize esta entrada. Além da formalização do estacionamento e dos percursos pedonais, a introdução de estrato arbóreo será também um dos objetivos principais, de modo a dar-lhe um maior conforto, principalmente no verão.

Os estendais existentes são utilizados pela população desta área pelo que deverão ser mantidos. No entanto, propõe-se a sua localização numa área adjacente e mais dissimulada no enquadramento da muralha. Serão desenhados para se enquadrarem na linha de mobiliário urbano proposta.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Enquadramento com o percurso envolvente à muralha;
- Criação de uma nova zona de estendais para os moradores;
- Recuperação e valorização do pano de muralha;
- Implementação de passeios que permitam uma circulação pedonal mais segura;
- Formalização das zonas de estacionamento;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Manutenção da permeabilidade pela utilização do prado;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2.10. Meio Baluarte de Santo Agostinho



Figura 56 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do local do Meio Baluarte de Santo Agostinho

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

O Meio Baluarte de Santo Agostinho tem atualmente as funções de “traseiras” da pousada, não apresentando portanto uma função adequada a elemento patrimonial de elevado valor histórico. É nele que se situam o caixotes do lixo e outros elementos de apoio à Pousada. Encontramos também alguma vegetação sem organização de onde se destaca a palmeira que tem alguma expressão no local.

Com a proposta desenvolvida pretende-se dar a este local maior valor no conjunto da área de intervenção, através da sua inclusão no percurso envolvente à muralha. Não esquecendo que este espaço serve de apoio à pousada, pretende-se manter a funções

atuais introduzindo-lhe contudo outras que lhe vão permitir uma vida e dinâmicas que não existem atualmente.

Pretende-se então criar um jardim que servirá de apoio aos utentes da Pousada, dando uma nova vida a esta área. A introdução de elementos vegetais será feita com especial ênfase para a palmeira existente que tem, a nosso ver, uma importância elevada na identificação deste meio baluarte desde a parte mais baixa da cidade de Estremoz.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Enquadramento com o percurso envolvente à muralha de forma a criar e melhorar as acessibilidades às áreas envolventes;
- Utilização de uma linguagem ortogonal;
- Criação de uma zona para colocação de caixotes de lixo e outros elementos de apoio à pousada;
- Recuperação e valorização do meio baluarte;
- Formalização das zonas de estacionamento de apoio à Pousada;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Remoção da vegetação que não se adequa à futura proposta;
- Utilização da vegetação para difundir cor, textura, movimento e perfume;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Manutenção da permeabilidade pela utilização do relvado;
- Procurar proporcionar a fruição das vistas para a cidade;
- Criação de novas funções e ambiências;
- Criação de zonas de permanência;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

C - Bairro de Santiago

O Bairro de Santiago apresenta-se, ao contrário da área do castelo, como uma área bastante consolidada, com poucas áreas permeáveis. Apesar da existências de alguns logradouros, a grande maioria das habitações não possui espaços exteriores pelo que é importante introduzir nesta área espaços abertos públicos de lazer que assegurem a circulação da água, do ar, e do solo e constituam um desafogo no espaço urbano, pelo que um dos objetivos principais passa pela criação ou formalização dos espaços abertos públicos de lazer aproveitando as pré-existências.

É também importante um reforço da vegetação arbórea no bairro de Santiago, de forma a aumentar o conforto da área. Este reforço traz vantagens ao nível do micro clima da cidade.

Uma das medidas para o Bairro de Santiago passa pela criação de um polo de atracão que se foque no comércio, artesanato e outras atividades na zona dos seus Quarteis. Quer pela sua dimensão quer pela sua localização estes Quartéis constituem um ótimo local para a implantação lojas de comércio e artesanato típicos de Estremoz. Constituem também excelentes locais para a criação de museus que passem pela reconstituição da sua função original como forma de difundir a história da área de intervenção.

O tráfego automóvel no Bairro de Santiago irá sofrer algumas alterações de forma a promover a circulação pedonal. Certas áreas passarão a ter apenas um sentido evitando, desta forma, certos constrangimentos ao nível do tráfego, trazendo benefícios ao nível da redução do ruído e de uma melhor leitura do espaço. São também formalizados lugares de estacionamento nos locais onde este se encontra desorganizado.

Os dois locais que vão ser alvo de um projeto mais pormenorizado são os Baluartes da Nossa Senhora da Saúde e de Santiago que, pelas suas características, serão alvo de

uma proposta que valorize o seu património dando, uma vez mais, especial ênfase e valor às relações visuais para a paisagem envolvente.

O objetivo para esta área é a organização, dinamização, valorização e segurança de toda a área de intervenção, desenvolvendo a requalificação urbana e valorização ambiental, o que por sua vez terá repercussões ao nível da própria cidade.

A requalificação paisagística do Bairro de Santiago irá, para além do referido anteriormente, centrar-se nos seguintes aspetos:

- Reafectação do trânsito;
- Utilização de uma linguagem ortogonal;
- Ligação ao percurso envolvente à muralha através de acessos pedonais formalizados;
- Renovação geral da área de intervenção – recuperação, valorização e reabilitação das habitações, património e outros elementos;
- Aproveitamento dos Quartéis para a criação de polos de atracção que se foquem no comércio, artesanato e outras atividades;
- Criação e melhoramento das acessibilidades;
- Implementação de passeios que permitam uma circulação pedonal mais segura;
- Formalização das zonas de estacionamento, de forma a acabar com o estacionamento desordenado;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Utilização da vegetação para difundir cor, textura, movimento e perfume;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Utilização de relvados e prados, invés de pavimentos impermeáveis;
- Reforço da vegetação arbórea que deve ser eficaz sem tapar o pano de muralha;
- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Criação de novas funções e ambiências, que introduzem novas dinâmicas ao local respeitando o seu carácter;

- Criação de zonas de permanência;
- Manutenção das áreas permeáveis;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2.11. Baluarte da Nossa Senhora da Saúde



Figura 57 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do local do Baluarte da Nossa Senhora da Saúde

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

O Baluarte da Nossa Senhora da Saúde apresenta-se como um espaço revestido em terra batida utilizado maioritariamente para estacionamento. É um espaço com pouco interesse estético onde as vistas para a paisagem são escassas devido ao muro que o limita. Aqui se realiza, uma vez por ano, as festas tradicionais do Bairro de Santiago.

O grande objetivo para este espaço passa por criar uma área polivalente e multifuncional. Para tal, propõe-se a criação de um espaço pavimentado em saibro que permita a realização de diversas atividades ao ar livre que podem estar associadas à zona dos Quartéis do Bairro de Santiago. Deve também permitir a continuação da realização das festas tradicionais e ainda de outros eventos que possam surgir. O facto

deste local estar associado à Igreja de Santiago dá-lhe também possibilidade de suportar procissões e romarias.

Propõe-se a criação de uma plataforma sobrelevada que servirá de palco para as festas tradicionais. Esta plataforma compensará, também, a falta de vistas para a paisagem, devido ao muro que limita o espaço, permitindo o usufruto da paisagem. É ainda de referir que, por não ser possível manter o estacionamento neste local, criou-se uma pequena bolsa de estacionamento no alçado posterior da Igreja de Santiago.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Criação de um espaço que permita a realização de eventos;
- Criação de um palco através de uma plataforma sobrelevada;
- Utilização de uma linguagem ortogonal;
- Recuperação e valorização do baluarte;
- Formalização das zonas de estacionamento;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Criação de novas funções onde se destaca a estadia;
- Manutenção das áreas permeáveis;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

4.2.12. Baluarte de Santiago



Figura 58 – Ortofotomapa com delimitação do espaço de intervenção e fotografia atual do local do Baluarte de Santiago

Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] – Sem escala

O Baluarte de Santiago foi alvo de um projeto há relativamente pouco tempo. Deste surgiu uma rotunda e triângulos que não se integram na realidade do bairro, que não são necessários e que não valorizam o espaço. A zona do baluarte, com excelentes vistas, não teve por sua vez qualquer proposta, consistindo apenas num prado de infestantes com uma zona de estacionamento associada. Adjacente a esta área do baluarte encontramos um local com dimensões menores que serve de estacionamento contendo algumas espécies vegetais em mau estado fito sanitário.

Não sendo possível eliminar a rotunda e os triângulos, por terem sido alvo de um investimento avultado, tentou-se integrar estes elementos numa proposta coesa integrada na realidade do bairro. Assim investimos numa proposta que se focalizou, essencialmente, no usufruto das excelentes vistas para a paisagem.

Esta proposta consiste num grande relvado associado a uma zona de merendas. No local adjacente ao baluarte, atualmente ocupado por estacionamento informal, propôs-se um equipamento desportivo que acabou por ser a solução recreativa adequada à realidade social da área de intervenção, por apresentar alguma robustez.

Os objetivos da proposta para este espaço são:

- Criação de um espaço polivalente;
- Introdução de um equipamento desportivo polivalente;
- Criação de zona de merendas em conjugação com um grande relvado;
- Utilização de uma linguagem ortogonal;
- Recuperação, valorização e reabilitação das habitações, património e outros elementos;
- Implementação de passeios que permitam uma circulação pedonal mais segura;
- Formalização das zonas de estacionamento, de forma a acabar com o estacionamento desordenado;
- Criação de boas condições de iluminação e recurso a iluminação cénica;
- Utilização da vegetação para enfatizar pontos dominantes;
- Manutenção da permeabilidade pela utilização do relvado;
- Reforço da vegetação arbórea;
- Procurar proporcionar aos visitantes a fruição das vistas privilegiadas;
- Criação de novas funções e ambiências;
- Criação de zonas de permanência;
- Utilização de pavimentos permeáveis;

5. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz – Proposta Final

5.1. Proposta Geral

5.1.1. Plano Geral (Anexos - Plano Geral)



Figura 59 – Plano Geral - Sem escala

A expansão urbana deve permitir e promover a integração, na cidade, da paisagem do campo e dos seus valores estéticos e culturais. Pelo que a mata, a sebe, a árvore, os prados, as orlas, os percursos, pertencem à conceção do futuro e pertencem também hoje à cidade. (Gonçalo Ribeiro Telles) Apelamos, portanto, a um conceito de Ribeiro Telles, o de paisagem global, que nos diz que o espaço rural ou o campo e o espaço urbano da cidade, devem-se interligar de modo a que não olhemos a paisagem de uma forma sectorial e fragmentada nas suas funções, mas sim como uma globalidade e multifuncionalidade em cada momento.

É então fácil perceber que o homem do futuro terá de ser, obrigatoriamente, um homem em harmonia e equilíbrio com a natureza, um homem que deve interligar a cidade com o campo. Esta relação cidade-campo que deve que ser íntima, na área de intervenção, que se situa numa área de transição entre a cidade e o espaço rural deverá ser presente e fomentada.

A manutenção dos espaços abertos públicos é vital, pela especial importância que assume na paisagem e vivência urbana devido à sua localização no tecido edificado, à sua permeabilidade e articulação com o tecido edificado. Isto faz especial sentido na área sobre a qual este relatório se debruça, onde a rede de espaços abertos públicos, ocupa grande parte da área de intervenção, com especial incidência na zona do Castelo e encosta envolvente.

O “continuum naturale” do Centro Histórico Medieval de Estremoz deverá ser desta forma o prolongamento do campo que o rodeia que, quando entra no seu interior deve assumir as suas funções, conciliando sempre as três funções fundamentais: recreio, produção e proteção, para assegurar a multifuncionalidade da paisagem.

Segundo Ribeiro Telles a paisagem não é só a parte ecológica, física, e visual, é também a presença do homem e das gerações que a compreenderam e que a foram modificando. O legado patrimonial que encontramos na área de intervenção compreende a herança que os nossos antepassados deixaram, pelo que, para além de preservar e valorizar estes elementos que tiveram um papel central na nossa proposta, é importante projetar com coerência social, espacial e temporal para que a proposta que aqui é apresentada se preserve e seja aceite no futuro.

Foi com esta ideia que os espaços propostos foram criados: com o objetivo de proporcionar aos cidadãos a possibilidade de estar em contacto com a natureza de usufruir de espaços lúdicos e de prazer sensorial que contribuem para o seu bem-estar recorrendo-se a diversos tipos de ambiências e contrastes para proporcionar sensações variadas, que tentam remeter para espaço rural.

Pretendeu-se também, para além do restauro, conservação e reabilitação do património, o estabelecimento de condições que permitissem uma visita continua a todos os elementos patrimoniais. Esta proposta promove o turismo mas surge também associada à criação de melhores condições de vivência para os moradores da zona, podendo-se afirmar que um dos objetivos primordiais desta proposta foi permitir uma

apropriação, proximidade e conexão com os espaços, história e cultura, que anteriormente não se verificava.

Articulado com o património surge o sistema de espaços abertos públicos, já referido anteriormente, sobre o qual nasceram as diferentes propostas que pretendem dar valor e uso aos espaços expectantes que atualmente se encontram dispersos pela área, sem qualquer tipo de utilização e com elevado grau de degradação, conferindo-lhes e reforçando-lhes o seu valor estético, paisagístico e histórico, sem esquecer a promoção da integração na cidade da paisagem do campo e dos seus valores estéticos.

Estes espaços surgem em associação com os diferentes elementos patrimoniais, numa relação de simbiose em complemento uns dos outros, proporcionando outras funções e alargando o seu espectro de usos conferindo-lhe vivência e dinamismo.

A proposta tenta acima de tudo contar uma história. Um percurso torna-se o fio condutor, ligando momentos numa narrativa com uma simples cadeia de eventos com princípio, meio e fim, e que pode ser acompanhada por caminhos paralelos que conduzem a cenários alternativos (Solnit, 2010). O património será a história a contar, onde o seu valor cultural, histórico, arquitetónico e paisagístico tornam a área de intervenção num espaço de descoberta que desperta a curiosidade de quem o visita, fazendo-o remontar às suas origens e às origens do povo português.

De um modo geral é possível dizer que a linguagem dos espaços concebidos é ortogonal, em contraste com o percurso envolvente ao castelo onde a linguagem é mais orgânica e sinuosa de forma a contrastar a rigidez apresentada pelas muralhas e pelos espaços que projetámos.

No geral, os espaços criados apresentam uma linguagem simples onde o respeito pelo carácter do lugar e a introdução de novas funções, que dinamizam os diferentes locais, foram bastante importantes. A sombra e a luz proporcionam também um contraste e uma dinâmica interessantes, assumindo a vegetação um papel bastante importante nesta proposta. Foi também essencial manter o conjunto de elementos construídos

que tornam esta área única, sendo de destacar a relevância da manutenção do murete de pedra seca, que se apresenta como um elemento único (não é argamassado permitindo a drenagem).

Visualizar, ouvir, tocar e cheirar são também modos de posicionar o nosso corpo para uma representação interna do mundo exterior, onde cada sistema sensorial contribui para a nossa consciência do lugar. Esta proposta tentou fugir do grande peso que se coloca, hoje em dia, sobre as impressões visuais, tentando provocar uma maior consciência de todas as impressões sensoriais, de forma a criar um maior entendimento da paisagem circundante.

A topografia foi também uma ferramenta importante para as propostas aqui apresentadas devido à sua capacidade de filtrar e atenuar as fontes sonoras e pela versatilidade que gerou às propostas criadas.

Esta proposta pretendeu também contrariar a imagem negativa que a área de intervenção tem devido aos problemas de segurança decorrentes essencialmente da ocupação do bairro (maioritariamente por moradores de etnia cigana e de emigrantes de leste), assim como devolver a sua anterior glória combatendo a desertificação, abandono e degradação, criando espaços que a dignifiquem e se tornem centrais na vivência dos moradores de Estremoz.

Por fim, apesar da proposta se centrar no todo do centro histórico medieval, devido à falta de legibilidade da escala apresentada no plano geral exposto na figura 48, optou-se por elaborar propostas específicas para os locais com maior importância na área de intervenção e que, pelas suas dimensões e características, exigiam um maior pormenor. Esta opção permite uma melhor compreensão da proposta e irá ser apresentada posteriormente.

5.1.2. Espaço Edificado

5.1.2.1. Vias (Anexos – Plano de Acessibilidades)

Uma vez que a área sobre a qual este projeto se debruça apresenta limites físicos à circulação de veículos de maiores dimensões, as dimensões apresentadas focam-se exclusivamente na circulação de veículos ligeiros por serem os que de uma forma geral conseguem circular nesta área.

Foi considerado um raio de viragem mínimo de 5,78m e as dimensões das faixas de circulação dos automóveis devem, nos locais onde é possível, ter uma dimensão de pelo menos 3-3,5m. Onde for possível a colocação de duas faixas o valor cresce para 6-7m. Em alguns locais onde existe o cruzamento entre veículos automóveis em vias de pequenas dimensões o controlo será efetuado através da devida sinalização rodoviária. (Adler, 1999).

Foram também reafectados alguns sentidos de trânsito e impostas algumas proibições, como é possível observar no plano de acessibilidades.

5.1.2.2. Percursos e Passeios

A dimensão de percursos e passeios baseia-se em múltiplos de 60cm (120cm, 180cm, 240cm, etc.), sendo que 60cm é a dimensão mínima considerada confortável para a circulação de uma pessoa. (Adler, 1999) Consoante o fluxo que se prevê para cada local os percursos irão ter determinadas dimensões, sempre com base no que foi dito anteriormente.

Sempre que possível foram implantados passeios com uma dimensão mínima de 1,2m (salvo raras exceções), de forma a permitir a circulação confortável de duas pessoas.

5.1.2.3. Escadas

Para as escadas considerou-se um espelho máximo de 18cm, salvo exceções onde a topografia não o permitiu, e um cobertor com dimensão variável consoante o local, sendo que a largura não deve ser inferior a 1,2m à semelhança da dimensão dos patamares de descanso.

5.1.2.4. Rampas

Devem ter uma inclinação menor que 8%, se as condições do local o permitirem. Ainda assim estas devem ter sempre a menor inclinação possível e terem uma largura não inferior a 1,2m. (Guia Acessibilidade e Mobilidade para Todos, 2006)

5.1.2.5. Lugares de Estacionamento

Os lugares de estacionamento devem ter uma largura não inferior a 2,5m e um comprimento não inferior a 5m. Os lugares de estacionamento reservados a utentes com mobilidade condicionada devem ter, além de uma largura não inferior a 2,5m, uma faixa de acesso lateral de largura não inferior a 1m que pode ser, ou não, partilhada; devem também estar localizados no percurso acessível mais curto do equipamento que servem. (Guia Acessibilidade e Mobilidade para Todos, 2006) Nos locais onde se prevê uma maior afluência automóvel, o estacionamento prevê uma faixa de segurança entre a faixa de estacionamento e a de circulação de 50cm. (Adler, 1999)

5.1.2.6. Acessos para utentes com mobilidade reduzida

A área apresenta no seu todo limitações para utentes com mobilidade reduzida graças aos seus declives que em muitas zonas só foram possíveis de combater com a implantação de escadarias. Ainda assim tentou-se criar ao máximo, e sempre que possível, condições que permitissem a apropriação dos espaços por estes utentes. É

então de referir que nas propostas apresentadas haverá alguns locais onde este assunto não irá ser abordado por não ter sido possível conciliar esta questão.

5.1.2.7. Pavimentos

No que toca a pavimentos optou-se por pavimentos permeáveis ou semi-permeáveis sempre que possível. O saibro tomou desta forma um papel importante nas propostas desenvolvidas, tendo sido a opção a tomar sempre que os locais o permitiam.

Por sua vez, para manter o carácter dos arruamentos, as calçadas de mármore irregular foram utilizadas em todos os arruamentos e passeios, à semelhança do que se pratica no resto da cidade de Estremoz.

Os pavimentos seguem, regra geral, uma ideia. Cada local tenta utilizar um pavimento distinto da sua envolvente, ou transita entre diferentes pavimentos permitindo, desta forma, identifica-lo pela diferente textura e sonoridade que provoca àqueles que não se guiam pela visão e permitindo também distinguir entre zonas com funções distintas. (Guia Acessibilidade e Mobilidade para Todos, 2006)

5.1.3. Património

5.1.3.1. Restauro e Conservação na Área de Intervenção

A conservação e o restauro do património na área de intervenção tem como objetivo salvaguardar tanto os monumentos como as respetivas evidências históricas que advém desde o século XIV, sendo também essencial que estes sejam sujeitos a operações regulares de manutenção de forma a manter o seu estado de conservação ótimo e melhor representativo daquilo que outrora foram.

Por fim, quando possível, nas intervenções no património histórico, propõe-se a atualização à realidade da área destes elementos, introduzindo-os no nosso quotidiano e vivência, “mas tendo consciência de que esta prática de projeto exige grande humildade, disciplina e rigor, necessita de cuidada negociação e deve exibir sensível conciliação entre as linguagens formais da arquitetura, que representam valores culturais de diferentes tempos, pois a nossa tradição histórica é de continuidade e não de rutura.” (Correia, L., 1994)

5.1.4. Vegetação (Anexos – Plano de Plantação)

5.1.4.1. Vegetação Arbórea

A vegetação arbórea proposta baseou-se na vegetação mediterrânica (carvalhos, ciprestes, freixos e olaias). A introdução da biodiversidade mediterrânica remete a área às suas origens e, acima de tudo, evita problemas de adaptação pela utilização de espécies ajustadas às condições edafo-climáticas da área.

As árvores existentes são, por princípio, consideradas como elementos de importância ecológica e ambiental a preservar devendo, como tal, ser protegidas e mantidas. Apenas nos casos onde a vegetação não se adequa na proposta ou esteja em mau estado sanitário, se propõe que seja retirada e, no primeiro caso, transplantada para outro local.

De um modo geral, o objetivo da localização do estrato arbóreo foi o de nunca tapar o pano de muralha existente e criar “janelas” das áreas envolventes para a área de intervenção e respetivos elementos patrimoniais. Estas “janelas” adquirem, também, importância para quem se situa no interior da área de intervenção e observa as paisagens circundantes.

Foram utilizadas determinadas espécies para demarcar lugares específicos como podemos apurar de seguida.

Percurso envolvente à muralha:

- Freixo – *Fraxinus angustifolia*

Bosquetes:

- Freixo – *Fraxinus angustifolia*
- Olaia – *Cercis siliquastrum*
Cercis siliquastrum ‘alba’
- Carvalho Cerquinho - *Quercus faginea*

Áreas de Estadia:

- Mélia – *Melia azedarach*
- Sófora – *Sophora japonica*
- Palmeira - *Phoenix canariensis*
- Ameixoeira-de-jardim - *Prunus cerasifera* ‘Pissardi’

Estacionamento:

- Lódão - *Celtis australis*

Baluartes:

- Cipreste - *Cupressus sempervirens* ‘Fastigiata’

Percurso Envolvente à Muralha e Bosquetes

O freixo, *Fraxinus angustifolia*, é a espécie dominante no percurso envolvente à muralha. A sua escolha deveu-se essencialmente ao seu porte mediano e ao facto do freixo ser uma árvore caducifólia, permitindo no inverno a passagem do sol. É encontrado também no bairro de Santiago, como forma de conexão a este percurso, localizando-se junto à rua que percorre os limites do bairro.

A olaia, *Cercis siliquastrum*, é a espécie arbórea escolhida para difundir a cor na área de intervenção, assim como o *Prunus cerasifera*. A opção por duas variedades de *Cercis siliquastrum* passa pela ideia de dar uma identidade específica a cada local onde esta surge. Em alguns locais encontramos apenas a variedade alba noutros a variedade rosa, e noutros ainda as duas em simultâneo. Isto acaba por diferenciar cada lugar, uma vez que são utilizadas consoante a cor da sua floração de modo a criar locais com características únicas e distintas. No bosquete do bairro de Santiago encontramos a variedade ‘alba’, dentro do castelo encontramos a variedade rosa, e na envolvente das muralhas do castelo encontramos as duas espécies. As variedades acabam então por se tornar uma forma de referência e identificação dos diferentes bosquetes em que ocorrem.

O carvalho cerquinho, *Quercus faginea*, surge também nos bosquetes. Esta árvore, oriunda da península ibérica, acaba por ser a espécie mais emblemática das escolhidas, devendo-se a sua escolha à sua copa ampla e tronco direito.

A mélia, *Melia azedarach*, foi a espécie escolhida para as áreas de estadias por várias razões. Primeiro é uma espécie caducifólia pelo que permite que as áreas de estadia usufruam no verão a sombra necessária para serem mais frescas permitindo, no inverno uma maior insolação dos locais. Em segundo lugar é uma espécie que já se encontra na área de intervenção não vindo desta forma causar um impacto visual negativo pela introdução de mais uma espécie a esta área. Por fim, o seu porte médio e copa arredondada e os seus frutos e floração tornam esta espécie bastante interessante esteticamente.

A sófora, *Sophora japonica*, é encontrada no local do Salto a Cavallo e no Baluarte de Nossa Senhora da Saúde. Esta espécie já existia anteriormente na área pelo que se optou por mantê-la e circunscreve-la a estes locais, tornando-se identitária. A sófora, pelas suas características, é ideal para a criação de um teto arbóreo, tendo sido esta a ideia para a zona do Salto a Cavallo que depois se intercala e conecta com os freixos que se acompanham o percurso envolvente à muralha.

A palmeira, *Phoenix canariensis*, vê a sua utilização circunscrita ao Meio Baluarte de Santo Agostinho. Isto deve-se ao facto de atualmente existir uma palmeira neste local, servindo esta como uma forma de identificação do mesmo. Uma vez que se encontra em mau estado sanitário propõe-se o seu abate e substituição.

A ameixoeira-de-jardim, *Prunus cerasifera 'Pissardi'*, deve a sua existência ao objetivo de ir buscar um elemento aos baluartes já intervencionados. Funciona como um elemento de ligação, daí a sua utilização de forma pontual no interior do castelo, nomeadamente no topo do edifício do Paiol de Santa Bárbara e nas traseiras do Quartel, e no interior do castelo para direcionar os utentes para o miradouro criado. A utilização da ameixoeira-de-jardim no topo do edifício do Paiol de Santa Bárbara

carece de uma futura avaliação da resistência da caixa de plantaço do edifício, propondo-se o seu reforço caso esta não apresente a resistência necessária.

O Lodão, *Celtis australis*, foi a espécie escolhida para as zonas de estacionamento devido à sua copa arredondada e fechada que proporciona uma sombra bastante eficaz aos automóveis. No entanto o grande fator que fomentou a escolha desta espécie foi a sua adequação ao meio urbano e, principalmente, a sua resistência à poluição.

O cipreste, *Cupressus sempervirens 'Fastigiata'*, por apresentar uma copa alta, estreita e elegante foi a espécie utilizada para pontuar a área de intervenção sendo utilizado como forma de identificação e reconhecimento dos baluartes, que se destacam pelo uso de dois ciprestes adjacentes um ao outro. Além da utilização nos baluartes encontramos ciprestes junto ao Arco de Santarém, marcando esta entrada no castelo e, dentro deste, entre o Quartel e a Tapada do Assento onde o objetivo foi a obtenção de um alinhamento de referência, que fosse visível da envolvente.

Diâmetro médio das espécies arbóreas propostas⁷:

- *Cupressus sempervirens 'Fastigiata'* – 3m
- *Fraxinus angustifolia* – 10m
- *Quercus faginea* – 12m
- *Melia azedarach* – 8m
- *Prunus cerasifera* – 7m
- *Celtis australis* – 10m
- *Sophora japonica* – 8m
- *Phoenix canariensis* – 8m

⁷ Dimensões apuradas pelo livro “Árvores e Arbustos em Portugal” (Moreira, 2008)

Sensações e Ambiências no Estrato Arbóreo

A vegetação é bastante importante na criação de contrastes luz-sombra. Estes contrastes, que variam ao longo do ano, são essenciais na criação de ambiências que mudam constantemente, não sendo idênticas de dia para dia, de mês para mês e de ano para ano. A paisagem torna-se, portanto, uma paisagem em movimento, em que este é marcado pelas horas do dia e pelas estações do ano. As clareiras, em contraste com as zonas de bosque são interessantíssimas pelas representações que fazem da natureza e do campo, provocando sensações diferentes ao utilizador enquanto percorre estes espaços. As zonas de bosque apelam à calma e à tranquilidade, como se de zonas de refúgio se tratassem. É isto que acaba por dar identidade ao bosque mediterrânico e foi aí que fomos buscar inspiração, trazendo as situações características do mediterrâneo, como o contraste luz-sombra, para a área de intervenção.

Outro elemento marcante da vegetação é a introdução das sonoridades, também elas importantes na vivência de um espaço, o som do vento nas folhas, e até da própria fauna que se vai apropriando desta vegetação, dão vida e alma a estes espaços. O odor é também um fator com grande relevância nesta proposta, onde se optou por espécies que, para além de terem interesse estético, têm também interesse odorífero, marcando lugares.

Concluindo, a introdução da vegetação nesta proposta não tem apenas um objetivo estético, mas sim o de causar sensações e contrastes associados às clareiras e bosquetes e à introdução de biodiversidade quer a nível de flora quer a nível de fauna, proporcionando a existência de diversidade biológica que anteriormente não existia. Traz também benefícios ao nível da proteção dos ventos predominantes de Noroeste e Norte e das características climatéricas desfavoráveis, promovendo ainda a fixação do solo pela redução dos processos erosivos.

5.1.4.2. Hidrosementeira de Sub-arbustos

Para as áreas mais declivosas e onde não se pretende que haja circulação, propõe-se a utilização de uma hidrosementeira de sub-arbustos⁸. Esta mistura é constituída por espécies de ocorrência espontânea em Portugal o que, para além de lhes conferir um elevado valor ecológico, permite também uma melhor adaptação à área pela capacidade de adaptação ao meio garantindo, desta forma, uma maior sustentabilidade da área de intervenção. É também uma excelente ferramenta de controlo à erosão pois os sistemas radiculares conferem estabilidade aos solos. Possui ainda uma elevada resistência a condições ambientais extremas.

A densidade da mistura não deve ultrapassar as 5-7 g/m², e deve representar apenas 15% da mistura total. O restante deverá ser de uma mistura de herbáceas de instalação rápida, pois permite uma proteção imediata do solo dando tempo para as sementes dos sub-arbustos autóctones se desenvolverem.

A mistura apresenta também vantagens a nível de manutenção pois uma vez que instalada não necessita rega nem manutenção apresentando-se economicamente viável.

Composição da Mistura:

30% *Rosmarinus officinalis 'prostratus'*

20% *Lavandula stoechas*

12% *Quercus lusitanica*

10% *Coronilla valentina*

8% *Cistus salviifolius*

5% *Erica umbellata*

5% *Erica cinerea*

5% *Cistus cyprius*

5% *Genista triacanthos*

⁸ Como sub-arbustos entende-se arbustos que raramente excedem 1 metro de altura.

5.1.4.3. Revestimentos de Superfícies

A distinção entre as zonas de relvado e prado deveu-se essencialmente às realidades de cada local, ou seja, nos locais onde se prevê maiores fluxos pedonais optou-se por colocar relvados pois aguentam maiores cargas.

Prado

Para a zona de prado optou-se por uma mistura de prado florido do tipo A. Pereira Jordão que se adapta a qualquer condição climatérica, apresentando floração durante quase todo o ano. A presença de *Festuca ovina duriuscula* e *Festuca rubra rubra* garante uma cobertura vegetal em período sem floração e pós corte (um corte anual), controlando a erosão, sendo desta forma ideal para revestimento de taludes e zonas de manutenção reduzida.

Composição da Mistura:

- 47% *Festuca rubra rubra*;
- 50% *Festuca ovina duriuscula*;
- 3% *Mistura de flores campestres* (c/altura aproximada de 40 cms);

Relvado

Para os relvados optou-se pela mistura “Dry Plus” da A. Pereira Jordão. Esta mistura cria relvados densos e é resistente ao pisoteio. Por ter um sistema radicular profundo possui uma grande resistência à seca sendo adequada para a zona do Alentejo.

Composição da Mistura:

- 60% *Festuca arundinacea*;
- 30% *Lolium perene*;
- 10% *Poa pratensis*;

5.1.5. Estrutura Ecológica Urbana (Anexos - Estrutura Ecológica Urbana – Proposta)

Como foi referido na análise decidiu-se dividir a EEU em duas: a proposta de Estrutura Ecológica Urbana da situação atual e a proposta de Estrutura Ecológica Urbana da proposta que aqui apresentamos. Isto deveu-se essencialmente à intenção de querer analisar as mudanças que a proposta criada irá ter na Estrutura Ecológica Urbana de forma a conseguir reforçar o seu benefício na área de intervenção.

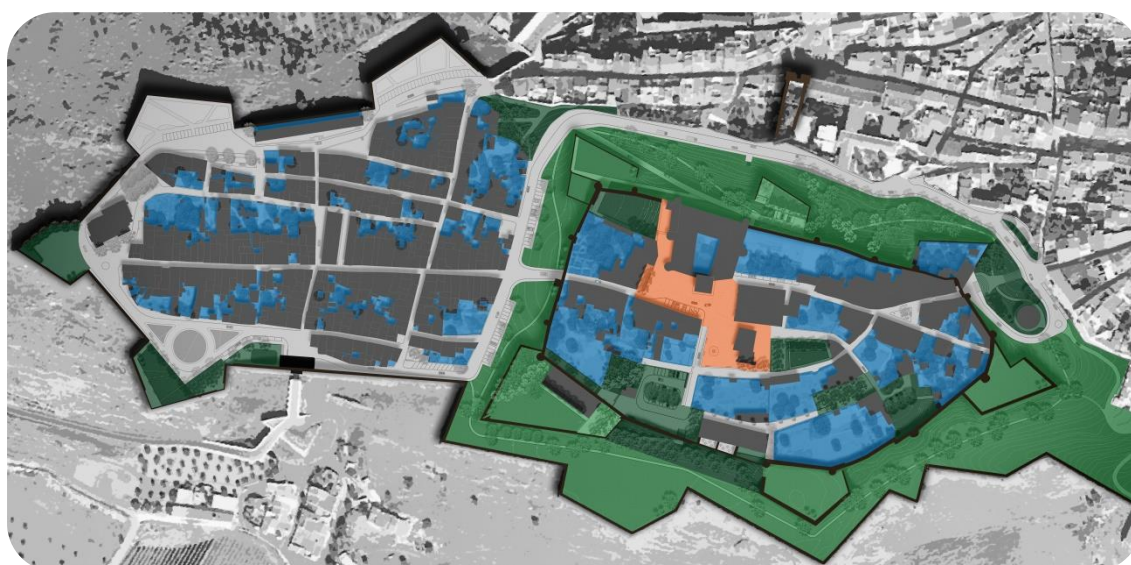


Figura 60 – Proposta de Estrutura Ecológica Urbana para a proposta
Fonte: Ortofotomapa - Câmara Municipal de Estremoz [2010] - Sem escala

	Espaços Cívicos
	Espaços de Recreio
	Espaços de Enquadramento
	Espaços Privados
	Edificado

O centro histórico medieval possui uma clara importância no sistema de espaços abertos da cidade de Estremoz, dada a quantidade de espaços de elevada permeabilidade que possuem uma forte componente ecológica. Com a proposta por nós desenvolvida, a manutenção da permeabilidade e o respeito pelas estruturas ecológica, edificada e cultural, foram bastante importantes para se chegar a uma proposta que obtenha um impacto positivo na área.

Isto é possível observar através da comparação entre as duas propostas de EEU. É fácil concluir que a proposta aqui exposta tem um benefício bastante elevado na área pela eliminação dos espaços expectantes e pelo aumento dos espaços abertos públicos de recreio.

5.1.6. Pormenores da Proposta de Requalificação

5.1.6.1. Demolição do depósito junto à Galeria de Desenho

Propõe-se a demolição/implosão do depósito existente junto à galeria de desenho e à igreja matriz de Santa Maria. O depósito em causa é um elemento bastante marcante no castelo e não tendo este qualquer valor patrimonial ou histórico propõe-se a sua demolição de forma a reaproveitar a área onde este se situa para a criação de uma zona de estadia adjacente aos sanitários públicos que se pretendem instalar. Tendo em conta que este depósito tem ainda utilidade na manutenção da pressão da água na zona do Castelo e no Bairro de Santiago, propõe-se que seja criado um novo depósito subterrâneo por baixo do miradouro que se irá criar no espaço expectante adjacente à localização atual do depósito. Este trabalho será levado a cabo por uma equipa especializada e terá em conta a sensibilidade e valor das estruturas adjacentes.

5.1.6.2. Muros e Muretes

Pretende-se a requalificação de todos os muros e muretes na área de intervenção. Com esta requalificação pretende-se uma uniformização da imagem dos muros e muretes.

Os muros existentes no interior do castelo que fazem a delimitação de propriedades serão efetuados em alvenaria, à semelhança do que existe atualmente, mas com técnicas de construção mais resistentes e duradouras.

Por sua vez os muretes que existem na área de intervenção, principalmente na envolvente no castelo, terão uma imagem simples e contemporânea. A sua estrutura será realizada em betão e o seu revestimento em mármore. Para obtermos uma maior simplicidade no acabamento, os muretes serão capeados também em mármore.

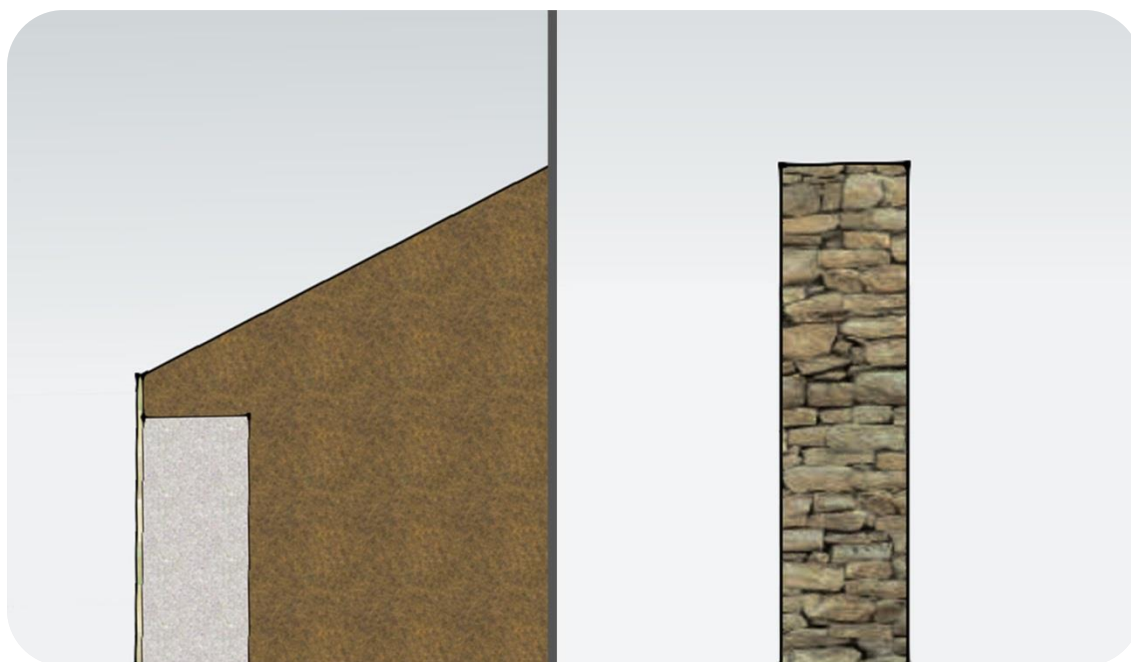


Figura 61 – Esquema exemplificativo dos muretes e muros de alvenaria

Os muros terão também diferenças construtivas devido às suas diferentes utilizações, pelo que nos muros que apenas fazem delimitações de propriedades ou não apresentam funções de suporte, não sendo a resistência um fator muito importante, a componente estética é o fator determinante para a sua elaboração, podendo efetuar-se em alvenaria argamassada.

5.1.6.3. Muros de Suporte

A dimensão dos muros de suporte, à semelhança dos muros de alvenaria, foi standardizada em 50cm, carecendo da devida apreciação por um engenheiro. Nos muros de suporte apenas o revestimento será em alvenaria ou mármore, sendo a estrutura do muro efetuada em betão armado. Por sua vez o murete criado pelos muros de suporte no terreno de cota mais elevada terá sempre a altura de 60cm, oferecendo a possibilidade de estadia.

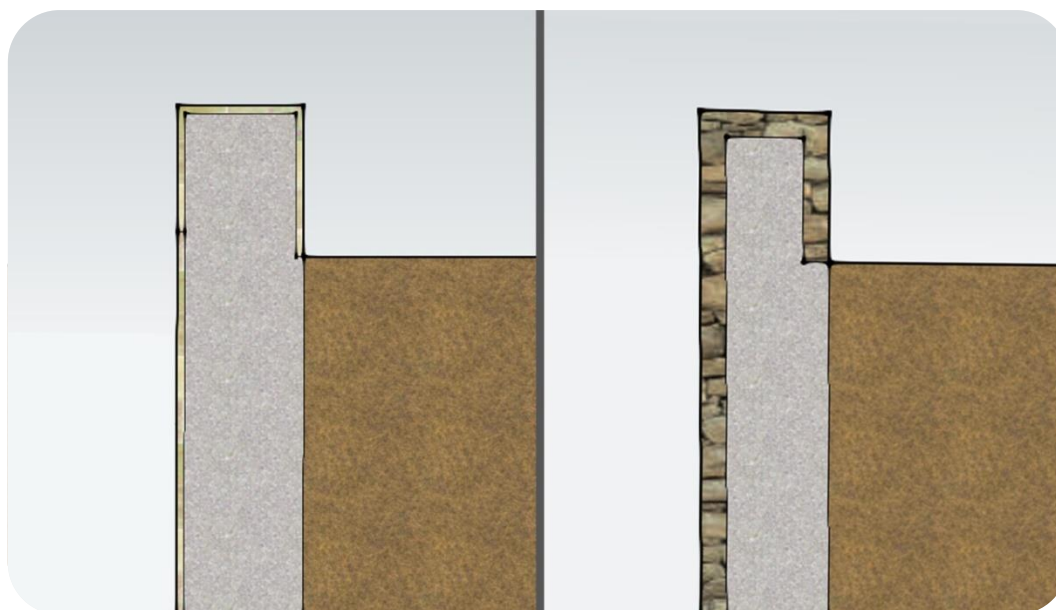


Figura 62 – Esquema exemplificativo muros de suporte com revestimento em mármore e alvenaria

5.1.6.4. Mobiliário Urbano e Iluminação

O mobiliário urbano a instalar no local foi na sua maioria desenhado por esta equipa. Este mobiliário pretende ser contemporâneo e minimalista, e opta a nível de materiais pelo mármore, e aço carbonado enferrujado. A opção pelo aço enferrujado ao invés de aço corten deve-se a questões económicas. Este aço quando atinge a patina desejada é posteriormente lacado com verniz para impedir que o processo de oxidação continue e de forma a não sujar quando se toca.

Bancos em mármore

Os bancos que se pretendem instalar na área de intervenção foram desenhados especialmente para este projeto e serão efetuados em mármore da região para fomentar a economia local. Este banco surge do pavimento ficando suspenso no ar, dando

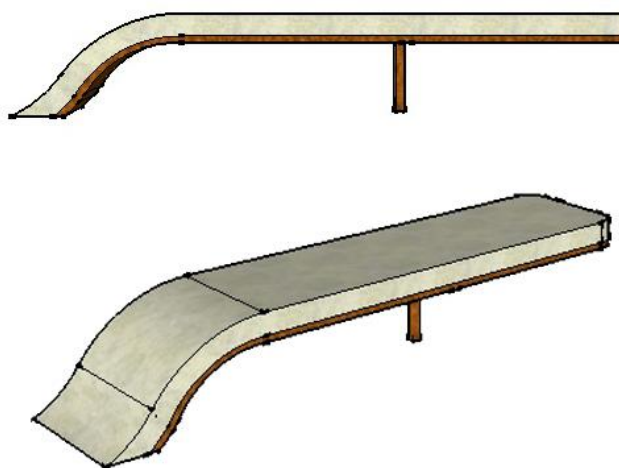


Figura 63 – Banco de Mármore e Aço

desta forma uma imagem minimalista, contemporânea e dinâmica, ao mesmo tempo que se utiliza o mármore da região.

Por questões estruturais este banco de mármore terá uma placa de aço aproveitando-se a sua utilização para rematar o banco e tendo também funções estéticas. O aço que se pretende utilizar será aço carbonado onde o objetivo é deixar que este enferruje ficando com a aparência do aço corten. A opção por aço carbonado enferrujado deve-se ao facto de ao longo do tempo este adquirir uma patina com cores semelhantes à do recinto muralhado.

Em situações de encosta será também utilizada a ideia do banco suspenso ficando a fundação do banco enterrada na encosta, mantendo desta forma a ideia da simplicidade que se pretende dar ao mobiliário urbano.

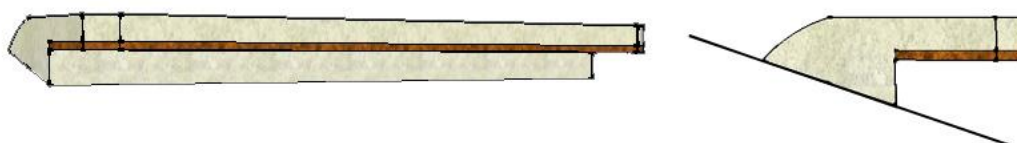


Figura 64 – Banco de Mármore em situação de encosta

Mesa de Merendas

Em semelhança aos bancos anteriores a mesa de merendas e respetivos bancos serão efetuados em mármore da região e aço. Tanto os bancos quanto a mesa têm apenas um pé de forma a dar ao conjunto, dando uma imagem minimalista e contemporânea.



Figura 65 – Mesa de Merendas

Papeleiras

As papeleiras criadas para a área de intervenção são bastante simples. Em semelhança à mesa de merendas apresentada anteriormente têm apenas um ponto de contacto com o solo conferindo-lhe uma imagem limpa e simples. São efetuadas em mármore da região e como forma de contraste contém uma faixa em aço inox que as faz destacar.



Figura 66 – Papeleira

Pilarete

O pilarete proposto vai buscar inspiração à iluminação proposta. Tem um design simples e minimalista, e é efetuado em aço carbonado enferrujado. Em semelhança às papeleiras contraste contém uma faixa em aço inox que se destaca.



Figura 67 – Pilarete

Guarda Corpos

O guarda corpos que se pretende difundir pela área, nas zonas que assim o necessitem, será elaborado em aço carbonado. No entanto tendo em conta que uma guarda é um elemento que será muitas vezes tocado pelos utentes propõe-se que para as guardas o metal seja lacado com um verniz mais resistente do que os restantes elementos de mobiliário urbano.

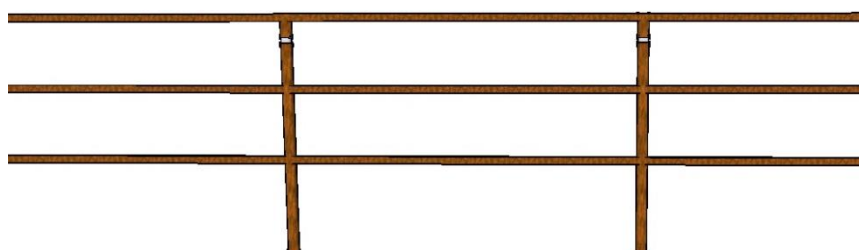


Figura 68 – Guarda em Aço

Sinalética

A sinalética que se pretende instalar na área de intervenção será elaborada em aço carbonado. Por sua vez a placa que indica uma determinada localização será efetuada em alumínio.



Figura 69 – Sinalética

Iluminação

Os projetos de iluminação devem dar resposta a requisitos de segurança e funcionalidade, em conformidade com a legislação em vigor, contemplando aspetos de impacto sobre espécies de fauna e flora e, ainda, de consumo racional de energia, enquanto parâmetro de sustentabilidade.

As luminárias propostas têm um design simples mas elegante, onde se alia o toque contemporâneo às tecnologias LED. Os LED oferecem vantagens, tais como redução dos consumos energéticos, maior vida útil, fonte de luz isenta de mercúrio, etc. A luminária por nós desenhada iluminará ruas, zonas residenciais, zonas pedonais, jardins, etc., sempre com a mesma eficácia e facilidade de integração estética, melhorando desta forma a qualidade da iluminação da área, gerando economia em energia, reduzindo a sua pegada ecológica em relação à iluminação existente e tendo principalmente grandes vantagens ao nível da segurança.



Figura 70 – Luminárias

Estendais

A área de intervenção era ocupada por algumas zonas de estendais que se situavam na Calçada da Frandina e Arco de Santarém. Ainda que a opção para estes locais tenha passado por mover os estendais para locais onde tenham menos impacto visual, a nosso ver a sua imagem continuava a ser importante para se inserirem na linha de mobiliário urbano por nós proposta e aumentando assim a conexão de todos os elementos inseridos na área de intervenção

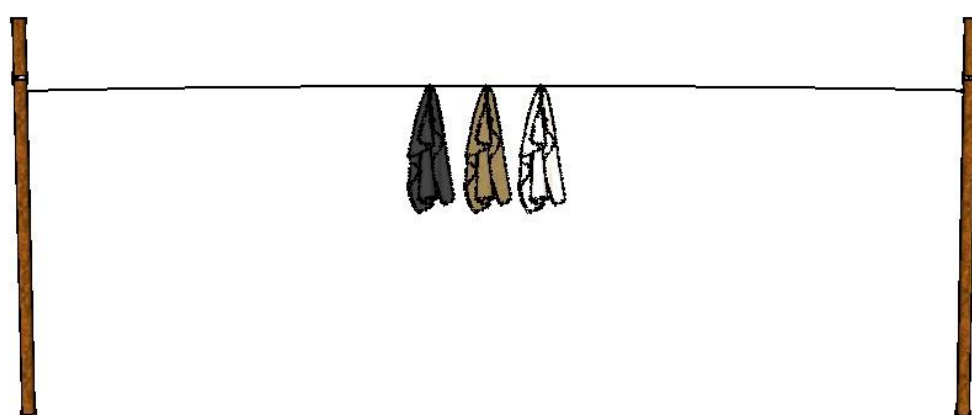


Figura 71 – Estendais – Corte frontal

Os estendais têm um design simples e minimalista que acaba por conferir um aspeto elegante a um elemento que por si só tem uma função pouco importante. Para lhes dar uma imagem diferente dos estendais habituais a corda foi substituída por uma chapa fina de ferro galvanizado que adquire uma curva ao longo do estendal.



Figura 72 – Estendais – Imagem aérea

5.2. Propostas Pormenorizadas (Anexos – Plantas Técnicas Pormenorizadas e Catálogo de Perspectivas e Imagens)

À semelhança do capítulo anterior as propostas apresentadas de seguida irão ser divididas em 3 zonas:

A - Interior do Castelo;

B - Envolvente do castelo;

C - Bairro de Santiago.

Apresenta-se de seguida a designação de cada local consoante a sua zona na área de intervenção.

A - Interior do Castelo:

1 - Largo de D. Dinis;

2 - Jardim da Igreja de Sta. Maria;

3 - Jardim da Capela da Rainha Santa;

4 - Estacionamento no Interior do Castelo;

5 - Baluarte das Ferrarias;

6 - Tapada do Assento e Espaço Adjacente.

B - Envolvente do Castelo:

7 - Calçada da Frandina;

8 - Salto a Cavallo;

9 - Jardim do Arco de Santarém;

10 - Meio Baluarte de Santo Agostinho.

C - Bairro de Santiago:

11- Baluarte de Santiago;

12- Baluarte de Nossa Senhora da Saúde.

13 - Quartéis de Santiago

A - Interior do Castelo

5.2.1. Largo de D. Dinis

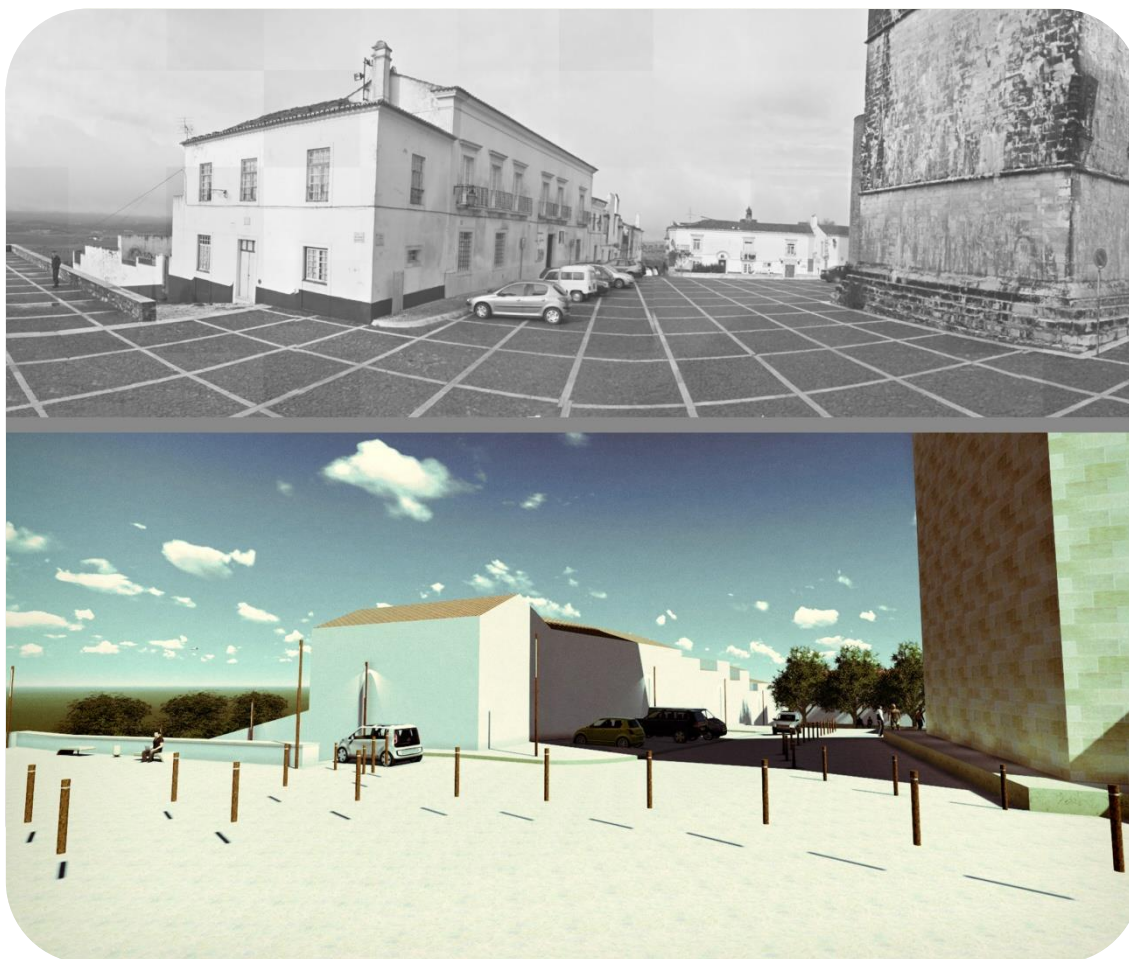


Figura 73 – Imagem atual e da proposta para o do Largo de D. Dinis

O Largo de D. Dinis apresenta-se como uma área multifuncional que comporta diferentes características. Para este pretendeu-se manter a sua utilização e função atual, mantendo a sua multifuncionalidade e versatilidade mas com uma grande diferença, a de realçar a circulação pedonal favorecendo-a ao invés do que atualmente acontece, onde o estacionamento desorganizado ocupa este local.

A manutenção da sua simplicidade foi nosso objetivo, onde a linguagem é simples de forma a não retirar ênfase ao diverso património encontrado neste local. Ainda que grande parte deste se encontre envolvido por habitações, a zona mais exposta apresenta-se quase como uma janela para o mundo, onde as extensas vistas para a paisagem têm um impacto fortíssimo no local, constituindo uma das maiores valias na

área. É portanto possível dividir este local em dois consoante as suas utilizações e mais-valias:

A zona mais central, onde se localiza a Pousada e o Largo propriamente dito e a zona adjacente à galeria de desenho que apresenta um cariz mais lúdico apresentando-se como uma zona de miradouro.



Figura 74 – Planta do Largo de D. Dinis

Na zona mais central a opção por pilaretes que condicionassem a circulação automóvel foi a solução apresentada para impedir o estacionamento desordenado na área que, apesar de não se a melhor a nível estético, cumpre a sua função. Sendo este local alvo recente de uma feira medieval não quisemos que a nossa solução compartimentasse o local, pelo que estes pilaretes são facilmente retirados permitindo uma utilização ampla do local.

Apesar de se retirar a maioria do estacionamento mantiveram-se alguns lugares para cargas e descargas ou até um período máximo de 45 minutos. Constitui exceção o estacionamento para deficientes motores. Contamos então com 7 lugares de estacionamento e 2 reservados a deficientes motores.

O pavimento existente no Largo de D. Dinis é, a nosso ver, muito forte, além de se encontrar em algumas secções mal conservado. De forma a regulariza-lo e uniformiza-lo e para permitir uma circulação pedonal mais confortável e segura decidimos uniformizar os pavimentos pela área de intervenção optando por 2: um impermeável - a calçada de granito- e outro semipermeável - o saibro. Para o Largo de D. Dinis a opção pelo pavimento em calçada irregular de mármore, em semelhança ao que se pratica noutras zonas da cidade irá aclarar este local, realçando os diferentes elementos patrimoniais que nele se localizam.

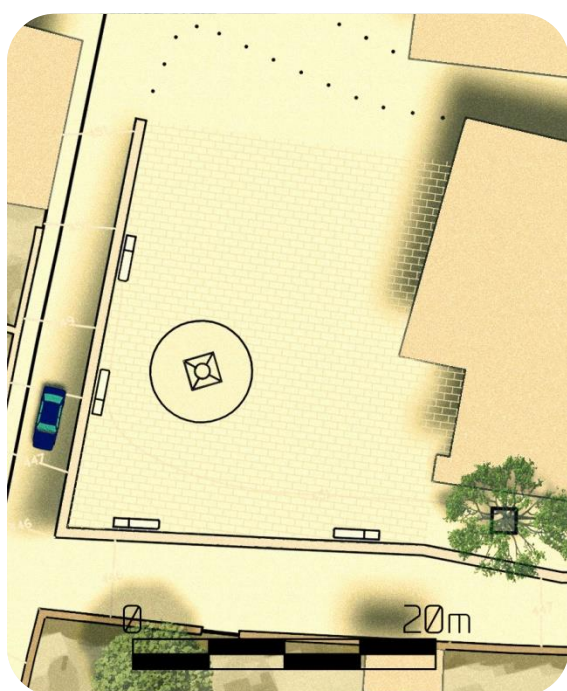


Figura 75 – Pormenor do Pavimento

Para a zona de caráter mais lúdico, onde o ponto central são as vistas - a zona da estátua da Rainha Santa – propõe-se a laje de mármore retangular de 1,00x0,50m, tornando-se mais confortável à estadia. Desta forma distinguem-se duas zonas com utilizações e potencialidades diferentes, sem fragmentar ou compartimentar o espaço. A diferença na forma como o mármore é utilizado no pavimento permite manter a uniformização de materiais mas, ainda assim, distingui-lo da calçada, criando diversidade estética e de texturas, sem um impacto visual forte e evitando a introdução de mais materiais. Permite, também, criar uma distinção entre esta zona e a restante para utentes invisuais devido à textura mais suave do pavimento.

A introdução de conforto climático foi também um dos objetivos, pois este local é bastante exposto, quer no verão quer no inverno e, pelas suas características não pode comportar vegetação. Ainda assim aproveitou-se um canteiro existente para a colocação de 3 mélias que introduzem algum conforto no local.

O guarda corpos existente na zona de miradouro associado ao muro de suporte foi mantido, tendo sido apenas atualizado recorrendo à utilização de mármore no seu topo (capeamento) que lhe dá uma imagem mais limpa e homogénea.

5.2.2. Jardim da Igreja de Sta. Maria



Figura 76 – Imagem atual e da proposta para o Jardim da Igreja de Sta. Maria

O jardim da Igreja de Santa Maria é constituído pela união de dois espaços, sendo um deles ocupado pelo depósito de água e outro que se encontra atualmente murado e sem qualquer utilização e que nos foi possível utilizar pois pertence à Câmara Municipal de Estremoz.

Através da demolição do muro que dividia os dois espaços criou-se uma união que de outra forma não era possível, tornando-os apenas num, com uma natureza multifuncional, que o tornam bastante diversificado nas suas ambiências. A sua ortogonalidade é bastante marcada sendo, contudo, um espaço bastante simples na sua essência. A presença de um relvado, que se encontra parcialmente ensombrado

num dos patamares e de um terreiro em saibro no outro, permitem que os utilizadores se apropriem livremente do espaço.

Este jardim que irá desenvolver-se em patamares passa a incluir o depósito de água por baixo do patamar mais elevado permitindo, desta forma, esconder a sua existência dando à área mais dignidade e uma estética bastante mais apelativa do que a atual.

A opção pelos patamares, além de ter como ideia incluir o depósito, tem também o objetivo de elevar a cota deste local com o intuito de proporcionar melhores vistas para a paisagem envolvente associando assim esta função de miradouro a um local que permite a estadia.

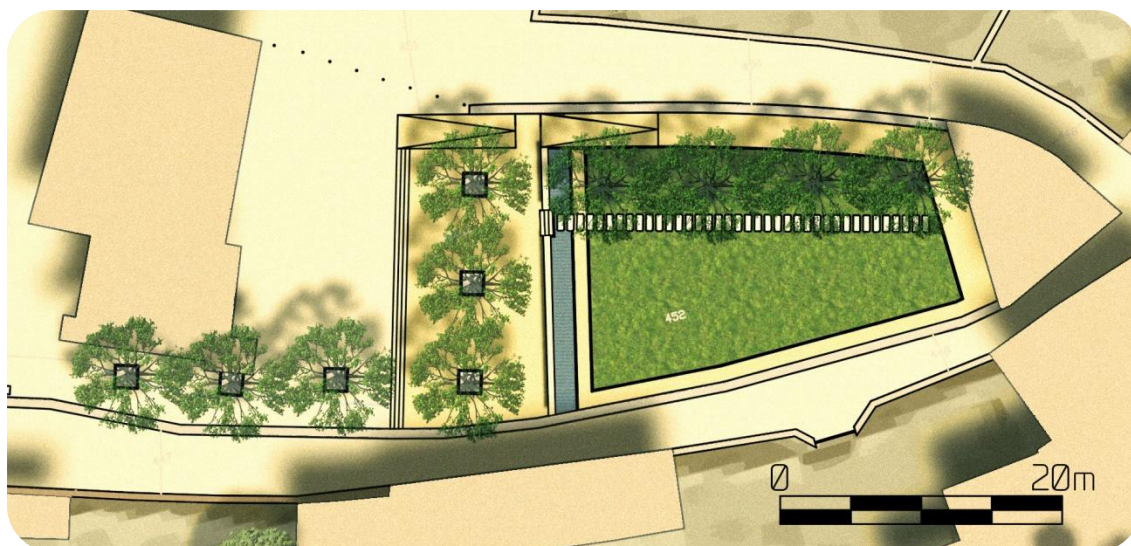


Figura 77 – Planta do Jardim da Igreja de Sta. Maria

O elemento de água proposto para este local, é único na área de intervenção e simboliza a presença do depósito neste local. Constitui um espelho de água que introduz um elemento de frescura no local.

Propõe-se, também, um percurso que atravessa o relvado, oferecendo uma alternativa mais direta aos utilizadores. Este percurso é materializado em lajes de mármore bujardadas e evita a fragmentação do relvado dando a sensação que se caminha por cima dele. O percurso divide também a zona do relvado sombreada da que se encontra

mais exposta à luz solar servido desta forma para dividir áreas que de outra forma eram impercetíveis.

Como este local se desenvolve em patamares, aproveitou-se a diferença de cotas do patamar superior para o patamar em saibro para criar um degrau que serve de banco, evitando, desta forma, a colocação de mobiliário neste local. Isto confere à área uma imagem mais limpa e simples. Foram também respeitados os utentes com mobilidade reduzida pela criação de uma rampa que permite que estes acedam aos diferentes patamares. A diferença de pavimentos nos diferentes patamares ajuda também a distingui-los pelas diferentes texturas e sonoridades que apresentam, facilitando a deslocação e apropriação do espaço a utentes invisuais.

Ao nível do estrato arbóreo as mélias criam um alinhamento dinâmico e bastante interessante que vem desde o largo de D. Dinis, permitindo desta forma aos visitantes e turistas identificar de forma rápida o local. Este alinhamento teve como finalidade criar um chamamento para os visitantes que, principalmente nas horas de maior calor, vão procurar a sombra.

Para concluir, é ainda importante referir que este local os sanitários públicos, que se situam no extremo Este do espaço, e que irão servir toda a área de intervenção em conjunto com os sanitários da Casa do Guarda do Paiol de Santa Bárbara.

5.2.3. Jardim da Capela da Rainha Santa

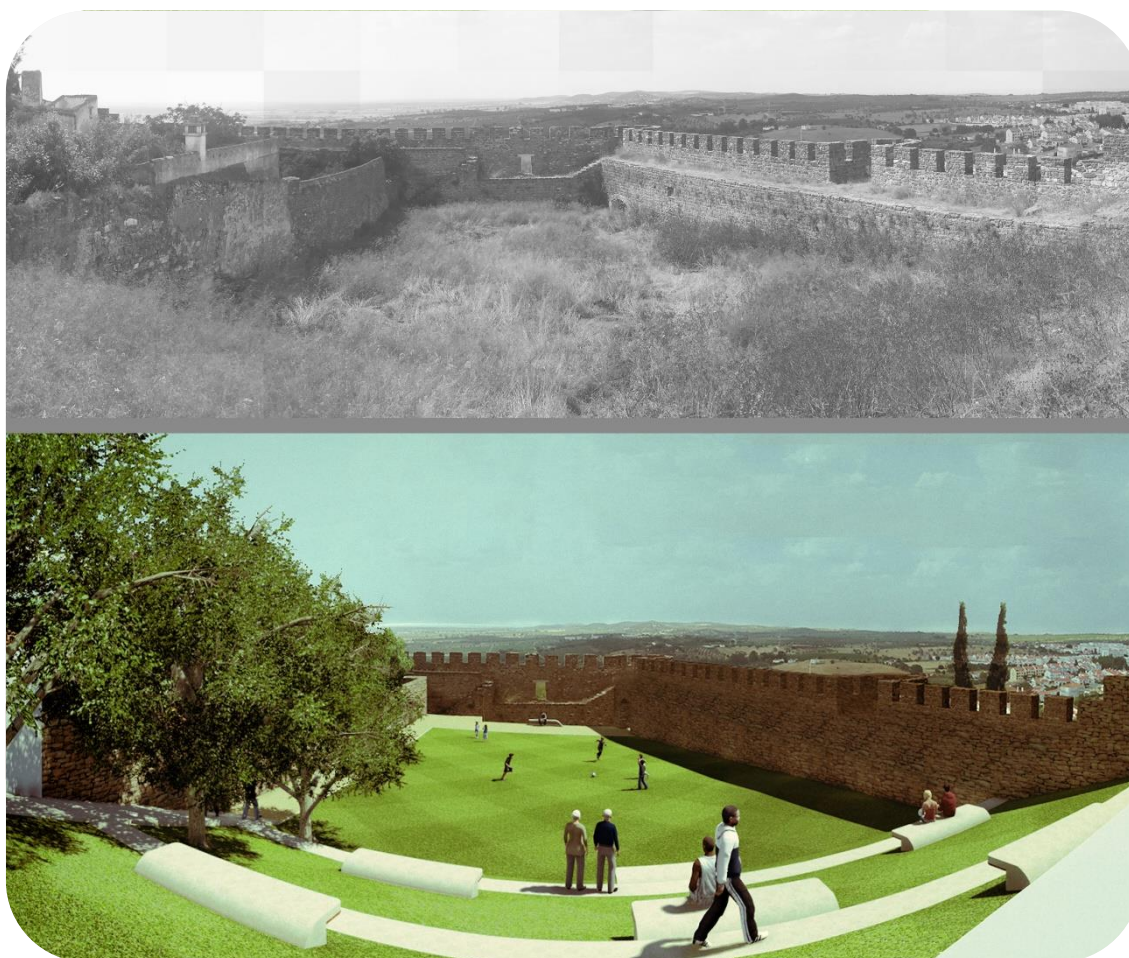


Figura 78 – Imagem atual e da proposta para o Jardim da Capela da Rainha Santa

O jardim da Capela da Rainha Santa foi assim apelidado por se situar junto à mesma. Este local que atualmente não tem qualquer utilização possuía, a nosso ver, bastantes qualidades e potencialidades que o poderiam tornar um excelente jardim.

De forma a manter a permeabilidade do local optou-se pela colocação de um grande relvado, viabilizando-o através de um talude que suporta o desnível e que funciona também como uma área de estadia formal.

O espaço fica desta forma relativamente aplanado permitindo uma melhor utilização da sua área. Este desnível suave confere-lhe características únicas onde a zona mais aplanada, correspondente ao relvado e ao percurso envolvente, não ultrapassa os 7% de inclinação. Por sua vez o talude criado foi elaborado segundo a regra 3/1, ou seja, para cada 3 metros a cota sobe 1 metro.

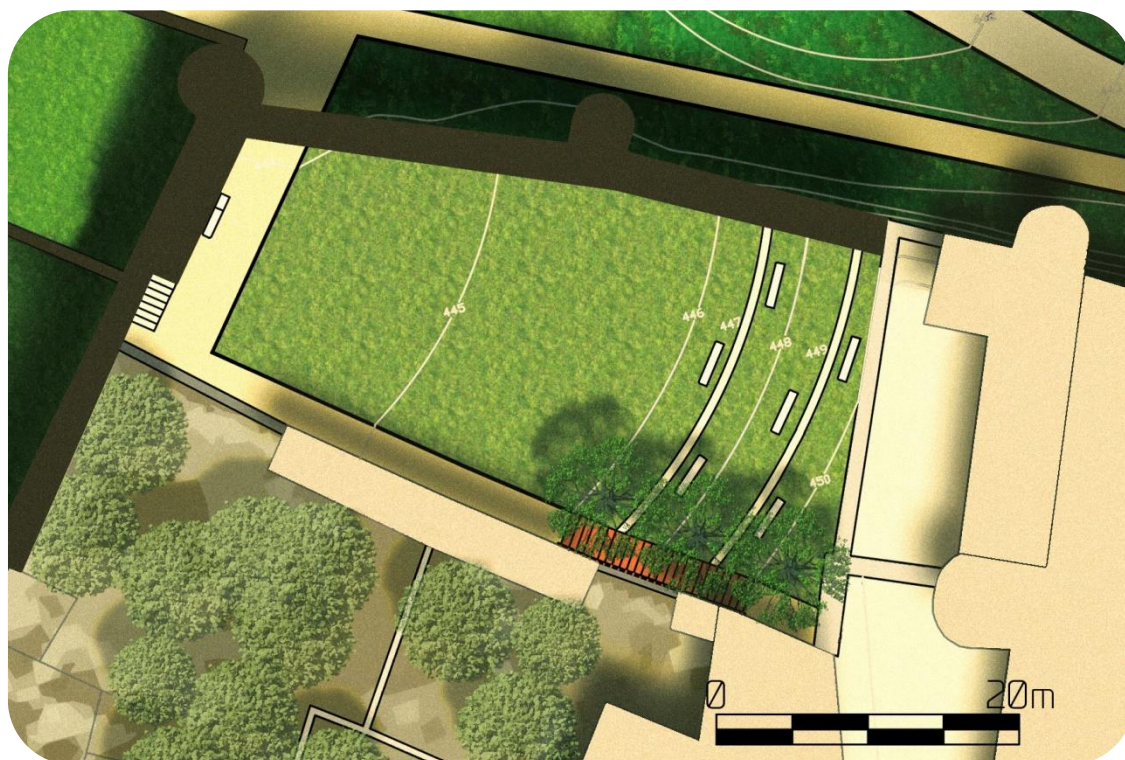


Figura 79 – Planta do Jardim da Capela da Rainha Santa

Encontrando-se a zona de estadia formal circunscrita ao talude criado e como este tem alguma inclinação, foram criados patamares que permitem aos utentes acederem aos bancos de forma confortável. O facto desta zona de estadia estar elevada acaba por lhe dar um domínio visual em relação ao restante espaço que se encontra mais contido. Isto permite que, do talude onde esta área de estadia se situa, possamos usufruir de excelentes vistas para a envolvente possibilitando, por exemplo, aos pais permanecerem na zona de estadia e estarem sempre atentos aos seus filhos que se encontrem a brincar no relvado.

Para evitar encobrir a capela, o estrato arbóreo é bastante limitado, cingindo-se a 3 mélias. No entanto estas proporcionam mais sombra do que a que existe atualmente. Esta vegetação contrasta entre a zona relvada, a zona de estadia formal e zonas de sombra proporcionando ao utilizador alternativas suficientes para que se aproprie deste local livremente.

O percurso em saibro está adossado aos seus limites evitando fragmentar o espaço que já tem uma dimensão pequena. Este percurso dirige-se da zona da capela e do Largo de D. Dinis para o Baluarte de Santa Isabel, proporcionando um acesso ao interior do castelo, atualmente inexistente. A opção pelo saibro deveu-se à intenção de evitar a impermeabilização deste espaço.

5.2.4. Estacionamento no Interior do Castelo



Figura 80 – Imagem atual e da proposta para o Estacionamento no Interior do Castelo

Como a proposta para o Largo de D. Dinis eliminou grande parte do estacionamento, foi necessário procurar uma alternativa. Optou-se então por sacrificar um dos espaços expectantes no interior do castelo (aquele que mais potencialidades tinha para esta função e que não causaria um impacto muito forte).

Este estacionamento é fundamental pois vai servir toda a zona do castelo e, acima de tudo, a Pousada permitindo aos seus utilizadores um estacionamento que evite caminhadas desde o Arco de Santarém, onde se criou uma bolsa de estacionamento maior (23 lugares de estacionamento sem restrição de tempo).

Como esta zona se encontra relativamente contida devido à sua topografia e por ter bons acessos isso acabou por ditar a sua escolha, conseguindo-se um bom compromisso estético e funcional.

Este espaço tem uma posição privilegiada no interior do castelo pois faz a conexão com a maioria dos espaços alvo de proposta. O acesso ao topo da área do castelo faz-se a Norte por uma escadaria situada neste limite da área de intervenção. O acesso a Sul faz-se por rampa para o Baluarte das Ferrarias e por escadaria para o local do Salto a Cavallo. A Este, por sua vez, encontramos a rua que direciona à Tapada do Assento. Esta sua posição levou-nos a ir mais além do que lhe dar apenas uma função de estacionamento, dando-lhe outras funções que valorizam o património e a circulação pedonal, nomeadamente zonas de miradouro e de estadia associadas ao limite sul e, por sua vez, ao pano de muralha.



Figura 81 – Planta do Estacionamento no Interior do Castelo

Na zona do quartel propomos uma zona de estadia formal, na sua fachada sul, onde implantamos o conjunto de bancos e mesa de merendas, por nós desenhado, aproveitando as excelentes vistas para criar um miradouro associado a uma área de estadia e uma zona de merendas. Sendo a nossa ideia criar um polo de atração no quartel devido à sua grande dimensão, propomos que nele se localizem alguns serviços associados ao comércio de artesanato e outras atividades características de Estremoz, assim como uma cafetaria que irá aproveitar a localização desta zona de estadia para uma esplanada ao ar livre.

A zona de miradouro localizada a oeste, irá ser constituída por uma estrutura metálica sobre-elevada que se irá sobrepor às ruínas existentes que não têm valor histórico ou patrimonial. Este miradouro será ensombrado dando conforto a quem o use.

O grande passeio que faz a ligação entre os espaços que falamos anteriormente é de grande relevância pois é nele que encontramos um dos acessos ao topo do pano de muralha permitindo, desta forma, que todo o pano de muralha localizado no limite sul deste espaço possa ser utilizado como miradouro. É também nesta zona que encontramos 4 bancos que permitem a estadia.

No que toca a vegetação foi nossa intenção introduzir alguma diversidade, conforto e cor neste espaço. Propôs-se, portanto, *Celtis australis* na zona do estacionamento, de forma a atenuar a sua presença, enquanto que nas zonas reservadas à circulação pedonal e à estadia encontramos as mélias que introduzem sombra e conforto anteriormente inexistente. O bosque acaba por ser uma forma de atracção deste local, conferindo-lhe diversidade vegetal e faunística ao local. Este bosque é constituído por *Cercis siliquastrum*, *Fraxinus angustifolia* e *Quercus faginea*.

O acesso a utentes com mobilidade reduzida é condicionado, neste espaço, sendo apenas possível por automóvel, pois a via de acesso é bastante inclinada. Ainda assim, é compensador para estes utentes acederem até este local pois este comunica com o Baluarte das Ferrarias pelas suas características, merece ser visitado. Por fim, é ainda de destacar que a Casa do Guarda do Paiol de Santa Bárbara foi reabilitada e irá conter instalações sanitárias que irão servir de apoio à área de intervenção.

5.2.5. Baluarte das Ferrarias



Figura 82 – Imagem atual e da proposta para o Baluarte das Ferrarias

O Baluarte da Ferrarias é, no todo da área de intervenção, um dos espaços com maior potencial pois possui excelentes vistas, uma área considerável e o Paiol de Santa Bárbara que permite dar-lhe outra dinâmica.

Decidimos portanto dividir este local em 3 grandes espaços, um de merendas, um em frente ao Paiol, que se materializa numa pequena praça e outro constituído por um grande prado. Estes 3 grandes espaços conferem um grande dinamismo ao local que se apresenta como um espaço multifuncional proporcionando diferentes sensações, ambiências e contrastes ao utilizador.

Ao demolir-se os antigos currais foi possível criar um grande prado que permite uma utilização de toda a área possibilitando todo o tipo de atividades ao ar livre. Isto cumpre um dos objetivos desta proposta: a manutenção das áreas permeáveis.

O estrato arbóreo adquire, neste local, extrema importância, onde a proposta de clareiras e bosquetes se apresenta como um fator bastante importante na criação de ambiências distintas, onde os contrastes luz-sombra assumem um grande valor. Esta criação de ambiências com o estrato arbóreo alia-se também à necessidade de introduzir espécies vegetais para a criação de sombra.



Figura 83 – Planta do Baluarte das Ferrarias

As mélias associam-se à zona de merendas e à praceta em frente ao paiol. É também nesta zona de merendas que encontramos dois ciprestes, que são a imagem de marca dos baluartes, localizando-se mais dois no extremo do grande prado associados ao bosque, o que acaba por criar um contraste interessante através da diversidade de espécies, *Cercis siliquastrum*, *Fraxinus angustifolia* e *Quercus faginea*, que encontramos. Propomos ainda *Prunus cerasifera* 'pissardi' para o topo do edifício do Paiol de Santa Bárbara. A opção pelo Prunus deve-se à sua cor marcante sendo esta espécie, em conjunto com os ciprestes, uma forte referência a partir das áreas envolventes.

Quer o prado proposto, quer a zonas de merendas, dão especial ênfase para a fruição das paisagens alentejanas, tendo toda esta área sido desenhada em torno destas vistas. Mas este local devido à sua posição sobranceira tem também um impacto muito forte para quem o visualiza das zonas envolventes à área de intervenção e, portanto, foi criado um letreiro em mármore com a designação da cidade, sendo

visível das áreas envolventes, que favorece também o recreio neste local por permitir que os utentes subam para cima dele.

O pavimento alterna entre o saibro e a calçada irregular de mármore. Esta distinção ajuda a criar texturas e sonoridades distintas que facilitam a deslocação e a apropriação por utentes invisuais. Para os utentes com mobilidade reduzida propôs-se uma rampa que permite o acesso ao prado e ao bosque.

Por fim, e não menos importante é ainda de destacar a requalificação do Paiol que dá também uma nova vida e dinâmica a esta área. À semelhança Do Quartel anterior, irá albergar atividades artesanais e comerciais típicas de Estremoz e servirá, também, de apoio para outro tipo de eventos e atividades que se localizem nesta zona.

5.2.6. Tapada do Assento e Espaço Adjacente



Figura 84 – Imagem atual e da proposta para a Tapada do Assento e Espaço Adjacente

A Tapada do Assento aumentou a sua área pela anexação de um terreno adjacente que se encontrava ao abandono. Isto permitiu-nos aumentar a área deste local e requalificar um espaço que se encontrava ao abandono e repleto de infestantes.

A intenção foi criar um espaço com uma tipologia de terreiro que favorece a circulação pedonal. Este terreiro, que foi aplanado para permitir uma melhor utilização da sua área, introduz novas funcionalidades, valências e ambiências a este espaço. O contraste para quem se dirige da Rua da Tapada do Assento a este terreiro ensombrado é de facto esplêndido, conferindo-lhe uma imagem bastante confortável, possibilitando o recreio nas horas de maior calor. Este terreiro permite também uma fácil apropriação por parte de utentes com mobilidade reduzida. A diferença de pavimento ajuda a demarca-lo a nível de textura e sonoridades facilitando a sua identificação e apropriação por invisuais.



Figura 85 – Planta do Tapada do Assento e Espaço Adjacente

O ensombramento fornecido pelo estrato arbóreo é conseguido pela utilização de mélias, à semelhança das restantes áreas de estadia. Como a mélia é uma espécie de folha caduca, no inverno este espaço desfrutará de luz solar respondendo, desta forma, às necessidades de sombra no verão e de luz no inverno. Por sua vez o alinhamento de ciprestes que se situa na Rua da Tapada do Assento entra neste espaço e desenvolve-se nos seus limites dando-lhe continuidade e criando um elemento marcante para quem observa das áreas circundantes a este espaço.

Adjacente à Tapada do Assento localiza-se o estacionamento, composto por 7 lugares, que irá servir de apoio aos moradores e eventuais visitantes. Estes dois espaços funcionam então em conjunto, dependendo inteiramente um do outro, pois apesar da Tapada do Assento se apresentar como o local de estadia por excelência, o facto de nela se ter favorecido a circulação pedonal obrigou à criação de uma alternativa para o estacionamento dos moradores.

B - Envoltente do Castelo

5.2.7. Calçada da Frandina

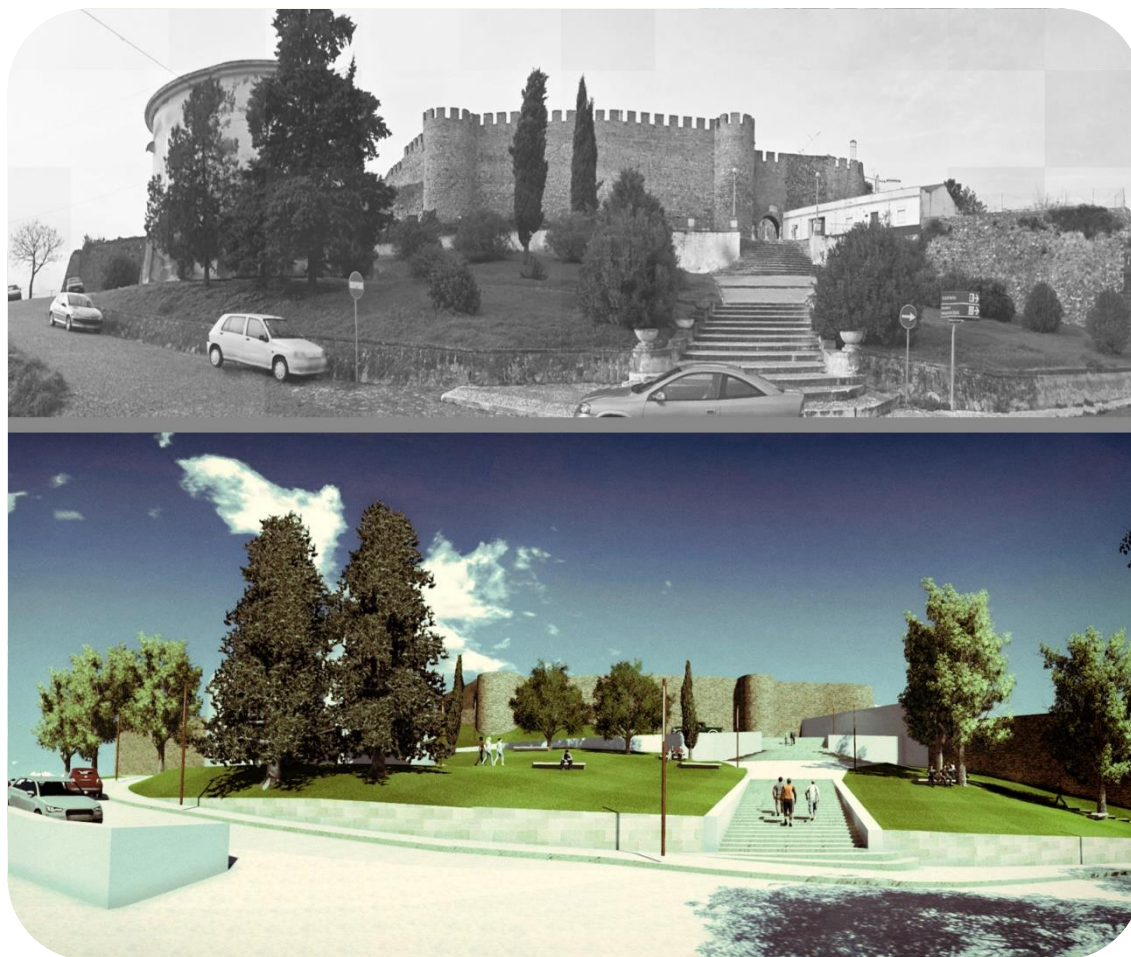


Figura 86 – Imagem atual e da proposta para a Calçada da Frandina

A Calçada da Frandina é, atualmente, o único espaço revestido com vegetação no todo da área de intervenção e, quer por este motivo, quer pela sua posição na área de intervenção, a valorização deste acesso ao castelo é de extrema importância, uma vez que constitui um dos locais de travessia principais para quem se desloca do centro da cidade de Estremoz para o Castelo.

Para dignificar e valorizar mais este espaço, pretendeu-se introduzir novas funções no local e criar novas dinâmicas e ambiências. Era importante transformar a calçada da Frandina num local de estadia contrariando aquilo que se verifica atualmente. Este objetivo é conseguido através da sua inclusão no percurso envolvente à muralha, e pela formalização de estadia através de diversos bancos nas encostas relvadas que, em

semelhança aos bancos do Salto a Cavallo, dão a sensação de estarem suspensos no ar, pois a sua fundação encontra-se dentro da encosta.

Neste espaço, a proposta incide principalmente na articulação com o percurso envolvente à muralha, ficando a Calçada da Frandina praticamente inalterada, com a grande escadaria de mármore, tendo sido apenas retirados os vasos existentes.



Figura 87 – Planta da Calçada da Frandina

Um correto enquadramento do depósito era também necessário. Este elemento, que marca bastante este espaço, introduz atenções indesejadas no local. Não sendo possível demoli-lo tentámos chegar a uma solução de compromisso entre manter o depósito e desmaterializar um pouco a sua presença. A proposta foi então pintar todo o depósito de branco, dando-lhe uma imagem mais limpa e cuidada e que a nosso ver irá atrair menos atenção.

A vegetação, num espaço com esta dimensão, viu retirados os arbusto que se espalhavam indiscriminadamente no espaço reduzindo bastante a área útil, optando-se por manter apenas o estrato arbóreo. O estrato arbóreo não sofreu alterações tendo sido apenas complementado com as mélias e freixos, à semelhança do percurso envolvente à muralha. Ajudou também a enquadrar o depósito existente.

Para resolver o estacionamento informal foram criadas zonas que, para além de conterem lugares de estacionamento para os residentes, constituem também uma alternativa para os visitantes da área, possuindo no total 13 lugares de estacionamento.

5.2.8. Salto a Cavalo / Bancada



Figura 88 – Imagem atual e da proposta para o Salto a Cavalo / Bancada

O Salto a Cavalo foi uma das propostas mais desafiantes no todo da área de intervenção pela pré existência que encontramos nela - uma grande bancada. No entanto, devido ao facto desta se encontrar em elevado estado de degradação e não ter qualquer valor histórico, e por ser uma construção relativamente recente, optámos por demoli-la e criar uma bancada melhor integrada no talude e no espaço que a circunda.

A modificação da bancada acaba por permitir dar a este local, uma imagem mais simples, contemporânea e esteticamente mais apelativa, mantendo as funções atuais e introduzindo outras que lhe irão dar mais valências. Esta bancada torna-se assim num anfiteatro ao ar livre podendo ser utilizada para a realização de eventos ou apenas para deleite das excelentes vistas que este local nos proporciona.

Aproveitando as ambiências já existentes, nomeadamente o contraste entre a clareira e as zonas de sombra, reforçamo-las com a criação de um teto arbóreo. Este teto confere ao local um ambiente intimista e reservado, proporcionando um espaço bastante mais “naturalizado” do que o atual. Este teto arbóreo constituído por *Sophora japonica* vai-se dissipando até desaparecer no conjunto da vegetação associada ao percurso envolvente à muralha.



Figura 89 – Planta do Salto a Cavalos / Bancada

A opção por conferir um novo arranjo ao estrato arbóreo deve-se ao facto do estrato existente, apesar de ser confortável, não ser compatível com a nossa proposta, pois a localização das árvores existentes não era possível de conjugar com os bancos que se pretendia no local. Apesar da solução ideal para este problema ser o transplante das árvores existentes, tal medida não se justifica pela proximidade entre os locais de transplantação, cerca de 2 metros, sendo de propor a retirada do estrato arbóreo atual e a sua substituição por novos exemplares.

A espécie vegetal escolhida acabou por ser a *Sophora japonica* pois é a espécie existente neste espaço mantendo, desta forma, o carácter identitário que esta árvore dá ao local.

A disposição dos bancos alarga também a área da zona da bancada, expandindo-a por todo o talude, permitindo desta forma aos utilizadores a estadia com maior privacidade e intimidade, proporcionando sensações mais calmas a quem frequenta o local. A disposição destes bancos segue o mesmo critério da vegetação e vai-se dissipando até desaparecer.

Os acessos foram também melhorados permitindo um acesso mais fácil e confortável, principalmente para quem chega a este espaço vindo do interior do castelo. O acesso aos bancos espalhados pelo local conta também com patamares nivelados à semelhança do Jardim da Capela da Rainha Santa enquanto aos restantes bancos, por se encontrarem mais isolados, o seu acesso será feito pelo próprio talude.

5.2.9. Jardim do Arco de Santarém

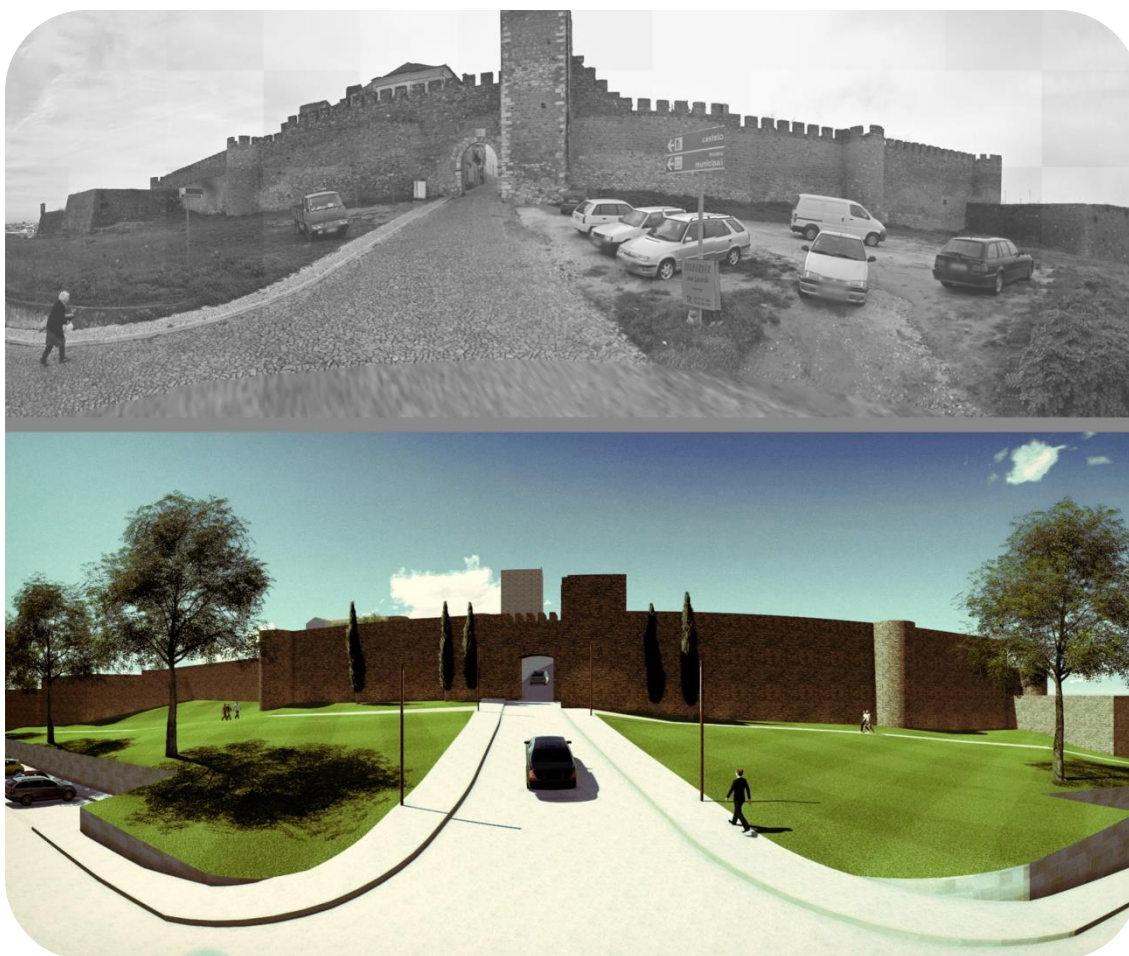


Figura 90 – Imagem atual e da proposta para o Jardim do Arco de Santarém

A zona do Arco de Santarém é uma das entradas principais do Castelo, pelo que era urgente dignificar a sua imagem, com uma proposta que valorizasse o local e que estivesse em harmonia com a muralha.

Optou-se então por manter uma abordagem simples: o terreno foi suavizado para poder suportar um grande prado e o espaço foi incluído no percurso envolvente à muralha permitindo aos utilizadores apropriarem-se deste prado como pretenderem ou usá-lo apenas como local de passagem, evitando assim criar propostas muito complexas que correm o risco de tirar protagonismo à muralha.

Este local, marcado essencialmente pelo estacionamento desorganizado e informal, viu todo o seu estacionamento organizado, contando com 35 lugares, sendo uma das maiores bolsas de estacionamento da área de intervenção. A criação desta área de

estacionamento na entrada principal para o Castelo deveu-se, essencialmente, ao intuito de proporcionar aos visitantes lugares de estacionamento fora do castelo fomentando a circulação pedonal.



Figura 91 – Planta do Jardim do Arco de Santarém

Estes lugares de estacionamento e os passeios adjacentes encontram-se ensombrados graças aos *Celtis australis* associados aos estacionamentos. Estas espécies em conjunto com os ciprestes que se encontram na entrada para o interior do Castelo, acabam por se tornar elementos arbóreos que pontuam e dão conforto ao local contrariando a falta de vegetação verificada anteriormente.

Este desnível suave acaba por ser, também, propício à utilização por utentes com mobilidade reduzida, pois os percursos são todos constituídos por rampas que, apesar de em alguns locais ultrapassarem os limites legais máximos, permitem sempre a circulação de todos utentes. Por sua vez, e não menos importante, os estendais que encontrávamos neste local foram removidos e colocados noutra local próximo onde irão atrair menos atenção. A remoção dos estendais, apesar de não ser obrigatória, pareceu-nos desde o início necessária pois acabam por criar um elemento de distração.

Com esta proposta cria-se assim um espaço que valoriza a muralha, reforçando-a e funcionando em harmonia com a mesma, contribuindo para melhorar a imagem desta área que apresentava, desde cedo, potencialidades por ser um dos acessos mais importantes ao interior do Castelo.

5.2.10. Meio Baluarte de Santo Agostinho



Figura 92 – Imagem atual e da proposta para o Meio Baluarte de Santo Agostinho

O Meio Baluarte de Santo Agostinho apresenta-se atualmente relativamente isolado na área de intervenção, quer por constituir o alçado posterior da pousada, quer por ter acessos difíceis. Assim, não tem portanto uma função adequada ao elemento patrimonial de elevado valor histórico que constitui.

A proposta criada para o Meio Baluarte de Santo Agostinho é bastante simples apresentando uma linguagem ortogonal que, em contraste com o percurso envolvente à muralha, se torna bastante interessante.

A proposta em causa foca-se essencialmente nas vistas para a cidade e na proximidade com a pousada e com o percurso envolvente à muralha introduzindo características e ambiências que irão dar novas sensações e uma nova dinâmica ao local. Isto consegue-

se com a criação de um relvado e de uma zona de miradouro permitindo ao espaço ganhar vida. A criação do percurso envolvente à muralha é também importante pois acaba por inserir o espaço na área de intervenção, dando-lhe expressão e restituindo-lhe valor.

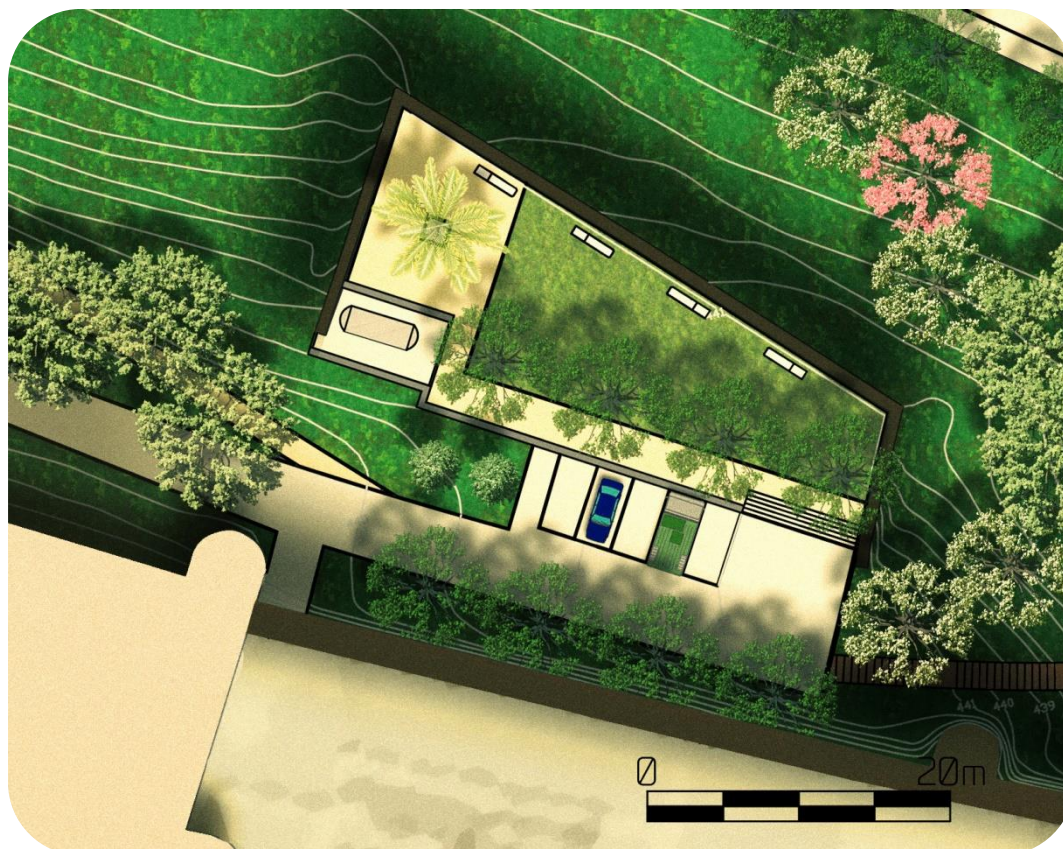


Figura 93 – Planta do Meio Baluarte de Santo Agostinho

Como se prevê que este local tenha alguma afluência devido à sua proximidade com a Pousada e por se situar adjacente ao percurso envolvente à muralha, na elaboração desta proposta, estes factos foram bastante valorizados, pois a posição que este espaço ocupa acaba por lhe dar uma posição central na vertente norte do castelo originando uma maior afluência de visitantes. Este fator ditou a evolução desta proposta permitindo que o produto final cumpra os requisitos de um espaço público que se situa na proximidade da pousada e do percurso envolvente ao Castelo, criando um espaço com características que permitem a estadia e introduzindo ambiências que anteriormente não tinha.

O pavimento em saibro proposto contrasta com a calçada irregular de mármore facilitando a sua identificação e criando um contraste a nível de texturas e sonoridades que facilita a deslocação e apropriação por parte de invisuais.

O estrato arbóreo apresenta-se de forma organizada, onde as mélias fornecem a sombra necessária para dar conforto ao espaço. A plantação de uma palmeira justifica-se pelo facto da existência de um espécime que lhe confere identidade que não queríamos perder. As espécies vegetais deste espaço contrastam com as espécies existentes no bosquete que se situa na encosta norte do castelo.

Sendo um local que possui alguns elementos importantes no funcionamento da pousada optou-se por introduzir estes elementos na nossa proposta dando-lhe uma imagem mais cuidada. É o caso dos caixotes do lixo com o depósito subterrâneo e do depósito de gás que foi colocado atrás duma área cercada.

C - Bairro de Santiago

5.2.11. Baluarte da Nossa Senhora da Saúde



Figura 94 – Imagem atual e da proposta para o Baluarte da Nossa Senhora da Saúde

Este baluarte, relativamente encaixado, é atualmente ocupado por estacionamento e possui uma limitação que condicionou a nossa proposta: é nele que se realizam as festas populares na época de verão do Bairro de Santiago, pelo que a opção por uma zona relvada fica fora de questão.

Para contrariar a degradação que encontramos atualmente a opção passou pela criação de um terreiro em saibro, multifuncional e versátil, podendo suportar eventos e as atividades diárias dos visitantes em conjugação com uma plataforma sobre elevada que facilita as vistas para a paisagem e serve de palco para os espetáculos aqui realizados. A introdução de estadia foi também um ponto importante nesta proposta, conseguido graças à implantação de bancos no local.

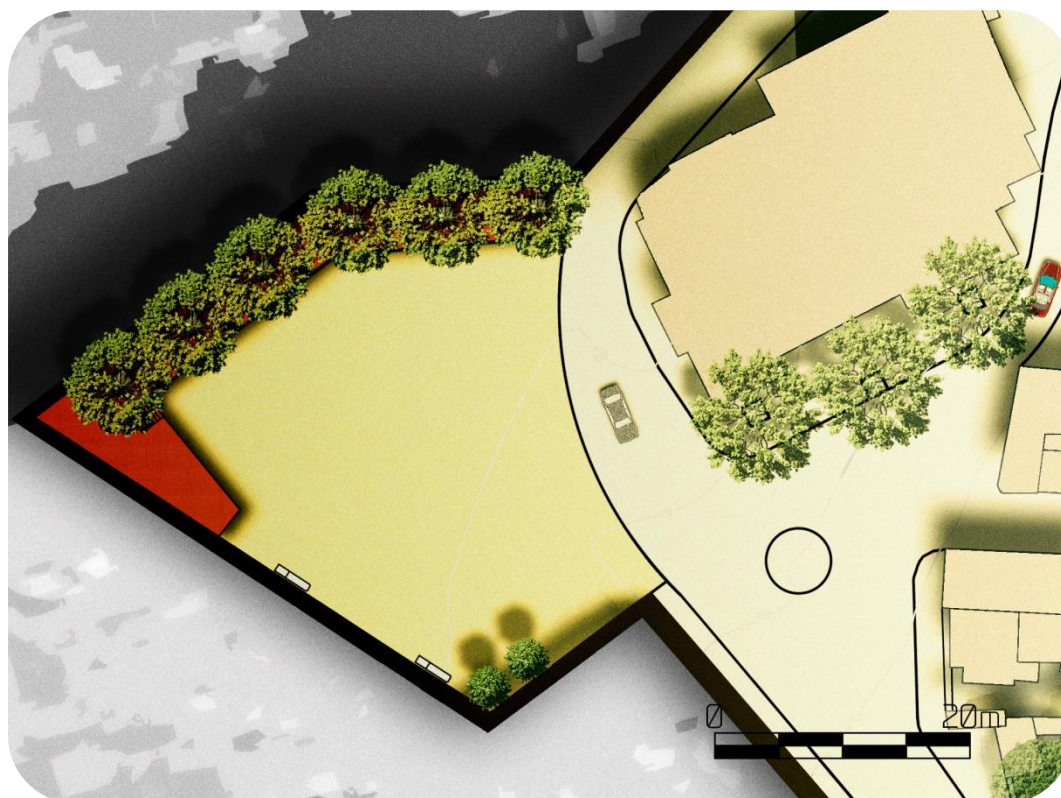


Figura 95 – Planta do Baluarte da Nossa Senhora da Saúde

A plataforma sobre-elevada que acompanha o limite Norte e Este é realizada em aço que quando enferruja ganha uma pátine interessante. É também nesta plataforma que encontramos a guarda por nós elaborada. Esta plataforma permite então um usufruto da paisagem bastante mais confortável, sendo um elemento dinâmico no espaço.

À semelhança do Baluarte de Santiago, a diferença de materialidades e topografias distinguem também zonas de utilização diferentes permitindo uma fácil identificação através do tato e audição, quer pelas diferentes texturas quer sonoridades que estes materiais proporcionam. Neste local não achamos necessária a criação de uma rampa de acesso à plataforma para utentes com mobilidade reduzida pois o Baluarte de Santiago que se situa próximo deste oferece vistas bastante melhores e comporta melhores acessos para estes utentes.

O alinhamento de sóforas que percorre o limite Norte do espaço foi mantido e colmatado para se tornar mais regular, conferindo sombra à plataforma sobre-elevada

que se prevê que seja a zona mais utilizada deste espaço. Encontramos, também, os dois ciprestes que pontuam e identificam os diversos baluartes da área de intervenção.

Por fim, dado que se retirou o estacionamento deste local, criou-se uma alternativa no alçado posterior da Igreja de Santiago, que conta com 8 lugares de estacionamento. Esta alternativa, em conjunto com os lugares de estacionamento criados no Baluarte de Santiago e com os existentes nos Baluartes a Norte do bairro de Santiago (onde não houve uma intervenção), fornecem lugares de estacionamento suficientes para esta zona do bairro.

5.2.12. Baluarte de Santiago



Figura 96 – Imagem atual e da proposta para o Baluarte de Santiago

A proposta para o Baluarte de Santiago viu-se condicionada por um projeto atual que consiste numa rotunda e respetivos triângulos de separação que não se inserem na realidade do bairro e não ajudam a valorizar o local. Não sendo possível retirá-los por terem sido alvo de um investimento avultado recente, tivemos de considerá-los na proposta que aqui apresentamos.

O Baluarte de Santiago foi alvo do projeto que para nós se apresenta como o mais dinâmico pelas diferentes características que possui. Propôs-se para este espaço um campo de jogos, uma zona de merendas e um grande relvado. É detentor de excelentes vistas que dão à área uma grande versatilidade e multifuncionalidade conferindo-lhe um grande potencial.



Figura 97 – Planta do Baluarte de Santiago

O campo de jogos proporciona uma área desportiva polivalente para todo o tipo de atividades e de faixas etárias. A situação em que se encontra, por se encontrar mais fechada e não possuir vistas, pareceu-nos o melhor local para a sua implantação criando, desta forma, alguma proteção neste. Este campo de jogos tem revestimento relvado e a sua envolvente é revestida em calçada irregular de mármore.

Numa cota superior à zona do campo de jogos propôs-se a zona de merendas, que faz contraste com a zona do campo de jogos e a área relvada por se encontrar totalmente ensombrada e pela diferença no revestimento de superfícies, sendo composta pelo conjunto banco e mesa por nós desenhado. Esta zona de merendas apresenta-se como o local ideal para o usufruto das paisagens ou simplesmente como local de estadia.

O relvado apresenta-se como a área mais “natural”, propiciando a estadia informal e as brincadeiras dos mais novos. Este relvado, à semelhança do relvado do jardim da Igreja de Sta. Maria, é atravessado por um percurso efetuado em lajes de mármore bujardadas, evitando a fragmentação do relvado e dando a sensação que se caminha por cima dele.

A mudança na materialidade dos pavimentos consoante a função de cada zona, no Baluarte de Santiago, é bastante importante na demarcação de diferentes texturas e

sonoridades que são extremamente úteis para a percepção espacial de invisuais, permitindo-lhes aperceberem-se que entraram numa zona com funções distintas da que se encontravam anteriormente.

O estrato arbóreo tem como função a criação de diferentes ambiências, desde zonas de cobertas em oposição às zonas de clareira, criando contrastes luz-sombra. A área coberta está associada à área de merendas e as zonas de clareiras estão associadas ao relvado e à zona do campo de jogos. A vegetação é constituída por mélias em semelhança às restantes áreas de estadia, e encontramos também os dois ciprestes como forma de marcar e pontuar este baluarte.

Uma vez que foi retirado o estacionamento informal que existia no local, e dado que a dimensão deste espaço prevê alguma afluência de visitantes, foi criado uma bolsa de estacionamento com 9 lugares que preenche os requisitos do local.

5.2.12.1. Proposta Alternativa para o Baluarte de Santiago

A proposta apresentada para o bairro de Santiago foi desenvolvida com condicionalismos de cariz económico impostos pela Câmara Municipal de Estremoz. A nossa intenção seria remover a rotunda e os respetivos triângulos de separação o que teria proporcionado outra dimensão ao espaço.

Não faz sentido, a nosso entender, manter uma rotunda onde passam pouquíssimos veículos por hora. Esta rotunda acaba por ocupar uma grande área que podia ser utilizada para benefício dos residentes e visitantes do espaço, proporcionando um espaço que valorizasse, realmente, o baluarte e a vivência deste bairro. Com esta rotunda acontece precisamente o contrário pois tem um impacto bastante grande, impondo-se na estética e na imagem deste baluarte.

Assim, apesar de na proposta termos mantido a rotunda apresentamos aquela que seria a nossa proposta caso tivesse sido possível prosseguir com a sua eliminação criando um espaço que se focasse no baluarte, nas pessoas e não na circulação automóvel.

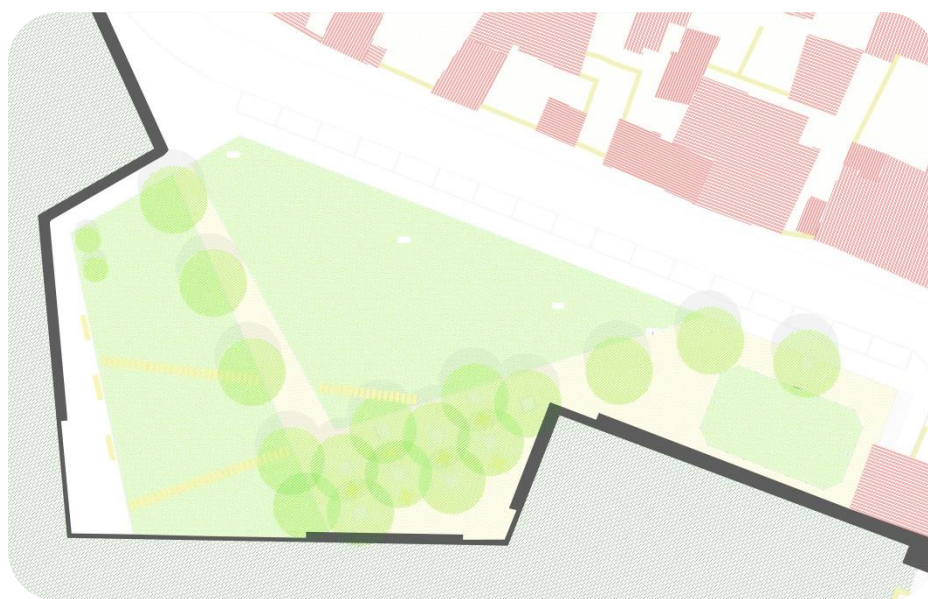


Figura 98 – Planta Alternativa do Baluarte de Santiago – sem escala

Este projeto, apesar de ser na sua essência semelhante ao anterior, difere pelo claro aumento da área relvada, o que favorece a drenagem natural e proporciona um espaço com uma dimensão modesta tendo em conta a realidade urbana do bairro de Santiago.

Este espaço permite então dar uma maior resposta às necessidades da população de espaços abertos públicos que além de uma função recreativa desempenham também funções ecológicas.

5.2.13. Quartéis De Santiago

Além da criação de um polo de comércio e artesanato, a proposta para os Quartéis passa também pela criação de quartos ou pequenas casas que permitem aos visitantes pernoitar na área a preços acessíveis e permitindo, também, a fixação de agregados familiares de pequena dimensão.



Figura 99 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Vista da Entrada

Pareceu-nos interessante explorar este aspeto e estabelecer uma morfologia geral para cada cubículo destes Quartéis. A ideia acaba por dinamizar e dar maior dignidade às zonas dos Quartéis dando-lhes condições de vida mais dignas, mantendo a ambiência exterior de época mas dando-lhe um toque bastante moderno e minimalista no seu interior.



Figura 100 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Vista da Cozinha

O modelo 3D apresentado é exemplificativo daquilo que se pretende para cada cubículo dos Quartéis e mostra de uma forma geral a morfologia pretendida. Estes têm uma dimensão total 5x5m, ou seja, 25m² de área útil mas, ainda assim, conseguiu-se torná-los totalmente funcionais, possuindo todos os confortos de uma habitação tradicional (wc, cozinha, quarto, sala) e diversas comodidades que o tornam o espaço acolhedor e totalmente possível de habitar a tempo inteiro.



Figura 101 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Vista do Quarto

Nas obras de requalificação destes Quartéis os habitantes seriam realojados, pois são ocupados, na sua maioria, por agregados familiares numerosos que conseqüentemente necessitam de mais espaço. Estas pequenas casas tornam-se um importante foco de habitação pois, pela sua dimensão, seriam claramente mais acessíveis de arrendar ou comprar em comparação com uma habitação tradicional. Esta ideia acaba por ir ao encontro de um dos objetivos primordiais deste trabalho, o de fomentar a fixação de novos residentes na área de intervenção.

Tendo em conta que estes cubículos não têm janelas, as paredes encontram-se totalmente disponíveis para a introdução de quadros ou outras peças de decoração que introduzem uma maior dinâmica, vida e cor a cada espaço que, consoante os seus habitantes, irão dar uma identidade própria a cada cubículo. Para resolver o problema de iluminação, pelo facto de não existirem janelas, será também incorporada iluminação em toda a casa que será bastante subtil e irá dar um ambiente luminoso.

Sala



Figura 102 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Sala

Num dos seus extremos irá localizar-se o sofá em contraponto com o grande móvel incrustado, onde encontramos a televisão, estantes, etc. É também nele que encontramos uma pequena lareira que irá dar maior conforto ao espaço durante o inverno. A sala, além de cumprir as suas funções típicas, é também onde se situa grande parte da arrumação de toda a casa, pois os armários permitem armazenar desde roupa a outros itens, não sendo, portanto, esta uma das suas lacunas.

Cozinha

A cozinha é constituída por todos os elementos que encontramos numa casa tradicional, placa de indução, micro-ondas com forno, lavatório e frigorífico. Incorpora também no seu balcão a zona de refeições, e como se aproveitou o próprio balcão para a sua criação, este acaba por dar alguma separação em relação à sala.

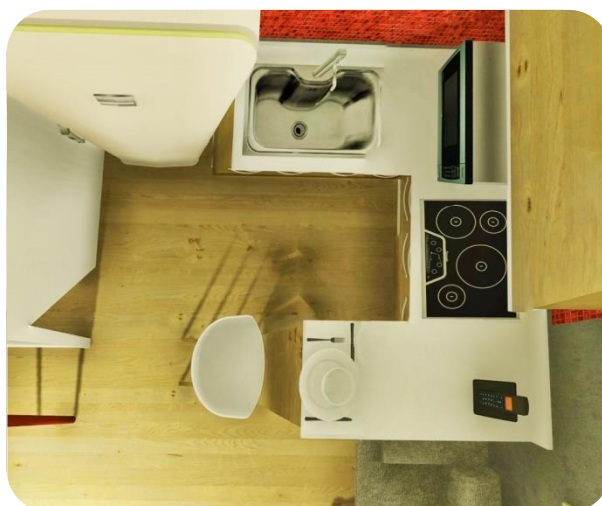


Figura 103 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Cozinha

A arrumação nesta cozinha compacta é maior do que seria de esperar. O balcão em forma de C tem arrumação e os armários por cima acabam por colmatar as falhas arrumação que possam existir neste espaço.

Quarto



Figura 104 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – Quarto

O quarto, em Loft, é localizado por cima da cozinha, onde o acesso se faz por escada. Este layout permite, desta forma, utilizar a área útil do cubículo para a criação da zona de estar, cozinha e wc, sendo estas as áreas mais utilizadas durante o dia. Tendo em conta que quando dormimos estamos deitados não nos pareceu necessário ter na área do quarto altura para nos colocarmos de pé. A ideia de criar a zona da cama neste recanto sob a cozinha tem, também, como objetivo a criação de uma zona acolhedora.

Wc

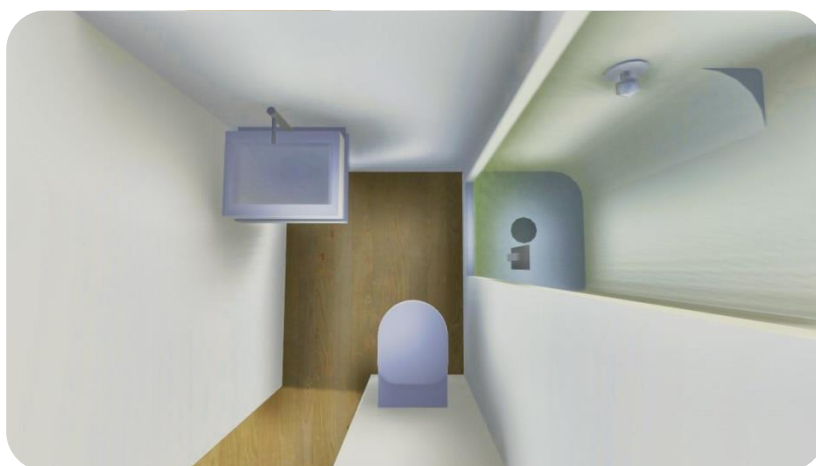


Figura 105 – Modelo Representativo de um Cubículo dos Quartéis – wc

O wc por sua vez é bastante simples e pequeno, sendo constituído apenas por um chuveiro, sanita e lavatório, mas permitindo ainda assim responder às necessidades fisiológicas dos seus habitantes.

6. Requalificação Paisagística do Centro Histórico Medieval da Cidade de Estremoz – Considerações Finais

6.1. Considerações Finais

A realização deste estágio na Câmara Municipal de Estremoz possibilitou-nos fazer a transição da formação académica para o exercício da profissão, permitindo-nos estimular a imaginação e curiosidade e refletir sobre as problemáticas e barreiras da profissão. Consistiu numa experiência gratificante que permitiu, ao mesmo tempo, a aquisição de novos conhecimentos e de novas competências fundamentais à nossa prática como Arquiteto Paisagista.

O desenvolvimento de uma proposta de requalificação do centro histórico medieval de Estremoz revelou-se um grande desafio e uma experiência bastante enriquecedora, por se tratar de um projeto com uma dimensão bastante superior da que, até aqui, estávamos familiarizados a realizar. Para a requalificação começou por se aplicar os princípios e conceitos da Arquitetura Paisagista, promovendo a integração da comunidade e valorizando os espaços do seu quotidiano sob o ponto de vista funcional, estético, ecológico, histórico e cultural.

O culminar deste estágio resultou, para além da elaboração de uma proposta geral para toda a área de intervenção, em 12 projetos pormenorizados, resultado de muitas horas de rascunhos que, por sua vez, deram origem a um traço, um conceito e um projeto. Estes projetos centram-se em objetivos e linhas de pensamento comuns mas, ainda assim, foi importante que cada um possuísse o seu carácter. Não era nossa intenção que os diferentes locais se mimetizassem uns aos outros, o objetivo foi sim potenciar cada local em relação ao seu *genius loci* introduzindo-lhe funções que os dignificassem e valorizassem. Em conjunto com estes espaços surge o património, que pela sua importância e riqueza histórica, cultural, arquitetónica e paisagística, teve um papel central no desenrolar desta proposta.

Foi também possível aprender que, quase sempre, as questões de cariz económico se sobrepõem às ideias que promovem a integração dos espaços sob o ponto de vista funcional, estético, ecológico, histórico e cultural, como é o caso do baluarte de Santiago, onde não concordámos com a manutenção da rotunda e respetivos triângulos. Afinal “as cidades que construímos são o reflexo daquilo que somos, das prioridades que temos e do que valorizamos” (COSTA, 2012, p. 164) pelo que o caminho passa por valorizar os espaços abertos públicos mesmo que isto implique a eliminação de espaços onde foram realizados investimentos avultados por se encontrarem desadequados à realidade onde se inserem.

Este estágio teve no enriquecer dos nossos conhecimentos e competências, um papel bastante relevante, principalmente a nível de edição de imagem. A necessidade de ver os projetos traduzidos numa imagem, próxima daquilo que seriam aquando da sua construção, permitiu-nos criar os modelos que dão uma perceção aos projetos que, de outra forma, não se conseguiria.

Reconhecemos que o nosso estágio, em comparação com um estágio num atelier, poderia ter sido melhor complementado pela realização de um projeto que envolvesse uma equipa interdisciplinar, incluindo também o acompanhamento do desenvolvimento do projeto, desde a sua conceção à sua finalização. No entanto, é da nossa opinião pessoal, que esta proposta de requalificação acabou por ir além daquilo que nos foi inicialmente requerido.

Sentimos que ainda há muito a aprender, pois apesar de termos apreendido o que estava à nossa disposição estamos ainda longe do nível que sempre ambicionamos chegar enquanto Arquiteto Paisagista. Sendo a aprendizagem um processo contínuo ao longo da vida, esperamos um dia ter os conhecimentos e saberes que nos permitam poder ser um excelente profissional no mundo da Arquitetura Paisagista.

Referências Bibliográficas

Adler, D. (1999). *Metric Handbook Planning and Design Data* (2ª edição). Oxford: Architectural Press.

Almeida, C., Mendonça, J., Jesus, M., Gomes, A. (2000). *Sistemas Aquíferos de Portugal Continental*. Obtido de SNIRH - *Sistema Nacional de Informação de Recursos Hídricos*: http://snirh.apambiente.pt/snirh/download/aquiferos_PortugalCont/Introducao_Macico_Antigo.pdf

Biblioteca Exército (n.d.). *Planta e Perfis de um dos Quartéis no Bairro de Santiago*. Obtido de Biblioteca do Exército: http://sidcarta.exercito.pt/bibliopac/imgweb/01/1A-15-20/4270_VIII-1A-15-20.jpg

Bings Maps. (2014). Obtido de Bing: <http://www.bing.com/maps/>

Bogalho, J. M. (n.d.). *Recuperação e Valorização das Muralhas e Portas de Estremoz*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz.

Câmara Municipal de Estremoz. (2006). *Carta Educativa do Concelho de Estremoz - Caracterização do Concelho*. Obtido de Câmara Municipal de Estremoz: http://www.cm-estremoz.pt/ad_conteudos/anexos/fls6_240211111848.pdf

Câmara Municipal de Estremoz. (2008). *Revisão do Plano Diretor Municipal Estremoz - Sistema Biofísico e Paisagístico*. Estremoz

Câmara Municipal de Estremoz. (2008). *Rede Social de Estremoz - Diagnóstico*. Obtido de Câmara Municipal de Estremoz: http://www.cm-estremoz.pt/ad_conteudos/anexos/fls6_31110123821.pdf

Câmara Municipal de Estremoz. (2010). Plano Municipal de Emergência e Protecção Civil. Obtido de Câmara Municipal de Estremoz: http://www.cm-estremoz.pt/ad_conteudos/anexos/fls6_50810092922.pdf

Câmara Municipal de Estremoz. (2013). Revisão do Plano Diretor Municipal. Estremoz.

Câmara Municipal de Estremoz. (n.d.). *Bairro de Santiago*. Obtido de Câmara Municipal de Estremoz: <http://www.cm-estremoz.pt/index.php?it=264&lang=1>

Câmara Municipal de Estremoz. (n.d.). *Localização*. Obtido de Câmara Municipal de Estremoz: <http://www.cm-estremoz.pt/index.php?pa=35&lang=1>

Câmara Municipal de Estremoz. (n.d.). *O concelho*. Obtido de Câmara Municipal de Estremoz: <http://www.cm-estremoz.pt/?pa=11&lang=1>

Cancela D'Abreu, A., Pinto Correia, T., Oliveira, R. (2004). *Contributos para a Identificação e Caracterização das Paisagens em Portugal Continental*. Lisboa: DGOTDU

Cancela D'Abreu, A. (2011). *Ética e Paisagem*. Obtido de Fundação Calouste Gulbenkian: http://www.gulbenkian.pt/images/mediaRep/institucional/FTP_files/pdfs/ambiente2010/S_EticaPaisagem_AlexAbreuSet2011.pdf

Canha, L. (n.d.). *Enquadramento Histórico, Normas de Protecção do Património*. Obtido de Euromachs - Legislação e Património: <http://euromachs.fl.uc.pt/heritage/index.php?page=enquadramento-historico>

Canha, L., Torres, G. (n.d.). *Carta de Atenas sobre o restauro de monumentos – 1931*. Obtido de Euromachs - Legislação e Património: <http://euromachs.fl.uc.pt/heritage/index.php?page=carta-de-atenas-sobre-o-restauro-de-monumentos-1931>

Carrasquinho, A. (n.d.). *Artesanato*. Obtido de Estremoz em Debate: <http://estremozdebate.weebly.com/>

Carta de Atenas. (1931). Carta de Atenas, Conclusões da Conferência Internacional de Atenas sobre o Restauro dos Monumentos. Obtido em 10 de Fevereiro de 2014, de Património Cultural – Direção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeAtenas.pdf>

Carta de Cracóvia. (2000). *Carta de Cracóvia 2000 Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído*. Obtido em 20 de Novembro de 2014, de Património Cultural – Direção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/cartadecracovia2000.pdf>

Carta de Veneza. (1964). *Carta de Veneza, Sobre a conservação e restauro dos monumentos e dos sítios*. Obtido em 10 de Fevereiro de 2014, de Património Cultural – Direção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CartadeVeneza.pdf>

Carta Europeia do Património Arquitetónico. (1975). *Carta Europeia do Património Arquitetónico*. Obtido em 10 de Fevereiro de 2014, de Património Cultural – Direção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/CARTAEUROPEIADOPATRIMONIOARQUITETONICO.pdf>

Centro de Estudos Ataíde Oliveira. (n.d.). *Lenda da Fundação de Estremoz*. Obtido de Centro de Estudos Ataíde Oliveira: <http://www.lendarium.org/narrative/lenda-da-fundacao-de-estremoz/>

Centro de Estudos de Arquitetura Paisagista (n.d.). *Arquitetura Paisagista Ciclovias - Estrutura Ecológica Urbana (EEU)*. Obtido de centro de estudos de arquitetura paisagista: http://www.isa.utl.pt/ceap/ciclovias/new_page_1551.htm#_Toc93398175

Clube Português de Monteiros. (2012). *Unanimidade em Estremoz – a Caça é (ainda) um diamante por lapidar*. Obtido de Clube Português de Monteiros: <http://www.clubemonteiros.com/index.php/noticias/269-unanimidade-em-estremoz-a-caca-e-ainda-um-diamante-por-lapidar>

Convenção Europeia da Paisagem. (2000). *Convenção Europeia da Paisagem*. Obtido em 20 de Novembro de 2014 de: <http://www.gddc.pt/siii/docs/dec4-2005.pdf>

Convenção de Paris. (1972). *Convenção de Paris para a Protecção do Património Mundial, Cultural e Natural*. Obtido em 10 de Fevereiro de 2014, de Património Cultural – Direcção Geral do Património Cultural: <http://www.patrimoniocultural.pt/media/uploads/cc/ConvencaoparaaProteccaodoPatrimonioMundialCulturaleNatural.pdf>

Correia, L. (1994). Obtido de Repositório Digital da Universidade de Coimbra: <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/5534/1/Patrim%C3%B3nio.pdf>

Costa, E. (2012). *Patrimônio e território urbano em cartas patrimoniais do século XX*. Obtido de Centro de Estudos Geográficos da Universidade de Lisboa: http://www.ceg.ul.pt/finisterra/numeros/2012-93/93_01.pdf

Cunha, S. (2004). *As Fortificações de Estremoz. História, Arquitectura e Restauro. A adaptação do Castelo e da Pousada*. Universidade de Évora - Departamento de Planeamento Biofísico e Paisagístico

Escola Secundária Rainha Santa Isabel de Estremoz. (2005-2008). *Projeto Educativo*. Obtido de Drealentejo: <http://www.drealentejo.pt/intranet/deposito/704665/projectoeducativo.pdf>

Filipe, J. (n.d.). *Carta de Veneza sobre a conservação e o restauro de monumentos e sítios – 1964*. Obtido de Euromachs - Legislação e Património:

<http://euromachs.fl.uc.pt/heritage/index.php?page=carta-de-veneza-sobre-a-conservacao-e-o-restauro-de-monumentos-e-sitios---1964>

Filipe, J. (n.d.). *Convenção para a protecção do património mundial, cultural e natural - Paris, 1972*. Obtido de Euromachs - Legislação e Património: <http://euromachs.fl.uc.pt/heritage/index.php?page=convencao-para-a-proteccao-do-patrimonio-mundial-cultural-e-natural---paris-1972>

Gonçalves, L. (2013). *Património Histórico e Arqueológico: Exemplos de intervenção em Évora, Sesimbra e Idanha-a-Nova*. Obtido de Repositório da Universidade de Lisboa: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/10098/2/ULFBA_Lu%C3%ADs%20Jorge%20Gon%C3%A7alves_p.77.pdf

Guia Acessibilidade e Mobilidade para Todos. (2006). *Guia Acessibilidade e Mobilidade para Todos – Apontamentos para uma melhor interpretação do DL 163/2006 de 8 de Agosto*. Porto: Secretariado Nacional de Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade. (n.d.). *Zonas de Protecção Especial – ZPE de Veiros*. Obtido de ICNB - Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade: <http://www.icnf.pt/portal/naturaclas/rn2000/resource/zpe-cont/veiros>

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. (2014). *Plano anual de exploração (PAE) e condições de candidatura ao exercício de caça em ZCM – Zona de caça municipal do concelho de Estremoz*. Obtido de Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas: <http://www.icnf.pt/portal/caca/zc/zcm/resource/doc/evora/14-15/pae/zcm-3400-concelho-estremoz-pae-14-15>

Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas. (n.d.). *Regiões Cinegéticas*. Obtido de Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas: <http://www.icnf.pt/portal/caca/oc/reg-cin#4Reg>

Instituto Geológico y Minero de Españã. (n.d.). *Anticlinal de Estremoz*. Obtido de Instituto Geológico y Minero de Españã: <http://www.igme.es/CYTED/fotosWeb/pages/Anticlinal%20de%20Estremoz%201.htm>

Instituto Nacional de Engenharia, Tecnologia e Inovação. (n.d.). *Breve História Geológica*. Obtido de Introdução Rochas Ornamentais: <http://rop.ineti.pt/rop/images/intro/it2.html>

Lopes, L. (n.d.). *O triângulo do mármore – Estudo geológico*. Obtido de Universidade de Évora, Departamento de Geociências e Centro de Geofísica de Évora: <http://home.uevora.pt/~lopes/olhar/D20.pdf>

Midões, C., Falé, P., Henriques, P., Vintém, C. (n.d.). *Alguns Indicadores Geológicos e Ambientais Indispensáveis ao Reordenamento da Atividade Extrativa - O caso do Anticlinal de Estremoz*. Obtido de LNEG – Laboratório Nacional de Energia e Geologia: <http://repositorio.lneg.pt/bitstream/10400.9/431/1/31174.pdf>

Moreira, J. M. (2008). *Árvores e Arbustos de Portugal*. Lisboa: Argumentum.

Quintas, A., Curado, M. (2010). *XII Colóquio Ibérico de Geografia - Estrutura Ecológica Urbana: sistema multifuncional de desenvolvimento urbano*. Obtido de Faculdade de Letras da Universidade do Porto: <http://web.letras.up.pt/xiicig/comunicacoes/42.pdf>

Serrano, A. (2011). *Water as an Element of Urban Space Construction in Mediterranean Landscapes*. EFLA Regional Congress, (p.14). Estonia.

Sistema de Informação para o Património Arquitetónico. (2011). *Núcleo urbano da cidade de Estremoz / Núcleo intramuros da cidade de Estremoz*. Obtido de Sistema de

Informação para o Património Arquitetónico:
http://www.monumentos.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=24130

Solnit, R. (2010). *Wanderlust: A History of Walking*. Chicago: University of Chicago Press.

Teixeira, M. C., Valla, M. (1999). *O Urbanismo Português Séc. XIII - XVIII Portugal – Brasil*. Lisboa: Livros Horizonte.

Trinca, M. (n.d.) *Carta de Cracóvia 2000 sobre os Princípios para a Conservação e o Restauro do Património Construído*. Obtido em 20 de Novembro de 2014 de Euromachs - Legislação e Património:
<http://euromachs.fl.uc.pt/heritage/index.php?page=carta-de-cracovia-2000-sobre-os-principios-para-a-conservacao-e-o-restauro-do-patrimonio-construido---2000>

Vermelho, J. (n.d.). *A memória de Estremoz*. Estremoz: Câmara Municipal de Estremoz.

Vidiella, À. S. (2008). *Atlas de Arquitectura del Paisaje*. Barcelona: Loft.